

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

MATHEUS DA SILVA LOPES

MANDA BRASA – A VARIAÇÃO DO IMPERATIVO GRAMATICAL NO FALAR
MARANHENSE

SÃO LUÍS

2023

MATHEUS DA SILVA LOPES

MANDA BRASA – A VARIAÇÃO DO IMPERATIVO GRAMATICAL NO FALAR
MARANHENSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Cibelle Corrêa Béliche Alves

Linha de pesquisa: Descrição e Análise do Português Brasileiro

SÃO LUÍS

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Lopes, Matheus da Silva.

Manda brasa : a variação do imperativo gramatical no falar maranhense / Matheus da Silva Lopes. - 2023.

138 p.

Orientador(a): Cibelle Corrêa Béliche Alves.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023.

1. Dialetoлогия. 2. Imperativo gramatical. 3. Maranhão. 4. Sociolinguística. 5. Variação. I. Corrêa Béliche Alves, Cibelle. II. Título.

MATHEUS DA SILVA LOPES

**MANDA BRASA – A VARIAÇÃO DO IMPERATIVO GRAMATICAL NO FALAR
MARANHENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal do Maranhão, como
requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Cibelle Corrêa Béliche Alves

Linha de pesquisa: Descrição e Análise do Português
Brasileiro.

APROVADO EM: 22/09/2023

Profa. Dra. Cibelle Corrêa Béliche Alves
Orientadora - UFMA

Prof. Dr. Luís Henrique Serra
Examinador Externo – PPGLB/UFMA

Profa. Dra. Veraluce da Silva Lima
Examinadora Interna – UFMA

Profa. Dra. Carolina Queiroz Andrade
Suplente - UnB

SÃO LUÍS

2023

À professora Zuleica Barros, minha mãe acadêmica, pelo enorme carinho, cuidado e incentivo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao Universo, na figura de uma divindade maior ou de um ser superior que não me atrevo a denominar, porque acredito que cada um tem sua crença ou descrença em algo. Mas, por acreditar nessa força superior e transcendental e por pensar que ela me move a correr atrás dos meus objetivos, lutar por quem amo e pelo que defendo, agradeço a ela por me ter sido tão generosa e permitido que eu concluísse mais esse ciclo, cuja importância é imensa para mim.

Aos meus pais, que me acompanham desde criança, sempre dispostos a me oferecer a melhor educação possível – dentro e fora de casa – e que foram testemunhas dos meus esforços e conquistas ao longo dos anos e, sobretudo, no decorrer deste mestrado. Meu muito obrigado aos dois por sempre se preocuparem em me dar um futuro, do ponto de vista acadêmico e profissional, e por apoiarem minhas escolhas em ambos os campos.

A Kristhian, meu grande amor e o homem com quem tenho o prazer de dividir minha vida e que, nos últimos meses de redação da dissertação, fez toda a diferença para que eu completasse mais uma etapa na minha caminhada. Obrigado por sempre se colocar ao meu lado, mesmo quando eu desanimava, e por me incentivar a continuar, oferecendo um porto seguro para que eu pudesse descansar. Espero que possamos ter muitos anos e momentos juntos, sempre compartilhando as conquistas e derrotas em nosso caminho. Amo você.

À Beyoncé, rainha da música, uma das minhas favoritas, e, definitivamente, uma inspiração de ouro e inigualável para se alcançar metas. Por sua força, determinação, significado e relevância na minha vida e na de tantos outros, especialmente da comunidade negra, representando nossos sonhos, nossa cultura e nossa ancestralidade diante de um mundo que quer nossa eliminação todos os dias. Obrigado por ser alguém para quem eu pudesse olhar, ouvir e prosseguir.

À Amy Winehouse, cuja música representa para mim um grito de liberdade e uma das expressões mais puras do sentimento humano, da vivência, das dores e das alegrias da vida; cujas melodias nunca param de tocar aos meus ouvidos e me fazer descobrir mais sobre mim mesmo. Meu muito obrigado por jamais ter me abandonado.

A Giacomo Gianniotti, cuja importância em minha vida cresceu nos últimos anos, e que tanto me fez rir, chorar e refletir durante a pandemia da COVID-19, dando conselhos, explicações, lendo poemas e trazendo aspectos do dia a dia para discussão por meio de suas plataformas de mídia e de seu alcance social. Minha gratidão por saber da minha existência e demonstrar carinho por minha pessoa (bem como seus familiares) e por ter me presenteado

com algumas das melhores pessoas que já conheci: o Gianniotti Squad Brazil, a quem também agradeço por todos os dias em que me aguentaram na alegria e na tristeza, celebraram comigo e me deram espaço e energias necessários para superar os momentos de adversidade que tive pelo caminho.

Aos meus amigos, Brandon e Oséias, que aceitaram este desafio comigo em 2019, quando decidimos nos inscrever juntos para a seleção do PPGLetras. Não teria sentido completo sem vocês, porque, mesmo fisicamente distantes, dividimos muitas de nossas conquistas e angústias, compartilhando histórias, instantes e pretensões para nossa trajetória. Obrigado por se juntarem a mim, mesmo depois de quase desistirmos, e por me deixarem acompanhar o processo e evolução de vocês nesse meio tempo, tal qual vocês acompanharam os meus.

Ao meu amigo João, por ter sido um alento em meio às tempestades da vida e da nossa profissão; por ter me convidado a realizar um sonho com ele e, hoje, me permitir ser parte de uma empresa comprometida e bem-alicerçada; por me ouvir, aconselhar, provocar riso e auto avaliação nos momentos mais propícios; por tanto conhecimento e experiências partilhados presencial e virtualmente; pelas oportunidades de trabalho e pelo Festival de Teatro de Imperatriz, uma das nossas atuações mais loucas e cansativas. Gratidão!

A César Rafael, que também está em constante contato comigo, somando e construindo novos saberes e experiências, conversando comigo por horas sobre nossas vivências e trazendo outros pontos da vida que nem sempre estão no meu campo de visão. Obrigado por me escutar e por me deixar falar também. Sabes que te admiro pelo profissional e pessoa que tu és.

Aos meus queridos Thag e Jeilson, amigos e companheiros da (na) vida, pela paciência e carinho de sempre em aturar meus surtos – bons e ruins – durante o processo e partilharem tanto de suas vidas comigo. Vocês sabem que têm meu apoio e amor desde sempre e assim espero que permaneçamos. Muito obrigado por me mostrarem um outro lado da vida.

À Edilla, que também esteve presente no decorrer dessa etapa acadêmica e que, ainda que separada de mim pela pandemia, não deixou de me parabenizar pelas vitórias e de checar como eu estava nesse emaranhado todo. Obrigado pelas palavras de conforto e carinho nesses anos em que nos conhecemos.

À professora Zuleica, quem primeiro leu o meu projeto de pesquisa submetido ao PPGLetras em 2019, e que me foi essencial para não desistir apesar das intempéries; por me tratar como um filho desde a graduação e por ter me iniciado nos estudos da Sociolinguística

durante o Letras-Libras. Foi graças a isso que cheguei aonde estou hoje e, em consequência, me tornei o professor que sou. Meus mais sinceros agradecimentos.

Aos meus amigos, Matheus, Michelle e Yurih. Sei que a quarentena limitou nosso contato físico, mas não deixamos de nos falar sempre que possível. É bom saber que me consideram um norte para vocês, assim como vocês o são para mim em muitos momentos. Espero poder estar com vocês mais vezes para compensar esse tempo que passamos distantes uns dos outros.

À professora Marta Scherre, minha principal referência na redação e desenvolvimento deste trabalho. Agradeço por se disponibilizar na orientação desta pesquisa e pela disponibilização dos materiais, bem como por me contagiar com o interesse em pesquisar a temática de variação do imperativo no estado do Maranhão.

Enfim, a todos que estiveram envolvidos neste trabalho ou mesmo na minha trajetória, minha gratidão. Que este seja o fim de uma etapa e o início de outra igualmente linda e potente.

A vida é curta. Qualquer coisa pode acontecer, e geralmente acontece. Então não há sentido em ficar parado pensando em todos os “se”, “e” e “mas”.

(Amy Winehouse).

Nosso tempo nesta terra é tão precioso. Então não desperdice nenhum segundo dele.

(Giacomo Gianniotti).

RESUMO

Esta pesquisa é um recorte da realidade linguística no estado do Maranhão, que tem por tema a variação de sentenças imperativas. Por meio dos dados coletados pelo Projeto Atlas Linguístico do Maranhão - ALiMA, buscamos investigar a variação do modo imperativo utilizado na construção de sentenças em Língua Portuguesa: o imperativo verdadeiro e o imperativo supletivo (Scherre, 2007). À luz das teorias da Dialectologia e da Sociolinguística, aqui representadas por Cardoso (2010), Labov (2008 [1972]), Scherre et al (2007), entre outros, objetivamos mapear a variação das sentenças imperativas no Maranhão, considerando variáveis sociais e linguísticas. A metodologia de coleta e análise dos dados segue os percursos traçados pelos projetos ALiMA e VarSint, sendo o primeiro a base de dados da qual o *corpus* foi extraído e o segundo, o projeto de pesquisa com o qual o presente estudo estabelece uma interface teórico-metodológica e prática, ao qual o estudo está vinculado. A pesquisa envolve cinco municípios maranhenses, a saber: Alto Parnaíba, Bacabal, Caxias, Imperatriz e São Luís. Esta última, a capital do estado, merece atenção especial devido ao número de informantes e à divisão em duas escolaridades distintas, diferentemente das demais localidades. Os resultados obtidos evidenciam que o estado do Maranhão utiliza majoritariamente o imperativo verdadeiro, dado o expressivo número de sentenças com essa forma no *corpus*. Com base nas rodadas estatísticas realizadas no programa *GoldVarb X*, constatamos que as variáveis diasssexual, diastrática e polaridade da sentença são as que mais influenciam no fenômeno investigado. Dessa forma, o estudo por nós empreendido representa mais um passo na representação do estado dentro do panorama nacional das pesquisas sobre variação linguística e pode servir de embasamento para futuras investigações acerca do mesmo tema.

Palavras-chave: Imperativo gramatical. Maranhão. Dialectologia. Sociolinguística. Variação.

ABSTRACT

This research is a clipping of the linguistic reality in the state of Maranhão, which has as its theme the variation of imperative sentences. Through data collected by the Linguistic Atlas of Maranhão Project - ALiMA, we sought to investigate the variation in the imperative mood used in the construction of sentences in Portuguese: the true imperative and the supplementary imperative (Scherre, 2007). In light of the theories of Dialectology and Sociolinguistics, represented here by Cardoso (2010), Labov (2008 [1972]), Scherre et al (2007), among others, we aimed to map the variation of imperative sentences in Maranhão, considering social variables and language. The data collection and analysis methodology follow the paths traced by the ALiMA and VarSint projects, the first being the database from which the corpus was extracted and the second the research project with which this study establishes a theoretical-methodological and practical interface, to which the study is linked. The research involves five municipalities in Maranhão, namely: Alto Parnaíba, Bacabal, Caxias, Imperatriz and São Luís. The latter, the state capital, deserves special attention due to the number of informants and the division into two distinct schooling levels, unlike the other locations. The results show that the state of Maranhão mostly uses the true imperative, given the significant number of sentences with this form in the corpus. Based on statistical rounds carried out in the *GoldVarb X* program, we found that the diassexual, diastratic and sentence polarity variables are the ones that most influence the investigated phenomenon. In this way, the study undertaken by us represents another step in the representation of the state within the national panorama of research on linguistic variation and can serve as a basis for future investigations on the same topic.

Keywords: Grammatical imperative. Maranhão. Dialectology. Sociolinguistics. Variation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 — Municípios da rede de pontos do Projeto ALiMA.	33
Quadro 2 — Localidades selecionadas para o estudo.....	51
Figura 1 — Carta Linguística – Rede de Pontos do Projeto ALiMA.....	34
Figura 2 — Localização geográfica de São Luís.....	38
Figura 3 — Localização geográfica de Alto Parnaíba.....	39
Figura 4 — Localização geográfica de Bacabal.....	40
Figura 5 — Localização geográfica de Caxias.....	41
Figura 6 — Localização geográfica de Imperatriz.....	42
Figura 7 — Carta Linguística 1 – variável diasssexual.	73
Figura 8 — Carta Linguística 2 – variável diageracional.....	77
Figura 9 — Carta Linguística 3 – variável diatópica.	84
Figura 10 — Carta Linguística 4 – variável diasssexual.	96
Figura 11 — Carta Linguística 5 – variável diageracional.....	101
Gráfico 1 — Distribuição da variável dependente em percentuais.	66
Gráfico 2 — Imperativo verdadeiro e imperativo supletivo x polaridade da sentença, em percentuais.....	69
Gráfico 3 — Imperativo verdadeiro e imperativo supletivo X sexo, em percentuais.	72
Gráfico 4 — Imperativo verdadeiro e supletivo X faixa etária, em percentuais.	76
Gráfico 5 — Imperativo verdadeiro e supletivo X sexo em São Luís, em percentuais.....	93
Gráfico 6 — Imperativo verdadeiro e supletivo X polaridade da sentença em São Luís, em percentuais.....	98
Gráfico 7 — Imperativo verdadeiro e supletivo X faixa etária em São Luís, em percentuais.	100

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Distribuição geral dos dados por variante	64
Tabela 2 — Imperativo verdadeiro X polaridade da sentença.	67
Tabela 3 — Imperativo verdadeiro X sexo.....	70
Tabela 4 — Imperativo verdadeiro X faixa etária.	74
Tabela 5 — Imperativo X localidade.....	79
Tabela 6 — Imperativo verdadeiro X presença/ausência do pronome no contexto discursivo.	85
Tabela 7 — Imperativo verdadeiro X tipo de discurso.....	87
Tabela 8 — Imperativo verdadeiro X paralelismo linguístico	90
Tabela 9 — Imperativo verdadeiro X sexo em São Luís.....	92
Tabela 10 — Imperativo verdadeiro X polaridade da sentença em São Luís.	97
Tabela 11 — Imperativo verdadeiro X faixa etária em São Luís.	99
Tabela 12 — Imperativo verdadeiro X escolaridade em São Luís.	103
Tabela 13 — Imperativo verdadeiro X paralelismo linguístico em São Luís.	105

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALiMA	Atlas Linguístico do Maranhão
DF	Distrito Federal
GT	Gramática Tradicional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBTQIA+	Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, <i>queer</i> , intersexo, assexuais, etc.
MA	Maranhão
MapCult	Mapeamento Cultural da UFBA 2019
NURC	Projeto Norma Urbana Culta
PB	Português brasileiro
PE	Português europeu
PR	Peso relativo
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
VARBRUL	<i>Variable rules analysis</i>
VarSint	Varição Morfossintática com base no Português Maranhense

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 O IMPERATIVO GRAMATICAL: HISTÓRICO, CONCEITOS E VARIAÇÃO	6
1.1. Breve histórico e conceitos-chaves do modo imperativo no português brasileiro ...	6
1.2. Compreendendo o imperativo como um ato de fala diretivo.....	11
1.3. As bases científicas do estudo da variação linguística: a Dialectologia	12
1.4. A Sociolinguística como aporte teórico-metodológico	17
1.5. Os estudos sociodialetais: os dados de variação do imperativo gramatical.....	23
1.6. Considerações.....	30
2 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	32
2.1. O Atlas Linguístico do Maranhão – percurso metodológico	32
2.1.1. O projeto VarSint: variação morfossintática com base no português maranhense 36	
2.2. As localidades pesquisadas.....	37
2.2.1. São Luís	37
2.2.2. Alto Parnaíba	38
2.2.3. Bacabal	40
2.2.4. Caxias	41
2.2.5. Imperatriz.....	42
2.3. As variáveis sociais.....	43
2.3.1. A variável diatópica	44
2.3.2. A variável diassexual	45
2.3.3. A variável diastrática.....	47
2.3.4. A variável diageracional.....	48
2.4. Metodologia complementar.....	50
2.4.1. A escolha das localidades.....	51
2.4.2. As variáveis linguísticas.....	52
2.4.2.1. Presença/ausência de pronome no contexto discursivo.....	53
2.4.2.2. A variável polaridade da sentença.....	56

2.4.2.3. A variável tipo de discurso	57
2.4.2.5. A variável paralelismo linguístico	58
2.5. A quantificação dos dados.....	60
2.5.1. O programa <i>GoldVarb X</i>	60
2.6. Considerações.....	61
3 RESULTADOS OBTIDOS: análise dos dados.....	63
3.1. Amostra geral.....	63
3.2. Variáveis selecionadas pelo programa.....	67
3.2.1. Polaridade da sentença	67
3.2.3. Variável diasssexual	69
3.2.3. Variável diageracional	74
3.3. Variáveis não-selecionadas pelo programa	78
3.3.1. Variável diatópica	78
3.3.1.1. Dados de São Luís	79
3.3.1.2. Dados de Alto Parnaíba	80
3.3.1.3. Dados de Bacabal	81
3.3.1.4. Dados de Caxias	81
3.3.1.5. Dados de Imperatriz.....	82
3.3.1.6. Considerações acerca da variável diatópica	82
3.3.2. Variável presença/ausência de pronome no contexto discursivo	85
3.3.3. Variável tipo de discurso	87
3.3.4. Variável paralelismo linguístico.....	89
3.4. São Luís.....	91
3.4.1. Variável diasssexual	92
3.4.2. Variável polaridade da sentença	97
3.4.3. Variável diageracional	98
3.4.4. Variáveis não-selecionadas pelo programa	102
3.4.4.1. Variável diastrática	102
3.4.4.2. Variável paralelismo linguístico.....	104
3.5. Considerações da seção	106

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
REFERÊNCIAS	112
APÊNDICE	119
APÊNDICE A – CODIFICAÇÃO DAS VARIANTES.....	120

INTRODUÇÃO

A língua corrente, em sua concretização e uso diário, nem sempre funciona da mesma forma como muitos gramáticos costumam postular. O modo imperativo do português brasileiro (PB) sofre variação, conforme apontado por pesquisadores e estudiosos (Scherre, 2003; 2004; 2007; Oliveira, 2017; Faria; Scherre, 2022). Essa variação se dá no nível morfossintático, ou seja, da construção de sentenças, no qual o verbo conjugado no imperativo pode adquirir duas formas: uma indicativa e outra subjuntiva (Scherre, 2007).

Essa discussão tem sido abordada por muitos pesquisadores ao longo dos anos, em diversas partes do Brasil, conforme o estudo de Scherre (2007), que traz um olhar sincrônico e diacrônico do imperativo no português brasileiro (PB). Nas regiões Sudeste e Sul do país, diversas pesquisas empreendidas atestam a variação do imperativo na fala de brasileiros, prova de que a gramática normativa não é seguida à risca pelos usuários e de que a variação é inerente a todas as línguas, sendo um dos fatores que as caracterizam como vivas e dinâmicas. Essa variação parece ter raízes na própria prescrição gramatical.

Conforme Cunha e Cintra (2016, p. 462), o modo verbal é “a propriedade que o verbo tem de indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia”. A Língua Portuguesa dispõe de três modos verbais: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo. O primeiro deles expressa uma certeza diante da ação realizada, em curso ou a ser concretizada; o segundo denota desejo, súplica e certa dúvida diante de algo; já o último – objeto de estudo deste trabalho – expressa, etimologicamente (latim = *imperare*), uma ordem ou comando. No entanto a língua, através de diversas estratégias, também pode, eficazmente, suavizar tal ideia, transformando o modo imperativo em exortações e convites, por exemplo (Cunha; Cintra, 2016).

Embora pareça paradoxal a ideia de que a morfologia verbal do imperativo possa variar a partir de outras duas existentes, é válido lembrar que o modo imperativo ocorre na forma afirmativa e na forma negativa. De acordo com a Gramática Tradicional (GT), na forma afirmativa, o imperativo apresenta formas¹ próprias apenas para a segunda pessoa do discurso (singular e plural), sendo completado, pelas formas subjuntivas; já na forma negativa, o subjuntivo ocupa todas as lacunas, uma vez que o imperativo não possui formas próprias de construção para essa polaridade (Cunha; Cintra, 2016).

Entre as motivações desta pesquisa, estão as constatações empíricas e científicas da existência de duas formas de imperativo na Língua Portuguesa: o subjuntivo e o indicativo

¹ No sentido morfossintático do termo.

(Scherre, 2004; De Souza, 2017). Estas duas formas concorrem atualmente na fala dos usuários da língua em todo o Brasil. Entretanto, a suposição principal que move o presente trabalho parte da necessidade de verificação desse fenômeno no estado do Maranhão, de modo a reafirmar a variação de forma semelhante ao que ocorre em outras unidades da federação. A pesquisa ainda se justifica pela aparente recorrência dessas estruturas morfossintáticas na fala dos maranhenses e, também, por ser uma temática até então pouco explorada a nível local².

Pesquisas como as de Evangelista (2009), Scherre et al (2007), Oliveira (2015), entre outras, atestaram as diferenças regionais presentes no uso das duas formas de expressão do imperativo no português brasileiro, o que significa dizer que o fenômeno é em sua maioria explicado pelo viés diatópico. Projetos como o ALiB comprovam, por meio de seu extenso *corpus*, como os brasileiros de diferentes estados utilizam em seus falares a forma imperativa mais recorrente em seu contexto social (Oliveira, 2015).

A pesquisa de Oliveira (2015) apresenta *corpora* baseados nos dados de fala recolhidos pelo ALiB nas capitais nordestinas, dando enfoque à variação do imperativo nessas cidades. O que concluímos, com base na análise da autora, é que a região Nordeste, no âmbito das capitais, tem preferência pelo uso do imperativo supletivo, à exceção do observado em São Luís do Maranhão, que apresenta um índice maior de uso do imperativo verdadeiro. Isso auxilia a análise de dados desta pesquisa porque traz breves conclusões a respeito do fenômeno estudado a partir dos critérios selecionados pela autora. Além disso, a metodologia do trabalho assemelha-se à que é aqui descrita e contribui para dar prosseguimento ao estudo do imperativo no Maranhão, buscando confirmar ou refutar e compreender as motivações por trás da preferência pelo imperativo verdadeiro (no caso de São Luís) e verificar se o mesmo fenômeno ocorre nos demais municípios definidos no âmbito desta pesquisa.

Conforme Evangelista (2009), a alternância entre o indicativo (*dá/compra*) e o subjuntivo (*dê/compre*) ocorre em outras localidades, como é o caso do estado do Espírito Santo. Ademais, essa mesma variação pode estar relacionada a outros elementos sintáticos das estruturas linguísticas, a saber, os pronomes utilizados na formação de sentenças. É fato que as formas *tu* e *você* se encontram no português falado no Maranhão (Alves, 2010) e a escolha da forma pronominal parece atuar diretamente na seleção da forma verbal que será utilizada na sentença – uma proposição semelhante foi levantada e analisada por Evangelista (2009) ao afirmar que, na região Sudeste, há uma ampla preferência e utilização do *você* em detrimento

² Atualmente, algumas pesquisas estão sendo desenvolvidas por Coutinho (2023) acerca da variação do imperativo no Maranhão em alguns municípios do estado.

do *tu*, o que, conseqüentemente, faz com que o imperativo na forma do indicativo seja predominante nos dados coletados e analisados pela autora (97% das ocorrências). Contudo, apesar de Alves (2010) apontar uso acentuado de *você* em São Luís, a pesquisa realizada por Alves, em 2015, traz dados que atestam maior ocorrência de *tu* na capital, o que reforça a variação pronominal no município e abre margem para relacionarmos esse fenômeno à expressão variável do imperativo.

Essas variações refletem o contexto sociocultural dos falantes e podem sugerir a forma linguística que é mais utilizada por eles como uma marca linguística diatópica dos habitantes do Maranhão, sobretudo da capital São Luís (Paim, 2019).

Desta forma, a pesquisa tem como objetivo mapear a variação linguística das formas imperativas no português falado no Maranhão. Propusemos, ainda, a investigação dos fatores condicionantes do fenômeno estudado e a identificação da forma mais utilizada no estado de acordo com os dados de fala dos municípios selecionados como *locus* de pesquisa. Por último, produzimos cartas linguísticas a partir dos resultados obtidos, de modo a tornar a leitura do fenômeno mais visual e facilitada para estudiosos da área e para leigos.

À luz da Dialetoologia, da Geolinguística e da Sociolinguística Variacionista, aqui representadas por trabalhos como os de Scherre et al (1998), Scherre (2003, 2004, 2007), Scherre et al (2007), Alves (2008a, 2008b), Cardoso (2009), Cardoso (2010), Alves (2010, 2015), Oliveira (2017), entre outros, procuramos ainda analisar os traços da variação do imperativo na fala maranhense sob as hipóteses formuladas para cada uma das variáveis controladas na formação das sentenças imperativas no português brasileiro.

Com o tema escolhido e o aporte teórico definido, alguns questionamentos direcionam nossos esforços no processo investigativo da expressão variável do imperativo gramatical no estado do Maranhão:

- i) Qual das formas imperativas é mais utilizada pelos falantes maranhenses? O imperativo verdadeiro, forma que deriva do indicativo, ou o imperativo supletivo, que deriva do subjuntivo?
- ii) Quais fatores internos ou externos estão condicionando o fenômeno investigado?

A partir dessas indagações e de observações empíricas oriundas da interação social que vivenciamos como falantes da Língua Portuguesa no Maranhão, acreditamos que:

- i) O imperativo verdadeiro é a forma mais utilizada nas localidades pesquisadas, sobretudo na capital do estado, onde um número maior de informantes foi selecionado para os inquéritos do ALiMA e único ponto no qual foram investigados dois níveis distintos de escolaridade: fundamental e universitária.
- ii) A alternância *tu x você* no estado do Maranhão (Alves, 2010; 2015) contribui diretamente para o fenômeno de variação do imperativo.

Metodologicamente, foram adotados os passos utilizados no Projeto ALiMA, cujos dados já existem e estão disponíveis para uma análise mais específica dos fenômenos morfossintáticos mapeados até então. Isso permitiu a criação de um *corpus* com base na amostra já documentada do atlas, configurando um recorte da realidade linguística maranhense através da utilização de questionários voltados aos níveis linguísticos do PB, tal como o Projeto VarSint³, que abarca os aspectos morfossintáticos relacionados à variação e é desenvolvido por pesquisadores que também integram o ALiMA, ambos sediados na Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Após a definição das variáveis, o programa computacional *GoldVarb X* é o suporte estatístico responsável por gerar os percentuais e dados numéricos que servem como base para a análise das informações coletadas a partir dos inquéritos do ALiMA. Essa é uma ferramenta essencial para o tratamento dos dados e sua posterior análise, uma vez que demonstra estatisticamente como o fenômeno se comporta no *locus* de acordo com os critérios estabelecidos e em função das variáveis controladas e codificadas.

Para a pesquisa, selecionamos cinco municípios – Alto Parnaíba, Bacabal, Caxias, Imperatriz e São Luís – que compõem a rede de pontos do Projeto ALiMA (Ramos et al, 2019), de modo a ter todas as mesorregiões incluídas na análise e, conseqüentemente, um panorama maior do fenômeno de variação do imperativo no Maranhão. Ademais, as variáveis linguísticas e sociais definidas serão de suma importância para a compreensão da alternância existente entre as duas formas concorrentes, em que a variável dependente parece estar relacionada a outros fenômenos que podem ser estudados isoladamente e que ajudam a definir a identidade linguística maranhense, assim como evidenciam a heterogeneidade linguística presente na aparente unidade do estado.

³ O "Projeto VarSint: variação morfossintática com base no português maranhense" tem como objetivo principal ampliar e aprofundar as análises sociolinguísticas e o mapeamento dialetal de fenômenos variáveis no português maranhense, com especial atenção aos morfossintáticos. O VarSint está em consonância com o Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA/UFMA) e com o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB/UFBA), projetos que têm nos permitido tirar o máximo de proveito da análise dos dados em uma dimensão espacial, levando, portanto, a reflexões mais profícuas sobre o português do Brasil e, notadamente, o português maranhense.

Cabe salientar que não abordamos questões referentes à avaliação e percepção do fenômeno (Labov, 2008 [1972]; Coelho et al, 2015), uma vez que um trabalho desse porte exigiria um outro viés teórico-metodológico que não se aplica nesta pesquisa. Além disso, o estudo empreendido na presente dissertação se aproxima muito mais aos estudos de primeira onda da Sociolinguística (Eckert, 1996), que correlaciona a variação linguística com aspectos sociais; um estudo de avaliação e percepção do fenômeno se encaixaria mais com a terceira onda, relativamente recente. Portanto, não falamos aqui de prestígio ou juízo de valor sobre uma ou outra variável, preferindo abordar expressões como *mais recorrente*, *mais utilizado*, *uso mais acentuado*, etc.

Por fim, apresentamos a estrutura organizacional do texto ora apresentado, exceptuando esta introdução. A dissertação está dividida em três seções: a primeira apresenta a fundamentação teórica baseada no histórico, nos conceitos principais, nos pilares científicos de estudo da variação e nos trabalhos já realizados sobre o imperativo. A segunda aborda os procedimentos metodológicos empregados nesta pesquisa a fim de chegarmos à análise de dados. A terceira traz os resultados da pesquisa e a discussão por ela suscitada, evidenciando resultados quanti-qualitativos do fenômeno variável em estudo no Maranhão a partir dos dados de fala do atlas linguístico e separando-os em amostra geral (todos os municípios) e amostra específica (São Luís). Encerrando, o tópico *considerações* corresponde às conclusões acerca de todo o estudo e os principais pontos alcançados por meio da coleta e interpretação das informações estudadas, incitando reflexões *a posteriori* e novos trabalhos que deem continuidade ao tema aqui proposto, com outros olhares e diferentes perspectivas teóricas e práticas.

1 O IMPERATIVO GRAMATICAL: HISTÓRICO, CONCEITOS E VARIAÇÃO

Esta seção destina-se a tecer alguns comentários essenciais à compreensão e introdução do imperativo gramatical enquanto fenômeno morfossintático variável que sofre influência de outros níveis linguísticos. Por se tratar de uma morfologia verbal peculiar cuja expressão tem certa relação com o indicativo e o subjuntivo, é pertinente apresentar uma breve revisão de literatura que aborde a evolução do modo imperativo no português brasileiro (PB) e sua caracterização enquanto parte do sistema linguístico, com o intuito de explaná-lo e entendê-lo teoricamente antes de vislumbrá-lo nos dados de fala cotidianos da população maranhense.

1.1. Breve histórico e conceitos-chaves do modo imperativo no português brasileiro

A Língua Portuguesa possui três modos verbais: indicativo, subjuntivo e imperativo. Entre esses três, apenas o imperativo não possui uma morfologia específica, contendo formas verbais próprias apenas para a segunda pessoa do discurso (singular e plural) e somente no tempo presente (Cardoso, 2009; Cunha; Cintra, 2016). Dessa forma, as lacunas deixadas pela morfologia própria do imperativo são preenchidas por meio de “empréstimos” das formas do subjuntivo, tanto no afirmativo quanto no negativo – sendo esse último totalmente composto por formas associadas ao subjuntivo.

Historicamente, isso acontece porque, durante a evolução da língua latina, as formas imperativas acabaram desaparecendo e, para solucionar tal entrave, os usuários da língua acabaram por utilizar outros artifícios que pudessem permitir as expressões imperativas no latim. Diferentemente do português, o latim possuía formas imperativas para o presente e para o futuro e, mesmo nessa época, já havia o uso de formas subjuntivas que supriam a carência morfológica do imperativo (Câmara Jr., 1979 apud Cardoso, 2009).

O imperativo, em Língua Portuguesa, apresenta certa semelhança com a língua latina, da qual evoluiu. A forma de conjugação dos verbos no imperativo, tendo somente as segundas pessoas do discurso como formas próprias, é uma referência direta à herança latina, que apresentava este modo verbal como independente do indicativo. Segundo Scherre (2007), no latim, as formas imperativas só se distinguiam do infinitivo verbal por meio da exclusão da última sílaba como, por exemplo, *laxare* (deixar) para *laxa* (deixa). Assim como nesse exemplo, alguns verbos no PB seguem o mesmo padrão, apesar de não ser uma regra para todos, especialmente a depender do grau de distanciamento entre os interlocutores.

No entanto, diante de tal evidência, se torna impossível negar a influência que o latim apresenta na evolução do modo imperativo dentro do português brasileiro – e também no europeu. E mais ainda: vemos a relação clara de variações do tipo *deixa* vs *deixe* com a mudança no quadro pronominal da língua. Isso porque, como sabemos, há uma coexistência das variantes *tu* e *você* no PB atualmente – embora o *tu* siga a conjugação verbal com base na terceira pessoa do singular (*ele/ela*). Conforme apontado por Scherre et al (2007, p. 194-195),

Pesquisas sobre o português brasileiro em uso têm evidenciado que a alternância *olha/olhe; abre/abra; faz/faça* não apresenta correlação inequívoca com o contexto discursivo de menor ou maior distanciamento, que caracteriza o uso explícito dos pronomes *tu* ou *você* em algumas regiões brasileiras, sem a presença obrigatória da morfologia verbal (cf. SETTE 1980; SOARES 1980; PAREDES SILVA 2003; LOREGIAN-PENKAL 2004; LUCCA 2005).

Assim, na concepção desses autores, o traço de maior ou menor distanciamento entre os interlocutores, isto é, o grau de formalidade discursiva, configura um fator preponderante para a variação das formas verbais imperativas no português brasileiro, haja vista que este difere do português europeu (PE) e do espanhol castelhano, por exemplo – línguas que apresentam o chamado *imperativo verdadeiro*, aquele que possui formas próprias para o modo imperativo para a segunda pessoa (Rivero, 1994; Rivero; Terzi, 1995 apud Scherre et al, 2007). Reforçamos, portanto, o caráter dialetal inerente a essa temática, uma vez que a variação do imperativo está diretamente ligada à reformulação do quadro pronominal do PB e à sua distribuição espacial, ou seja, uma questão geográfica que traz como principal linha investigativa a Dialectologia aliada à Sociolinguística.

Explorando ainda mais a pesquisa realizada por Scherre et al (2000), percebemos que o intuito dos autores era identificar as restrições fonológicas e sintáticas das ocorrências de imperativo na Língua Portuguesa. Para isso, um material de análise foi selecionado e cuidadosamente montado, de modo a compor o *corpus* do trabalho. Segundo os autores, a extração das sentenças imperativas para análise foi feita com base na seguinte divisão:

(1) eventos informais de língua falada em circunstâncias naturais: situações do cotidiano de uma família, reuniões familiares e conversas entre amigos em Brasília – DF (Jesus & Leite, 1995; Freitas, 1995); (2) eventos formais de língua falada em circunstâncias naturais: aulas de alfabetização, de primeiro grau e de curso universitário; aulas de cursos técnicos e reuniões formais de trabalho, também em Brasília (Freitas, 1995; Dettoni, 1995; Dias, 1994, 1995); (3) eventos diversos transmitidos por programas de televisão: diálogos de novela, entrevistas ao vivo, aulas de ginástica, aconselhamento psicológico, aconselhamento jurídico e receitas de chás caseiros (Jesus & Leite, 1995; Freitas, 1995); (4) *Talk book* de Lair Ribeiro - O sucesso (Dias, 1994; 1995). (Scherre et al, 2000, p. 3).

Seguindo essa linha de pensamento, Scherre et al (2007) apresentam uma breve comparação entre o PE e o PB no que tange ao imperativo, sendo o PE “uma língua de classe I” (Scherre et al, 2007, p. 202), isto é, uma língua que possui imperativo verdadeiro e, conseqüentemente, a impossibilidade de negá-lo na construção de sentenças com tom imperativo, além de utilizar de formas supletivas cuja função assume o tom imperativo na construção sintático-discursiva (forma subjuntiva ou indicativa, por exemplo). Já o PB, também “uma língua classe I” (Scherre et al, 2007, p. 203), se diferencia de sua matriz europeia quanto à posição do clítico verbal: enquanto no português europeu, este clítico nunca pode vir em posição inicial ou absoluta (ex.: *Me perdoe pela falta de ontem* – próclise), no português brasileiro, construções desse tipo são mais comuns do que aquelas com o clítico pós-verbal (ex.: *Diga-me com quem tu andas* – ênclise)⁴.

Nesse sentido, é impossível negar que fatores históricos e culturais contribuem para a distinção entre PE e PB no que concerne ao imperativo e suas realizações linguísticas pelos falantes. Na fala de brasileiros, como vários estudos atestam, o imperativo é constituído, majoritariamente, por próclise, sendo mais comum o uso de ênclise em textos com teor formal. Além disso, a distribuição espacial do sistema pronominal reforça essas construções, bem como as variantes do imperativo verdadeiro (*come, faz, diz*) e do imperativo supletivo⁵ (*coma, faça, diga*).

Enquanto formas do imperativo verdadeiro predominam no Sudeste, no Centro-Oeste e em áreas do Sul, formas do imperativo supletivo são mais freqüentes no Nordeste. Além disso, depreende-se uma situação em que o traço [±distanciamento], verificado na expressão do imperativo no português europeu, em articulação com o sistema pronominal, não parece ser relevante ou se evidencia mais difuso e menos codificado no português brasileiro (Scherre et al, 2007, p. 204).

Estudos voltados à mudança do quadro pronominal no PB podem ajudar a explicar o motivo da variação do imperativo no Brasil. Como mencionado, a alternância entre *tu* e *você* nas cidades brasileiras também está condicionada ao uso do imperativo verdadeiro e do imperativo supletivo. Isso permite distinguir, conforme Scherre et al (2007), as regiões cujo uso do imperativo verdadeiro é maior do que o supletivo e vice-versa. Estudos realizados por Menon e Loregian-Penkal (2002) e por Loregian-Penkal (2004), ambos citados por Scherre (2007), atestam os percentuais de variação dos pronomes de segunda pessoa do singular na

⁴ Exemplos hipotéticos da posição do clítico, criados a partir do texto de Scherre et al (2007).

⁵ Importante reforçar que o que denominamos aqui por *imperativo supletivo* nada mais é que o modo imperativo que utiliza as formas verbais do modo subjuntivo na segunda pessoa, como no exemplo hipotético *Venha já aqui*, no qual *Venha* possui uma morfologia cujo sentido expressa uma ordem. Embora a gramática normativa prescreva o uso das formas subjuntivas para a expressão do imperativo, como mencionamos aqui, o PB em sua forma falada admite o uso da forma indicativa *Vem* como possível para a construção da sentença exemplificada.

região Sul do país, sendo que as capitais dos três estados apresentam condições e resultados distintos: Curitiba opta pelo uso exclusivo do *você*, enquanto Porto Alegre e Florianópolis apresentam alto percentual de *tu* (91% e 77%, respectivamente), embora haja uso do pronome *você* também nas duas últimas cidades.

Dados da década de 90 revelam que o Nordeste brasileiro apresenta um uso maior de formas imperativas supletivas ou, em alguns casos, de ambas as formas (verdadeiras e supletivas), conforme documentado em estudos citados por Scherre (2007), inclusive do Projeto NURC⁶. Cidades como Fortaleza, João Pessoa e Recife, áreas de alternância entre *tu/você*, apresentavam percentuais de 35%, 34% e 51%, respectivamente; enquanto Salvador, área com maior uso de *você* até então, tinha média de 28% do uso de imperativo verdadeiro (Sette, 1980; Soares, 1980; Pedrosa, 1999; Alves, 2001; Sampaio, 2001; Jesus, 2006 apud Scherre et al, 2007).

Essas conclusões nos levam a crer que o Maranhão, cuja alternância entre *tu* e *você* também se faz presente, apesar do maior registro de ocorrências desta última forma de tratamento da segunda pessoa (Alves, 2010), também pode apresentar dados de variação nas orações imperativas. O estudo de Alves (2010) dá margem a essa discussão, uma vez que a autora registra 168 ocorrências de *você* no município de São Luís, representando 52,2% dos dados analisados por ela em sua pesquisa – também realizada a partir de dados do Atlas Linguístico do Maranhão. Pensando por essa perspectiva, a conclusão inicial seria de que os falantes maranhenses optam por utilizar formas linguísticas imperativas do tipo *deixa/abre/vai*, hipótese esta que procuramos confirmar ou refutar na análise do *corpus*.

Contudo, Alves (2015) apresenta um panorama diferente: os dados recolhidos pela autora somam incríveis 78,5% de ocorrência de *tu* na fala de ludovicenses (divididos entre 66,8% para *tu sem concordância* e 11,7% para *tu com concordância*). Outras formas registradas (*você*, *cê* e *senhor/a*) não chegam à metade do percentual de dados do pronome *tu*.

Considerando que a configuração da amostra constituída pela autora segue a mesma metodologia geo-sociolinguística proposta pelo ALiB, podemos afirmar, hoje, que o *tu* é um pronome típico do falar ludovicense, e por que não dizer, marca identitária da comunidade, visto sua alta ocorrência mesmo em entrevistas formais estruturadas entre um documentador e um informante. Nossos resultados encontram também um ponto de congruência com outro estudo realizado com dados de falantes ludovicenses, o de Ramos (1996). A observação de que o *tu* resiste à pressão do *você*, sobretudo, entre os mais jovens se mantém atual se considerarmos que a maioria dos informantes que compõe nossa amostra se encaixa entre a faixa etária de

⁶ Norma Urbana Culta, projeto desenvolvido entre as décadas de 70 e 90 em cinco capitais brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife e Salvador.

20 a 32 anos. Pelo visto, a capital maranhense é uma “terra de tu” (Alves, 2015, p. 77).

Como o PB permite a construção imperativa precedida de *você* em duas formas distintas (“*Faz* você a lição”; e “*Faça* sua própria lição”), esse é um dado relevante para se pensar a variação concretizada pelos falantes em sentenças ou verbos no modo imperativo. De acordo com a pesquisa de Scherre et al (2007), essa última forma se encontra com uso reduzido atualmente, levando em consideração que mesmo falantes de *tu* optam por construir sentenças com o verbo conjugado na 3ª pessoa do singular (ele/ela *faz* – tu *faz*).

A variação no imperativo é corroborada indiretamente por Cunha e Cintra (2016, p. 490), quando estes afirmam que as formas próprias do imperativo afirmativo só existem para as segundas pessoas do discurso (*tu* e *vós*) e inexistem para as demais, além do imperativo negativo, que é “integralmente suprido pelo presente do subjuntivo”. Isso formula questões como a levantada por Castilho (2010), “teria o português brasileiro um imperativo próprio?”. Os apontamentos de Scherre (2007) e Scherre et al (2007) comprovam que sim, histórica e comparativamente falando, o PB tem seu modo imperativo constituído, no entanto, esse modo se serve dos outros dois existentes para suprir as lacunas para outros pronomes. Um detalhe interessante na gramática de Cunha e Cintra (2016, p. 303) é que os autores ainda mencionam *você* também como parte do grupo “pronomes de tratamento [...] que valem por verdadeiros pronomes pessoais” no PB e no PE, apesar do crescente uso deste pronome na forma pessoal, em substituição ao *tu*, e do evidente rearranjo do quadro pronominal do PB, como já foi comentado.

1. **Tu e você.** No português europeu normal, o pronome *tu* é empregado como forma própria de intimidade. [...] O seu emprego tem se alargado, nos últimos tempos [...], tendendo a ultrapassar os limites da intimidade propriamente dita, em consonância igualitária ou, simplesmente aproximativa. No português do Brasil, o uso de *tu* restringe-se ao extremo Sul do país e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por *você* como forma de intimidade. *Você* também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior. É este último valor, de tratamento igualitário ou de superior para inferior (em idade, em classe social, em hierarquia), e apenas este, o que *você* possui no português normal europeu, onde só excepcionalmente — e em certas camadas sociais altas — aparece usado como forma carinhosa de intimidade. No português de Portugal não é ainda possível, apesar de certo alargamento recente de seu emprego, usar *você* de inferior para superior, em idade, classe social ou hierarquia (Cunha; Cintra, 2016, p. 305-306. Grifo dos autores).

No trecho citado acima, Cunha e Cintra (2016) reconhecem o uso de *tu* no Brasil e afirmam que este restringe-se somente “ao extremo Sul do país”. Contudo, Alves (2010, 2015) revela o uso recorrente de *tu* em São Luís, que é uma capital nordestina onde a variação pronominal de segunda pessoa ainda acontece.

Os autores mencionam ainda a larga difusão do pronome *você* com função semelhante ao *tu*, em contextos de intimidade. Porém, enquanto no Brasil esse pronome pode ser utilizado entre pessoas de diferentes classes sociais, faixas etárias e hierarquias como forma de intimidade e aproximação entre os interlocutores, no português europeu, esse emprego já não é possível, restringindo o *você* a uma forma de tratamento que ocorre em nível igualitário ou de uma posição hierárquica superior para uma inferior, salvo em algumas camadas sociais altas, nas quais esse pronome é utilizado como forma de intimidade (Cunha; Cintra, 2016).

1.2. Compreendendo o imperativo como um ato de fala diretivo

Conforme Ferreira e Paes (2014), a teoria dos atos de fala é atribuída aos estudos desenvolvidos por Austin em 1962, alegando a existência do que se chamou de “enunciados performativos”. Tais enunciados são considerados aqueles que produzem mudança nos indivíduos que os recebem no instante em que são produzidos por um dos interlocutores. Austin (1962 apud Ferreira; Paes, 2014) propõe três formas de ação pela linguagem, denominadas de locucionária, ilocucionária e perlocucionária, respectivamente. Cada uma dessas dimensões relaciona-se com um tipo de ação exercida pela linguagem, com focos na mensagem (locucionária), no locutor (ilocucionária) e no interlocutor (perlocucionária). Ferreira e Paes (2014, p. 1) comentam que “podemos nortear os dados linguísticos de modo a determinar que um mesmo enunciado ou tipo textual pode ser analisado a partir dessas três esferas de ação”. Em seu artigo, os autores fazem uma análise dos atos de fala diretivos com enfoque nos textos instrucionais – nos quais a presença do imperativo é notória, a partir de uma perspectiva interlocutiva.

Cardoso (2009, p. 6) diz, sobre os atos de fala:

[...] caracterizam-se por conter um objetivo e uma força expressiva, que pode ser suavizada ou não em função da intenção do falante e do efeito que ele quer produzir sobre o outro (cf. Searle, 1969; Mateus et al, 2003: 73-74). Dessa forma, o ato de fala diretivo, uma das categorias dos atos de fala, é aquele que visa obter do destinatário o reconhecimento do que foi expresso pelo falante, e este espera obter um comportamento determinado do seu interlocutor, imprimindo força excessiva de acordo com o seu objetivo.

Aprofundando-se mais na temática, a autora traz o conceito de ato de fala diretivo, mencionado por ela mesma como uma categoria inserida na teoria dos atos de fala. Correlacionando os conceitos com o fenômeno variável aqui abordado, percebemos o encaixe do imperativo dentro dessa categoria, como um ato de fala que busca receber do outro um determinado tipo de ação, expressando, portanto, uma ordem, um pedido, um convite, etc. (Cardoso, 2009). No entanto, há mais de uma forma de expressar um ato diretivo, englobando outros artifícios linguísticos que não o imperativo gramatical. Conforme apresentado por Cardoso (2009) em sua tese, os direcionamentos e ordens podem ser dados por meio de gerúndio, frases nominais, frases interrogativas, com o tempo do indicativo e com o infinitivo, por exemplo. Além disso, a significação e interpretação dessas ordens cabe aos interlocutores, no sentido de como essas sentenças serão expressas: desde o tom de voz até o acréscimo de advérbios ou outros recursos linguísticos que suavizem o que foi dito (Cunha; Cintra, 1985; Mateus et al, 2003 apud Cardoso, 2009). Por fim, a autora conclui:

O imperativo gramatical é, portanto, um ato diretivo cuja realização está associada a fatores de ordem pragmática e discursiva, bem como a processos morfossintáticos que determinam as propriedades de suas formas gramaticais e sua distribuição na estrutura oracional [...] (Cardoso, 2009, p. 7).

Assim, compreender o modo imperativo como um ato de fala diretivo auxilia na percepção de suas propriedades gramaticais e linguísticas, abrindo portas para a compreensão de sua natureza variável e dos fatores que a condicionam.

1.3. As bases científicas do estudo da variação linguística: a Dialetoлогия

Descrever a realidade linguística do Brasil ou de uma região do país não é uma tarefa fácil e, levando em consideração o cenário atual, trata-se de uma atividade relativamente recente – no caso da análise dos dados sociais, culturais e geográficos, por exemplo. Nos últimos sessenta anos, a Linguística se desenvolveu bastante, alcançando novos horizontes teóricos e práticos, de modo a acompanhar a evolução das próprias línguas. Isso ocasionou o surgimento de subáreas específicas e métodos próprios para estudar as estreitas relações entre língua e sociedade, como exemplo, a Dialetoлогия e a Geolinguística, e a Sociolinguística, sendo a Geolinguística o método empregado pela Dialetoлогия para a obtenção de dados e a posterior ilustração dos resultados. Cada um desses campos enfoca, de forma distinta e complementar, as influências que os fatores intra e extralinguísticos exercem sobre o sistema

e sobre seus falantes, criando em cada um deles e nos grupos sociais dos quais participam, múltiplas identidades linguísticas, que expressam suas formas de ser, ver e interagir com o mundo.

Considerando que as línguas são naturais e dinâmicas, é inegável que estas não apresentem variação em seus mais diferentes usos no dia a dia. A relação intrínseca entre língua e sociedade permite que os indivíduos se expressem das mais variadas formas de acordo com as possibilidades apresentadas pelo próprio sistema linguístico – o que comprova que as variações não ocorrem de forma aleatória, tampouco dependem exclusivamente de elementos extralinguísticos (Labov, 2008 [1972]). Dessa forma, alguns dos fatores que contribuem para a existência das variantes linguísticas em um mesmo sistema são a idade, o sexo, a região e o grupo social dos indivíduos, somados às especificidades do próprio sistema linguístico, como a fonologia, a morfossintaxe e o discurso, a nível de exemplificação.

A Sociolinguística Variacionista ou Laboviana, como também é chamada, foi inaugurada em meados dos anos 60, quando pesquisadores da área perceberam a importância de estudar cientificamente as variações e mudanças linguísticas decorrentes de fatores sociais. A língua é parte da estrutura de uma sociedade, sendo um dos seus principais pilares, o que significa que não poderia ser estudada fora de seu contexto de uso, como algo mecânico e isolado (Labov, 2008[1972]; Evangelista, 2009). Com a publicação da obra de William Labov, *Padrões Sociolinguísticos*, em 1972, e com a divulgação do estudo realizado na ilha de Martha's Vineyard, nos Estados Unidos, ficou claro que fatores externos eram essenciais na formação e no uso de uma língua entre seus falantes. O propósito da Sociolinguística é, portanto, analisar, de forma sistemática, a heterogeneidade inerente ao sistema linguístico, de modo a compreender e teorizar sobre os possíveis fatores internos e externos que condicionam os diferentes usos da língua em uma sociedade – dada a inseparável relação de ambos (Labov, 2008 [1972]).

Sobre a Dialetoлогия, Cardoso (2016, p. 13) afirma que “é o ramo da Linguística que se ocupa da descrição dos diferentes usos de uma determinada língua, considerando a distribuição diatópica, os aspectos socioculturais e a cronologia dos dados”. Ainda segundo a autora, os estudos dialetais se desenvolvem entre os séculos XIX e XX, consolidando-se, de fato, neste último após a publicação do *Atlas linguistique de la France*, por Jules Gilliéron e Edmont Edmont. Ambas, Dialetoлогия e Sociolinguística, concentram seus esforços no estudo da variação, embora sob vieses distintos. Atualmente, a Dialetoлогия as aborda por um aspecto pluridimensional, que permite não somente atestar a existência das variações linguísticas, mas também o mapeamento e distribuição cronológica, social e espacial desses fenômenos

(Cardoso, 2016). Por meio da metodologia adotada nos estudos dialetais, é possível construir atlas linguísticos como o ALiB, que evidenciam a grande diversidade linguística existente em nosso país, bem como a diversidade de falantes dessa língua. Já a Sociolinguística, dividida por Eckert (1996) em três ondas distintas, preocupa-se com a variação a partir dos aspectos sociais e econômicos, por exemplo, e analisando como esses fatores influenciam nos fenômenos linguísticos variáveis, (Labov, 2008 [1972]; Coelho et al, 2015) trabalhando com estatísticas que atestam o uso e a distribuição das variantes dentro de uma comunidade. Além disso, aborda também aspectos como o encaixamento e a percepção dos falantes em relação à variação, bem como a avaliação que é feita em prol de uma ou de outra variante⁷.

Aspectos diatópicos, diageracionais, diafásicos, diastráticos e diassexuais fazem parte das informações investigadas por meio da Dialetologia. É possível que em uma mesma região ou em regiões distintas, haja usos linguísticos diferentes que criam uma identidade linguística para um determinado grupo pesquisado. Essas características podem ser melhor visualizadas quando da produção de cartas ou atlas linguísticos que evidenciam cartograficamente as variações da língua através dos pontos pesquisados e dos perfis estabelecidos para a investigação.

Portanto, para que essas variações sejam documentadas – não apenas em números e estatísticas, como na Sociolinguística Quantitativa, mas como dados mais extensos e multidimensionais – a Geolinguística se torna um instrumento necessário e adequado para os fins propostos pela Dialetologia. É preciso considerar que, assim como o próprio nome sugere, a Dialetologia trabalha com os dialetos presentes nas línguas de forma sistemática e regional. Esses dialetos configuram e delimitam as características linguísticas de cada grupo social que, por si só, já é afetado por fatores extralinguísticos, como a idade, o sexo e a escolaridade. Para tanto, Cardoso salienta que

[...] as isoglossas são definidoras de limites, pois, partindo desse princípio, dialeto pode ser conceituado como um feixe de isoglossas, ou seja, um conjunto de linhas imaginárias que unem pontos comuns, ou que separam áreas distintas, que se somam e exibem uma relativa homogeneidade no seio de uma comunidade linguística em relação a outra (Cardoso, 2016, p. 16).

Por fim, temos a Geolinguística como um campo de investigação aliado à Dialetologia (embora esta última não se restrinja somente à Geolinguística) e que contribui para a investigação e catalogação da variação linguística de um sistema. Por meio dela, é possível

⁷ Uma breve discussão sobre esses aspectos é feita no tópico posterior.

estabelecer aspectos espaciais que permitem observar de que forma a variação ocorre em diferentes localidades de uma mesma região. A Geolinguística, assim como a Dialectologia, abordava exclusivamente a dimensão da variação diatópica (Cardoso, 2010). Com o passar dos anos e com as evoluções dos estudos dialetais – sobretudo desde 1920 no Brasil – esse campo se expandiu a um nível pluridimensional, possibilitando o registro, em cartas e atlas linguísticos, dos dialetos pesquisados até então.

Enquanto percurso metodológico, a Geolinguística pluridimensional apresenta uma grande relevância, pois, de acordo com Cardoso (2016, p. 18-19),

O estabelecimento da área a ser investigada define-se em razão de suas características linguísticas, mas também do que diz respeito à situação geográfica, a sua história, ao tipo de povoamento que a marcou e tem marcado, ao desenvolvimento econômico, a sua relação com as demais áreas a serem pesquisadas. Implica, assim, um estudo aprofundado da área, o qual deve preceder ao seu estabelecimento como base de investigação, considerando-se que o lócus do estudo pode ser uma localidade única, um estado, uma região, um país e mesmo um continente [...].

Por meio dessa pontuação, Cardoso (2016) enfatiza a necessidade de um estudo amplo e pluridimensional que abarque as variáveis existentes na língua, provando, mais uma vez, que é impossível estudar a linguagem fora de seu contexto histórico e sociocultural. Além disso, aponta também a diversidade linguística existente em um único *locus*, independentemente de seu tamanho (estado, região, país ou continente).

Portanto, através dos conceitos e histórico de cada uma das áreas, é possível perceber que todas partem do estudo da variação – cada uma à sua perspectiva – e convergem para análises e registros de cunho sociolinguístico, permeadas por diversos fatores internos e externos que motivam e controlam os falares existentes em uma língua. Mais do que isso, notamos uma espécie de “trabalho conjunto” dos três campos disciplinares, no sentido de estabelecer uma metodologia capaz de trazer resultados satisfatórios à comunidade científica dos estudos da linguagem e à sociedade em geral.

À luz desses pressupostos teóricos, trabalhos dialetais de grande relevância surgiram no Brasil e no mundo, com o propósito de fazer descrições detalhadas da variação diatópica através de marcadores sociais que compõem os perfis dos informantes. Uma das iniciativas mais famosas a nível nacional – e, talvez, a mais debatida e referenciada nos últimos anos – é o ALiB, que, nas palavras de Cardoso e Mota (2013, p. 131),

[...] está direcionado para atingir quatro grandes objetivos: (i) a descrição da realidade espacial e, conseqüentemente, a busca de definição de áreas dialetais demarcáveis através de isoglossas; (ii) o fornecimento de dados que possam contribuir para o aprimoramento do ensino-aprendizagem da língua materna; (iii) a indicação de caminhos que explicitem a interface entre os estudos geolinguísticos e os demais ramos do conhecimento, sobretudo trazendo elementos da língua que possam aclarar questões de outra ordem do saber cientificamente organizado; e (iv), por fim mas não em último lugar, o reconhecimento, ou melhor, a apresentação do português brasileiro como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso mas dotado de uma unidade sistêmica.

Segundo as autoras, o projeto conta com uma rede de 250 pontos que inclui diversas cidades do país e as capitais dos estados (com exceção de Brasília e Palmas, devido às suas fundações recentes em comparação às demais capitais). O projeto inicial foi elaborado entre os anos de 1996 e 1998, possui dois volumes já publicados e continua a ser trabalhado até os dias atuais, sendo um importante estudo dialetológico para o Brasil e abarcando informações preciosas para o tratamento sociolinguístico da variação. O perfil dos informantes é construído de forma pluridimensional, possibilitando análises de cunho sociolinguístico e não somente no âmbito diatópico, como no início das pesquisas dialetais.

Cabe ressaltar que o Projeto ALiB não é o primeiro intento de construção de um registro dialetológico e geolinguístico no Brasil. Em fases anteriores da Dialetologia, outros atlas linguísticos foram criados – a maioria, de forma mais específica, isto é, dando ênfase à variação em um determinado estado ou região do país – e estas, por sua vez, influenciaram na criação e desenvolvimento do ALiB, contribuindo informativa e metodologicamente para o atlas em questão (Cardoso; Mota, 2013).

Cardoso e Mota esclarecem ainda que, por se tratar de uma ciência que aborda, sobretudo, a influência espacial na língua, os informantes selecionados para a pesquisa devem ser nascidos ou residentes nas localidades pesquisadas há uma larga quantidade de tempo ou, então, serem filhos dos habitantes de um determinado ponto da rede. Além disso, nas capitais de estado, a escolaridade sofre uma alteração, com o acréscimo de quatro informantes do nível universitário em relação às demais cidades. Aliados a esse fator, encontram-se a faixa etária – dividida em dois grandes grupos (18-30 anos para a faixa I e 50-65 anos para a faixa II) para um melhor conforto linguístico de ambos e também para enquadrar no orçamento do projeto (Cardoso; Mota, 2013) – e o sexo dos indivíduos. Em 2013, conforme as autoras, a quantidade de informantes era de 1.100, espalhados pelos pontos de pesquisa da rede ALiB.

Quanto ao instrumento de pesquisa, o ALiB se vale de questionários específicos para cada nível linguístico e que permitem a coleta dos dados da maneira mais natural possível, visando a espontaneidade do falante (Cardoso, 2010). Os questionários estão divididos em:

fonético-fonológico (incluindo questões de prosódia), morfossintático, semântico lexical, pragmático, temas para discursos semidirigidos, perguntas metalinguísticas e um texto para leitura (*A parábola dos sete vimes*) (Cardoso; Mota, 2013). Por último, ressalta-se que o projeto é dirigido por um Comitê Nacional, que inclui o Diretor Presidente, o Diretor Executivo e os Diretores Científicos.

Por meio do ALiB, surge também o Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), principal banco de dados deste trabalho. O ALiMA busca descrever o cenário linguístico da língua portuguesa falada no Maranhão utilizando, portanto, a mesma metodologia pluridimensional do ALiB e sendo a ele vinculado (Ramos, 2016). Devido às delimitações dialetológicas de pesquisa, o ALiMA selecionou apenas 18 municípios entre as 217 cidades do estado do Maranhão, sendo que tais localidades atendem a todos os critérios de pesquisa adotados pelo atlas nacional.

Assim, a realidade linguístico-cultural maranhense fornece os materiais necessários para a realização desta pesquisa e, como mencionado anteriormente, por não haver muitos enfoques no que diz respeito às formações imperativas no falar maranhense, este estudo apresenta sua contribuição e relevância para a área, trabalhando a partir de informações já existentes e coletadas por meio dos questionários do Projeto ALiMA.

1.4. A Sociolinguística como aporte teórico-metodológico

Considerando a interface entre o ALiMA e o Projeto Variação morfossintática com base no português maranhense (VarSint), do qual esta pesquisa faz parte, é relevante ressaltar que o primeiro apresenta um viés dialetológico, enquanto o segundo se volta mais à Sociolinguística. Isso se dá pela proximidade das duas áreas e pelo objeto, a língua viva, ser amplamente influenciada pelos aspectos socioculturais, econômicos, políticos e ideológicos, sem contar a estrutura da própria língua (Coelho et al, 2015).

Dessa forma, e levando em consideração o foco da Sociolinguística em termos científicos, o fenômeno de variação do imperativo pode e deve ser estudado com esse olhar, em parte por se tratar de uma regra variável. Além disso, é possível perceber, a partir de uma análise apurada e devidamente refinada, quais fatores sociais e linguísticos estão sendo mais relevantes para que a variação ocorra no uso diário da língua e se tal fenômeno pode representar uma futura mudança linguística. Dessa maneira, optamos também por utilizar a Sociolinguística como uma das principais teorias de embasamento desta pesquisa, sobretudo no tratamento das informações coletadas para análise e na construção da metodologia que

determina os passos a serem tomados para se alcançar o objetivo de compreender melhor a alternância entre imperativo verdadeiro e imperativo supletivo no estado do Maranhão.

O que buscamos, além da investigação científica em si, é a identificação do fenômeno variável do imperativo no Maranhão e os possíveis fatores correlatos ao uso dessas formas linguísticas coocorrentes. Tais objetivos configuram um trabalho de primeira onda (Eckert, 1996) do ponto de vista sociolinguístico, que pode ser futuramente expandido por outros pesquisadores.

Como podemos perceber, a variação do imperativo gramatical no PB se caracteriza como um fenômeno morfossintático, visto que versa sobre formas semelhantes de uso de um mesmo modo verbal. Além disso, essa variação, conforme apontado por Scherre et al (2007) e Cardoso (2009) está ligada a um outro fenômeno: o de variação pronominal de segunda pessoa. Dada a estrita relação do pronome com o verbo, cremos que haja influência de um sobre o outro em certos contextos, o que reforça o caráter de morfossintaxe intrínseco à regra variável do imperativo, gerando mais uma razão para investigar o fenômeno.

O que diferirá o rumo desta pesquisa na bifurcação entre Dialectologia e Sociolinguística é, para além de nossa metodologia, a análise de cada grupo de fatores selecionado como variável controlada. Assim, considerando a esquematização do ALiMA, nossa abordagem envereda para um tratamento dialetológico da variação, ainda que também tenhamos contribuições da Sociolinguística enquanto campo disciplinar e teórico-metodológico. Tal análise leva em consideração o fato de a variação não ocorrer de maneira isolada ou aleatória (Paiva; Duarte, 2006), mas estar ligada aos condicionadores, forças que atuam dentro e fora da língua (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]).

Outro aspecto abordado pela Sociolinguística diz respeito ao tempo, dividido em real e aparente. O primeiro corresponde ao tempo cronológico, no qual se investiga as variantes e sua frequência de uso na comunidade eleita para estudo, de modo a averiguar se o fator tempo influenciou no uso de alguma das variantes pesquisadas, aumentando ou diminuindo sua frequência, por exemplo. Segundo Labov (1994), as mudanças linguísticas podem ser observadas e percebidas no passado e no presente, preconizando o tempo real e o tempo aparente, respectivamente.

Já o tempo aparente está mais relacionado à sincronia, isto é, à observação do comportamento e uso linguístico num período específico e definido de tempo. Nesse contexto, insere-se a presente pesquisa, uma vez que, baseado em Labov (2008 [1972]), pode haver uma mudança linguística em jogo, e a investigamos a partir do uso de diferentes variantes por jovens e idosos, no intuito de verificar qual delas tem uma frequência mais aparente, o que

refletiria diretamente na mudança em tempo real. Esse caráter é importante nas pesquisas sociolinguísticas porque pressupõe que uma mesma comunidade se expressa de maneiras distintas a depender da faixa etária.

Sobre isso, Tavares (2011) afirma que:

O esperado é que a recorrência das variantes inovadoras aumente à proporção que diminua a idade dos informantes, do que resulta uma distribuição linear crescente: de um lado da escala, temos a faixa etária mais velha, com as frequências de uso mais baixas ou mesmo com frequência zero, e do outro a faixa etária mais jovem, com as frequências de uso mais elevadas (Tavares, 2011, p. 398).

A autora afirma, de acordo com as informações publicadas por Labov (2008 [1972], 2001), que a observação da variação e da mudança linguística em tempo aparente está ligada à suposição da estabilidade vernacular entre jovens e adultos. No entanto, Tavares (2011) também salienta que o próprio Labov (2001) e outros autores concordam que essa suposição é relativa por estar condicionada a uma série de outros fatores, que podem ou não favorecer o que se espera do vernáculo nessas situações, de modo que a hipótese precise ser revisada antes de ser aplicada na análise do tempo aparente.

Portanto, embora o fator tempo (no que se inclui também a faixa etária dos informantes da pesquisa sociolinguística) seja muito relevante para o bom andamento do estudo de acordo com os objetivos propostos pelo pesquisador, outras fontes também são necessárias para uma coleta de dados pluridimensional. Nesse caso, há que se verificar variáveis como o sexo (no sentido do gênero) dos indivíduos, a escolaridade deles, se for o caso, e outros condicionadores que sejam de interesse para a pesquisa, podendo estes estar relacionados ao extra ou ao intralinguístico.

No caso do sexo dos informantes, a variação linguística ocorre, supostamente devido a diferentes posturas sociais adotadas por homens e mulheres numa comunidade (Labov, 2006), de modo que seus papéis nas sociedades em que estão inseridos impactam diretamente na forma linguística como se expressam. Para Labov (2008 [1972]), o sexo dos informantes é essencial no que corresponde à mudança linguística. Segundo ele, os homens tendem a ser mais inovadores do que as mulheres quando a variante analisada é desprestigiada e o contrário ocorre quando a variante investigada é considerada como uma forma de prestígio social (Labov, 2008 [1972]; Novais; Siqueira, 2020).

Novais e Siqueira (2020) afirmam ainda que as pesquisas sobre gênero e sexualidade têm desempenhado um papel interessante nos estudos sociolinguísticos, uma vez que a comunidade LGBTQIA+ tem sido fortemente inserida nas discussões sobre esse tema, de

modo a tornar o gênero algo além da binaridade homem-mulher. Isso reflete no futuro das pesquisas linguísticas se considerarmos que a própria comunidade supracitada possui formas linguísticas específicas que atualmente estão em investigação científica.

No que tange à escolaridade, este também é um fator extralinguístico fundamental nos estudos da Sociolinguística. Isso acontece porque, ao analisar diferentes escolaridades, se pode ter uma noção da influência da educação formal sobre o uso linguístico dos informantes. Sabe-se que a educação formal em termos linguísticos ainda está fortemente ligada à variedade gramatical da língua. Embora as regras e prescrições contidas na gramática sejam relevantes por uma série de motivos, elas não constituem a única possibilidade de comunicação de uma língua e, em muitos aspectos, difere-se do que é falado no dia a dia pelos sujeitos de uma comunidade.

A esse respeito, Pereira e Araújo (2016, p. 32) pontuam que “a eleição e preservação de determinadas formas linguísticas por parte da escola em detrimento de outras, não deve servir como meio de exclusão ou assegurar rejeições por parte dos falantes acerca de determinadas variedades linguísticas”. Já Silveira e Paiva (1996 apud Pereira; Araújo, 2016, p. 6) dizem que quanto maior o contato do indivíduo com o ambiente escolar, maior é a possibilidade de que as variantes prestigiadas passem a fazer parte de seu repertório, uma vez que essa tentativa de padronização linguística a partir da educação formal pretende levar a um caminho de uso mais acentuado de formas indicadas pela gramática.

Nesse sentido, a Sociolinguística se volta também à escolaridade como uma possibilidade de análise do fenômeno da variação e mudança linguística, considerando que há uma hipótese que aponta para o uso corriqueiro de variedades não-padrão ou desprestigiadas entre indivíduos com baixo ou nenhum contato com a escolaridade formal e para a utilização mais frequente de formas prestigiadas para falantes que tiveram acesso a uma escolaridade formal mais elevada ou mais duradoura. Logicamente, essa suposição não se configura como totalmente verdadeira, pois assim como no caso do sexo/gênero, há que se levar em consideração outros fatores aliados à escolaridade que indicarão os resultados da pesquisa, de forma a atestar ou refutar a veracidade desse pressuposto.

Como parte das investigações sociolinguísticas, há a questão do encaixamento. Esse ponto diz respeito à relação entre fenômeno investigado e a estrutura linguística e social de uma comunidade. “A ideia de ‘estar encaixado’ está ligada à como um fenômeno linguístico variável se relaciona com outro(s) fenômeno(s), (...) entre outros aspectos” (Coelho et al, 2015, p. 79). A partir desse entendimento, e conforme apontam os referidos autores, a compreensão do problema do encaixamento ajuda a perceber a variação/mudança linguística

não como algo aleatório, mas sim como algo condicionado a fatores determinantes, bem como um fenômeno que ocorre dentro de um mesmo sistema e não de uma estrutura inteira para outra (Coelho et al, 2015).

Pensando nesse contexto, o imperativo gramatical, supomos, está relacionado a outros fenômenos, como a variação dos pronomes de segunda pessoa (*tu* e *você*), dado que as formas utilizadas para os dois pronomes, gramaticalmente falando, diferem entre si. Formas como *para*, *faz*, *diz* são gramaticalmente associadas ao pronome *tu*, enquanto as formas mais próximas ao subjuntivo, como *pare*, *faça*, *diga* são ligadas ao pronome *você*. Os dados deste estudo buscam também compreender se essa relação entre os fenômenos variáveis realmente ocorre e até que ponto o uso de um dos pronomes favorece o imperativo verdadeiro ou o imperativo supletivo.

Social e linguisticamente, falando ambas as formas – supletiva e verdadeira – são utilizadas no dia a dia. Os contextos diferem um pouco (o que se verifica empiricamente, mas aqui se busca comprovar cientificamente), porém, é possível supor que o imperativo verdadeiro se relacione mais ao contexto informal com maior proximidade entre os falantes e o supletivo ao contexto formal com menor proximidade entre os falantes, hipótese esta que não é totalmente possível atestar por meio dos dados do ALiMA, considerando o contexto monitorado da entrevista, evocando o paradoxo do observador (Labov, 2008 [1972]).

Outro ponto que convém destacarmos em relação às contribuições da Sociolinguística, enquanto campo de conhecimento teórico e prático aplicado aos nossos objetivos com esta pesquisa, é a possibilidade de percepção e avaliação dos falantes sobre o fenômeno estudado⁸. Ainda que esse aspecto não seja enfatizado aqui por uma escolha de pesquisa, a Sociolinguística permite que estudemos as atitudes dos falantes perante as variações e mudanças que ocorrem no sistema. Nesse sentido, existem dois tipos de avaliação: a linguística e a social. Sobre a primeira, Coelho et al (2015, p. 91) a caracterizam como aquela que “[...] está associada à eficiência comunicativa na interação social, isto é, à utilidade funcional das formas”. Isso significa que os falantes da língua utilizam as formas variantes de acordo com o contexto, com as características de seus interlocutores e com o significado abarcado por tais possibilidades linguísticas. Já a segunda avaliação corresponde ao “[...] comportamento de grupo: os membros de uma comunidade de fala atribuem significados sociais às formas linguísticas” (Coelho et al, 2015, p. 92). Por esse conceito, compreendemos

⁸ Cabe destacar que a metodologia deste trabalho – dada a composição do *corpus* que advém da amostra linguística do Projeto ALiMA e o foco dialetológico da pesquisa – não aborda questões de avaliação e percepção linguísticas, visto o caráter de produção do presente estudo, que o aproxima da caracterização de primeira onda da Sociolinguística (Eckert, 1996).

que os indivíduos de uma comunidade de fala exercem um juízo de valor sobre as formas linguísticas variantes, reagindo positiva ou negativamente a elas e as associando, em muitos casos, a características específicas. Coelho et al (2015) ainda afirmam que a avaliação linguística e a social se correlacionam, dado que a última permeia a primeira.

Mencionar esses pontos se torna relevante à medida que compreendemos que, no tocante à variação das formas imperativas no PB, não parece haver avaliações sociais negativas, ou seja, os falantes parecem não atribuir um valor pejorativo a quaisquer das formas, utilizando-se de ambas, de acordo com fatores intra e extralinguísticos (Scherre, 2003; Cardoso, 2009). Entretanto, por mais interessante que essas informações sejam, o foco desta pesquisa está muito mais centrado na identificação dos possíveis fatores que condicionam e exercem maior influência sobre o fenômeno de variação nas localidades escolhidas do que necessariamente a análise da percepção e avaliação dos falantes em relação a alternância entre imperativo verdadeiro e supletivo, mais uma vez destacando o aspecto predominante de produção nesta pesquisa. Essas questões podem vir a ser abordadas em futuros trabalhos que aprofundem mais a discussão supracitada, uma vez que este é um trabalho de produção (primeira onda) e não de percepção e avaliação linguística (terceira onda) (Eckert, 1996), razão pela qual não comentaremos acerca de prestígio e estigmatização, salvo neste tópico da fundamentação teórica, no qual tratamos de questões e aspectos específicos da Sociolinguística.

Por fim, cabe destacar a importância da estatística nos estudos da Sociolinguística, de modo a evidenciar os dados de variação e possíveis mudanças linguísticas de uma comunidade de fala. Os dados quantitativos são parte extremamente relevante de uma pesquisa variacionista, tanto quanto os próprios dados orais ou escritos. Isso porque a partir do linguístico e, por meio dos aparatos matemáticos da Estatística, é possível traçar resultados numéricos que, interpretados, nos dão acesso às informações linguísticas/qualitativas, de modo que se possa observar em que pé se encontra o fenômeno em estudo, confirmando ou refutando hipóteses levantadas pelos pesquisadores.

Por meio dos dados estatísticos, que nesta pesquisa também se fazem presentes, podemos compreender e verificar matematicamente as porcentagens que indicam como o fenômeno está ocorrendo na língua e quais os fatores que o influenciam (Rabello; Silva Jr., 2020).

Em suma, a Sociolinguística muito tem a contribuir com esta e com outras pesquisas, na medida em que apresenta conceitos relevantes, permite a formulação de hipóteses acerca do objeto de estudo e auxilia na análise e identificação dos fatores de maior peso no processo

de variação da regra investigada, bem como apresenta fenômenos correlatos ao que estudamos, resultando nas interconexões da língua enquanto sistema vivo e heterogêneo (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Coelho et al, 2015).

1.5. Os estudos sociodialetais: os dados de variação do imperativo gramatical

Para tal estudo, várias variáveis foram consideradas, englobando fatores linguísticos e extralinguísticos – sendo alguns deles supostamente mais influentes do que outros para os resultados obtidos. Além disso, as rodadas estatísticas foram de vital importância para quantificar as informações contidas nos excertos selecionados. A relação entre o trabalho empreendido por autores como Scherre et al (2000) e Oliveira (2017) e a pesquisa desenvolvida aqui se dá, para além da semelhança temática, na metodologia, nas variáveis controladas e na forma como se vê uma forma linguística se sobrepor à outra em determinados contextos. Apesar de ter sido realizado com dados de Brasília (DF) duas décadas antes desta pesquisa, o estudo desenvolvido por Scherre et al (2000) aponta para as limitações na variação gramatical do imperativo em língua portuguesa, bem como corrobora as afirmações sociolinguísticas de que a variação é regida por regras e que cada sistema linguístico define os fatores estruturais inerentes a eles que irão controlar o fenômeno variável em adição aos condicionadores socioculturais. Ademais, comprova, mais uma vez, a variação existente entre as formas imperativas no português (Cardoso, 2006; Scherre et al, 2007; Scherre, 2007; Lopes; Alves; Ramos, 2021).

Algumas das constatações feitas pelos pesquisadores são úteis aos propósitos desta dissertação, sendo estas de natureza sintática. As de ordem fonológica, embora interessantes e relevantes, não cabem na perspectiva adotada aqui para a análise do fenômeno em estudo, mas podem servir como base para outras pesquisas a serem realizadas ou mesmo para um futuro aprofundamento do tema sob outro olhar. No momento, as restrições sintáticas elencadas por Scherre et al (2000) são as que darão subsídio à discussão que se pretende estabelecer aqui. Tais restrições dizem respeito a condições contextuais e linguísticas que favorecem ou até mesmo impedem o uso da forma verdadeira ou da forma supletiva no português brasileiro.

Scherre et al (2000) salientam que os textos publicitários, nos quais as formas imperativas aparecem com mais frequência, em geral, optam pelo uso da forma supletiva para geral o efeito adequado de sentido. Segundo os autores, há restrições de ordem sintática que inviabilizam o uso da forma imperativa indicativa/verdadeira em virtude da possibilidade de

preenchimento do sujeito pelos pronomes de segunda e terceira pessoa do singular – sendo estes últimos de natureza anafórica. Tal fato acaba por descaracterizar a função apelativa tipicamente relacionada a esses gêneros, que buscam convencer o interlocutor. Dessa forma, os autores chegam à conclusão de que, para que as sentenças imperativas de um texto publicitário sejam vistas como tal, é estritamente necessário que os verbos estejam na forma subjuntiva, cujo sujeito seja sintaticamente nulo. Assim,

[...], em orações absolutas não encabeçadas por elementos o tipo *talvez* (que podem desencadear o uso do subjuntivo não imperativo), a forma subjuntiva só pode ser interpretada como modo imperativo e, necessariamente, como tendo um sujeito de segunda pessoa do discurso sintaticamente vazio (Scherre et al, 2000, p. 4-5, grifo dos autores).

A partir de tal constatação, é possível perceber que, tanto a nível de escrita quanto a nível oral – já que os gêneros textuais publicitários podem se manifestar de ambas as formas, assim como outros gêneros – parece haver contextos de fala em que apenas uma das formas do imperativo é favorecida. Isso se dá por restrições em níveis linguísticos, como é o caso da sintaxe nos textos publicitários. A alteração da forma verbal usada para gerar a interpretação imperativa resulta em desestruturação total do significado da sentença, perdendo força e, muito dificilmente podendo ser interpretada como tal. Nesse caso, a função apelativa dos gêneros publicitários seria totalmente isenta de sentido, uma vez que a mera possibilidade de preenchimento sintático dos sujeitos por pronomes discursivos apresentaria uma outra interpretação que não remeteria à ideia de convencimento dos leitores. E, partindo desse fato, é possível pensar que, embora em variação, as formas indicativa e subjuntiva do modo imperativo nem sempre serão sinônimas ou intercambiáveis entre si; não se isso afetar o campo dos sentidos, que será limitado e restringido por meio dos artifícios linguísticos do sistema.

Tomemos como exemplo a sentença (a) a seguir:

(a) *Levantem-se!* – Imperativo supletivo⁹.

Nela, é possível perceber o uso do imperativo supletivo, expressando a ideia de comando. É o que Scherre (2003) classifica como estrutura sintática sem diálogo explícito,

⁹ Exemplos adaptados de Scherre (2003). As sentenças identificadas de (a) a (f) são exemplos hipotéticos, não correspondendo, portanto, aos dados coletados nesta pesquisa.

como as que podemos ver em anúncios publicitários, por exemplo. No entanto, se trocarmos o modo verbal para o imperativo verdadeiro, da seguinte forma, em (b):

(b) *Levantam-se!* – “Imperativo verdadeiro”¹⁰.

O caráter imperativo se perderá completamente, abrindo margem a outras interpretações que não a de comando ou ordem. É possível que o interlocutor, ao se deparar com tal sentença, se questione *quem está levantando*, visto que a principal ideia expressa aqui é a de que há um grupo de pessoas que estão realizando, talvez espontaneamente, a ação de levantar e não a ideia de que alguém as está mandando levantar (Scherre, 2003). Essa simples comparação evidencia a impossibilidade de intercâmbio das formas imperativas em contextos específicos, como demonstrado por Scherre (2003). Segundo a autora, o imperativo verdadeiro empregado em contextos sem diálogo explícito raramente ocorre, salvos os casos em que vocativos aparecem junto ao verbo.

O outro ponto levantado pelos pesquisadores corresponde ao uso do número da segunda pessoa do discurso, isto é, singular e plural. Enquanto no primeiro é possível utilizar as duas formas – respeitando os contextos que favorecem o intercâmbio entre imperativo verdadeiro e imperativo supletivo – na segunda, isso nem sempre será possível, uma vez que a forma subjuntiva será quase categórica. Scherre et al (2000, p. 5) afirmam que, “nos eventos de língua falada até então analisados, a expressão do imperativo se dá predominantemente através da forma indicativa”. Diferentemente da língua escrita, cuja ausência de diálogo favorece o uso do subjuntivo, a língua falada parece ter certa predileção pelo imperativo verdadeiro – especialmente em contextos informais.

Contudo, vale ressaltar dois pontos fundamentais para a compreensão, validação e pertinência da conclusão dos autores a esse respeito: o primeiro deles é que essa expressão do imperativo verdadeiro não é 100% presente, ou seja, pode haver casos de uso da forma subjuntiva, como demonstrado pelos próprios pesquisadores, mas há um predomínio dessa forma no singular da segunda pessoa do discurso (*tu* ou *você*). O segundo ponto é que, como mencionado anteriormente, os dados foram coletados em Brasília no início do século e, conseqüentemente, do milênio. Isso significa dizer que não é possível generalizar esse fenômeno para outras regiões e cidades brasileiras e tal processo de variação pode ter se alterado com o passar dos anos, o que é perfeitamente natural. No entanto, as contribuições de

¹⁰ As aspas aqui simbolizam que, embora a autora coloque o exemplo como *imperativo verdadeiro*, a leitura feita é de indicativo, como a própria autora menciona (*cf.* Scherre, 2003).

Scherre et al (2000) são interessantes para analisar e fundamentar aspectos de análise e, assim, estabelecer critérios teórico-metodológicos para a realização de trabalhos posteriores ao deles.

No que diz respeito à segunda pessoa do discurso no plural, há uma mudança nos parâmetros pois, segundo os autores, esta pessoa do discurso parece ser menos flexível quanto ao uso do imperativo verdadeiro. A explicação está, mais uma vez, nas restrições sintáticas e contextuais. Assim como nos textos publicitários escritos, em que não há diálogo, os textos orais analisados pelos autores também fazem do subjuntivo uma forma quase categórica devido à (im)possibilidade de preenchimento do sujeito nulo nas sentenças imperativas. Uma vez que esse sujeito é preenchido, o caráter imperativo da construção se desfaz, dando margem a uma interpretação diferente da original e que, por vezes, é mais forte e clara do que a ideia de comando. Já a forma subjuntiva impede que isso aconteça, deixando claro que se trata de uma sentença com sentido imperativo, não permitindo outras interpretações na maioria dos casos. Os pesquisadores acrescentam ainda que, quando essas sentenças são convertidas do modo supletivo para o modo verdadeiro, pode haver uma tendência à agramaticalidade.

A questão em jogo é de natureza estritamente sintática: uma estrutura tipo *Levantam pra mim* (em vez de *Levantem pra mim*) não apenas causa estranhamento sintático, pelas mesmas razões sintáticas explicitadas acima, mas chega a parecer intuitivamente agramatical (Scherre et al, 2000, p. 5. Grifos dos autores).

Em 2003, Scherre conduziu um estudo que visava analisar a variação do imperativo nas histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*, publicadas no final do século XX. Tal pesquisa apresenta, além do que já se sabe, pontos interessantes que reafirmam a escrita como uma modalidade de uso da língua mais conservadora que a fala no que diz respeito à variedade do imperativo gramatical. A autora analisa as histórias de Maurício de Sousa com base nos dados das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, cujo contexto tem como forma pronominal de segunda pessoa o pronome *você*.

Uma colocação feita por Scherre (2003) é interessante para distinguir a variação do imperativo de outros fenômenos variáveis que ocorrem na língua portuguesa. A pesquisadora pontua que a variação do imperativo – como, por exemplo, *Faça o dever!* e *Faz o dever!* (ambas em contexto de uso do pronome *você*) – não são estigmatizadas, uma vez que tanto os falantes mais escolarizados quanto os menos escolarizados, ou que não passaram pelo processo sistemático de escolarização, utilizam as duas formas e não identificam um “erro” nelas (Faria; Scherre, 2022; Scherre, 2008a [2005]). Isso ocorre porque, segundo a autora,

essa variação “está abaixo do nível de consciência” (Scherre, 2003, p. 2), o que faz com que, independentemente do pronome de segunda pessoa que seja escolhido, os falantes não exerçam, na maioria dos casos, um juízo de valor sobre a fala do outro. Tal situação não ocorre com alguns fenômenos de variação no nível fonológico, como o rotacismo, a título de exemplo.

Os dados recolhidos por Scherre (2003) através dos diálogos da *Turma da Mônica* também têm como contexto principal o uso do pronome *você*, o que sugere mais uma vez o conservadorismo na escrita, mesmo em gêneros textuais de circulação mais ampla. As conclusões apresentadas pela autora são muito pertinentes e, mais uma vez, suas variáveis foram essenciais para a verificação do fenômeno que ocorria no material analisado. Ainda que o contexto de produção favorecesse o uso de *você*, houve uma quantidade significativa e superior de produções com a forma indicativa (57%) em relação à forma subjuntiva (43%). Fatores como o paralelismo linguístico e a polaridade da sentença apresentaram uma visão interessante no panorama global: o fato é que em sentenças com polaridade negativa, houve presença de formas subjuntivas. Ainda assim, a autora reforça que a polaridade negativa apenas limita o uso de estruturas imperativas verdadeiras, mas não elimina por completo a possibilidade de ocorrência.

Outro ponto interessante destacado por Scherre (2003) corresponde à presença e localização dos pronomes na sentença. Um caso particular chama a atenção, pois, segundo a autora, a colocação de um pronome oblíquo de primeira pessoa antes do verbo no imperativo implica no uso da forma verdadeira (*me diz*), enquanto a colocação de um pronome oblíquo de terceira pessoa frente ao mesmo verbo parece resultar tipicamente no uso de uma estrutura verbal imperativa supletiva (*se lembre*).

Baseado nisso, podemos pensar que, no caso da segunda pessoa do singular, uma situação semelhante ocorre quando da alternância no uso de *tu* e *você*. É possível que o oblíquo *te* encaixe mais usualmente com a forma indicativa e o oblíquo *se* (remetendo também à terceira pessoa do singular) combine mais com a forma subjuntiva. Isso não significa dizer que o uso de *te* com subjuntivo e de *se* com indicativo sejam inexistentes, mas sim que este pode ser um fenômeno de ocorrência menos acentuada do que o anterior.

Sobre os pronomes *me*, *nos* e *os*, Scherre pontua:

O efeito dos pronomes do caso oblíquo *me*, *nos*, *os* depois do verbo, no sentido de favorecer categoricamente imperativo associado ao subjuntivo, pode ser visto como reflexo de configurações linguísticas que pertencem a um outro momento da língua portuguesa falada no Brasil, em que se conjugam duas formas em fase de extinção

na fala espontânea e atual das regiões sul, sudeste e centro-oeste: imperativo associado ao subjuntivo e pronome do caso oblíquo [...] (Scherre, 2003, p. 6).

E completa, mencionando o caso do pronome *se* em condições semelhantes:

O efeito do pronome *se*, categórico depois do verbo (“*Divirta-se!*”) e quase categórico antes do verbo (“Então *se prepara* para correr!”, “e *si alembre...*”), no sentido de favorecimento do imperativo associado ao subjuntivo, e o efeito do pronome *me* antes do verbo, no sentido de maior favorecimento do imperativo associado ao indicativo (“*Me faz* um favor!”), apresentam ainda outro aspecto em jogo (cf. Scherre et alii 1998; 2000). Trata-se de possibilidade de perda da leitura imperativa quando a enunciado imperativo se expressa pela forma associada ao indicativo, como em “Então *se prepara* para correr!”. O imperativo na forma subjuntiva assegura a leitura imperativa (Scherre, 2003, p. 6).

O que é enfatizado por Scherre (2003), assim como em Scherre e Brasil (2001), é que o uso das formas subjuntivas categoricamente vai garantir que a leitura das sentenças corresponda ao modo imperativo, o que reduz a probabilidade de outras interpretações semânticas para a estrutura naquele contexto. Tal efeito ocorre tanto no singular quanto no plural. Abaixo, um exemplo de como uma mesma frase pode mudar totalmente de sentido se a forma imperativa for alterada:

- (c) Fique *em casa*. – imperativo supletivo.
- (d) Fica *em casa*. – imperativo verdadeiro.

- (e) *Levantem!* – imperativo supletivo.
- (f) *Levantam!* – “imperativo verdadeiro”.

Isso se traduz explicitamente na fala de Scherre (2003, p.7), quando diz que “Somente o imperativo na forma subjuntiva assegura a leitura imperativa nestes enunciados, mesmo nos diálogos da língua falada”.

Apesar de se tratar da língua portuguesa em ambos os casos, Portugal e Brasil também apresentam diferenças quanto ao uso do imperativo gramatical. Isso porque, no Brasil, a variação está associada a uma questão geográfica e linguística, ou seja, envolve a região e localidade tomada como referência e o pronome de segunda pessoa do singular utilizado pelas comunidades dessas localidades em geral. Scherre (2004) faz um apontamento sobre isso ao dizer que no estado de Minas Gerais, região Sudeste do Brasil, há uso exclusivo de *você*, enquanto que em Salvador, capital da Bahia, no Nordeste, o uso de *você* é predominante, mas

não total. Tal conclusão indica que, no primeiro, o uso de formas indicativas é mais acentuado e, no segundo, as formas subjuntivas se destacam mais.

Já em Portugal, fatores intra e extralinguísticos são levados em consideração quando os falantes precisam construir sentenças imperativas. Esses traços são pontuados por Scherre (2004) como [\pm distanciamento] e incluem o grau de formalidade do discurso, o grau de intimidade entre os falantes e o nível de solidariedade entre os interlocutores. Para além da escolha pronominal, o português europeu evidencia características distintas do português brasileiro quando do fenômeno de variação do imperativo gramatical.

No entanto, as diferenças expostas acima não são *exclusivas* de cada um dos países, apenas são mais notáveis perante os outros fatores que compõem os condicionadores dessa variação e possibilitam ou não o intercâmbio entre forma imperativa verdadeira e forma imperativa supletiva. É perfeitamente possível fazer uma análise do fenômeno aqui pesquisado levando em consideração os traços de [\pm distanciamento] no PB ou usando as localidades e dependências pronominais de segunda pessoa no PE.

Scherre et al (2007, p. 3) afirmam que:

[...] diferentemente do que se observa no português europeu, e também no espanhol castelhano (Rivero, 1994), a alternância olha/olhe; abre/abra; faz/faça, no português brasileiro, não tem relação clara com o traço [+distanciamento], que rege a distribuição deixe/você/seu vs. deixa/tu/teu nessas outras duas línguas. Ao invés de um divisor de interação discursiva, a alternância entre o imperativo verdadeiro e o imperativo supletivo no português brasileiro falado evidencia-se como um marcador geográfico.

Outro trabalho muito relevante para os estudos acerca da variação do imperativo no PB foi o desenvolvido por Oliveira (2017) e publicado na obra *Estudos sobre o português do Nordeste: língua, lugar e sociedade*. A autora realizou um levantamento das ocorrências de variações de estruturas imperativas a partir dos dados coletados pelo ALiB, focalizando as capitais nordestinas, cuja tendência, segundo a própria pesquisadora, é de uso de sentenças imperativas associadas ao subjuntivo (Oliveira, 2015, p. 2 apud Oliveira, 2017).

Nesse trabalho, Oliveira (2017) apresenta a região Nordeste como sendo uma variação em que, apesar de ser considerada de forma geral como uma região de produções predominantemente subjuntivas, apresenta variações do uso de sentenças imperativas por parte dos falantes de algumas capitais. Ela esclarece ainda que a pesquisa era preliminar, uma vez que somente as capitais foram selecionadas para o estudo e o fenômeno da variação pode se estender para outros municípios não investigados até então. Contudo, é possível perceber e

confirmar que algumas dessas capitais fazem uso do modo subjuntivo na elaboração das estruturas imperativas, como é o caso de Salvador, na Bahia.

Uma conclusão importante apresentada por Oliveira (2017) sobre esse estudo foi a de que a capital maranhense, São Luís, possuía uso predominante de sentenças associadas ao indicativo, representando um total de 68% do total de ocorrências no município e sendo a capital com o peso relativo mais alto registrado na pesquisa (0,84). Esse fato se conecta e confirma o que mostram os dados do ALiMA: São Luís é um município com maior uso de formas indicativas pelos falantes. Além disso, no estudo de Oliveira (2017), o fator “cidade” foi o mais relevante entre todas as variáveis selecionadas pelo programa *GoldVarb X*. Entretanto, essa informação será útil e melhor explorada na seção seguinte, que tratará da metodologia da pesquisa e trará pontos de conexão com o trabalho de Oliveira (2017) e de outros autores já citados aqui.

1.6. Considerações

Por todas as questões aqui apresentadas e já iniciadas por outros pesquisadores, tal como exemplificado acima, optamos por estudar o fenômeno de variação do imperativo gramatical sob a perspectiva de traços sociais e linguísticos que possivelmente influenciam na ocorrência desse fenômeno. Pela natureza do trabalho e pela óbvia incapacidade científica e humana de abordar todos os pontos, apenas algumas variáveis foram selecionadas e estão devidamente descritas na seção referente à metodologia.

No entanto, isso em nada diminui o valor das variáveis não trabalhadas aqui. Pelo contrário, realça o fato de que um mesmo fenômeno pode ser visto sob óticas diferentes e apresentar resultados igualmente relevantes. Ademais, as variáveis sociais aqui estudadas já estavam predeterminadas pela estratificação da amostra do Projeto ALiMA, de onde o *corpus* foi retirado para a realização desta pesquisa.

O objetivo desta seção conforme mencionado no início, foi apresentar o objeto de estudo do presente trabalho. À luz de pesquisas já realizadas por diversos autores – no âmbito da Sociolinguística ou não – pode-se perceber a complexidade e profundidade dos estudos sobre o imperativo na Língua Portuguesa e que o fenômeno da variação em sentenças com esse modo verbal se dá no país inteiro e possui relação com a variação pronominal de segunda pessoa, existente no português brasileiro e no português europeu. Outros estudos sobre o imperativo também já foram realizados além dos que foram mencionados aqui, mas não haveria espaço suficiente para destrinchá-los ou citá-los nesta seção, sem contar que fugiria à

proposta desta pesquisa e de seus objetivos, uma vez que nem todas as pesquisas documentadas sobre o imperativo têm um viés semelhante ao que se apresenta aqui.

Baseado nos resultados já obtidos por outros pesquisadores em trabalhos realizados nas cinco regiões brasileiras, o foco desta pesquisa está centrado no estado do Maranhão, cuja representatividade ainda não é tão mencionada quanto a de outros estados nordestinos. A amostra do ALiMA permitirá confirmar ou refutar a existência da variação entre as formas verdadeira e supletiva nas sentenças imperativas. Na seção seguinte, explanaremos a metodologia que possibilitou a realização deste trabalho: desde os critérios adotados para a análise até a influência desses aspectos sobre os resultados que os dados proporcionaram aos pesquisadores.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

A presente seção está destinada a tratar da metodologia adotada nesta pesquisa e está dividido em dois grandes blocos: a metodologia utilizada no Projeto ALiMA e a metodologia complementar, que compreende especificamente o âmbito e os objetivos deste estudo. Os dados foram retirados do banco de dados do ALiMA, de acordo com os critérios sociais definidos (sexo, escolaridade, localidade, faixa etária). A partir das constatações feitas, a presente pesquisa se enquadra dentro do Projeto VarSint, que visa investigar os fenômenos morfossintáticos no português falado no Maranhão. Portanto, os objetivos em comum favorecem uma relação entre o fenômeno pesquisado e o projeto de pesquisa em questão, bem como a amostra da qual o *corpus* foi extraído.

Dessa forma, a seção seguinte trará um breve detalhamento da metodologia do Projeto ALiMA, cuja base foi essencial para selecionarmos os critérios de nosso estudo – desde os municípios escolhidos até as variáveis que buscamos controlar para a verificação do fenômeno variável envolvendo as formas imperativas gramaticais no português falado no Maranhão.

2.1. O Atlas Linguístico do Maranhão – percurso metodológico

O Projeto ALiMA nasceu a partir da necessidade de mapear os fenômenos geossociolinguísticos e dialetológicos que ocorriam no estado, seguindo o exemplo de iniciativas como o Atlas Linguístico do Brasil, o Atlas Linguístico de Sergipe, o Atlas Linguístico do Paraná, entre outros. O intuito, segundo Ramos et al (2019), é

[...] o estudo de diversos fenômenos nos diferentes níveis de análise linguística, objetivando assim um conhecimento geral e sistemático da realidade linguístico-cultural maranhense que possa subsidiar o exame das possíveis convergências e divergências entre os falares que compõem o português falado no Brasil.

O Projeto ALiMA já publicou obras com artigos compilados que descrevem as especificidades linguístico-culturais do estado, demonstrando, assim, a importância do mapeamento dialetal, como forma de fotografia linguística e de subsídio para discussões científicas com base no uso real da língua. O atlas possui uma rede de pontos que contém 16

localidades divididas em cinco mesorregiões¹¹. O quadro a seguir sintetiza melhor a distribuição dos espaços geográficos estudados pelo projeto:

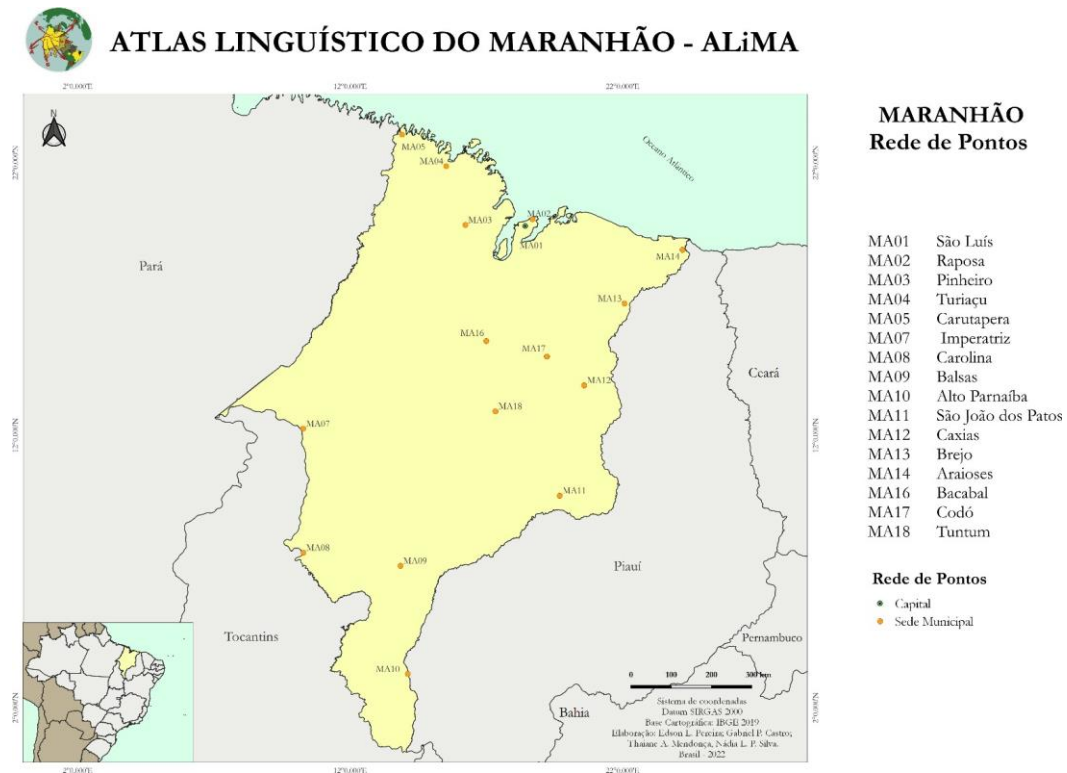
Quadro 1 — Municípios da rede de pontos do Projeto ALiMA.

MESORREGIÕES	MUNICÍPIOS
NORTE	São Luís (MA 01), Raposa (MA 02) e Pinheiro (MA 03)
SUL	Alto Parnaíba (MA 10), Balsas (MA 09) e Carolina (MA 08)
LESTE	Araioses (MA 14), Brejo (MA 13), São João dos Patos (MA 11), Caxias (MA 12) e Codó (MA 17)
OESTE	Imperatriz (MA 07), Turiaçu (MA 04) e Carutapera (MA 05)
CENTRO	Bacabal (MA 16) e Tuntum (MA 18)

Fonte: adaptado de Ramos et al (2019, p. 25).

¹¹ O documento do IBGE publicado em 2017 traz uma nova divisão regional para o Brasil, classificando os territórios de acordo com algumas características e funções (IBGE, 2017). Essa proposta traz as nomenclaturas Região Imediata e Região Intermediária. Entendemos que as outrora mesorregiões, passam agora a ser Regiões Imediatas, pois “têm na rede urbana o seu principal elemento de referência. Essas regiões são estruturas a partir de centros urbanos próximos, para a satisfação imediata das necessidades das populações [...]”. (IBGE, 2017, p. 2). No entanto, apesar dessa mudança recente nas nomenclaturas e classificação das regiões, chegou-se ao consenso de manter a nomenclatura “mesorregião” neste trabalho, respeitando a classificação estabelecida pela base de dados (Projeto ALiMA), uma vez que o *corpus* foi construído a partir dele. No entanto, é relevante dizer que essa terminologia já não se aplica às pesquisas dialetais atuais no Brasil. Mais informações em: https://www.ibge.gov.br/apps/regioes_geograficas/.

Figura 1 — Carta Linguística – Rede de Pontos do Projeto ALiMA.



Fonte: (Castro, 2022, p. 83).

Por meio da rede de pontos, o atlas consegue cobrir uma área territorial extensa, que dá aos leitores e pesquisadores um panorama da diversidade linguística presente no estado, dado que as cinco mesorregiões estão contempladas. Para esta pesquisa, cada mesorregião tem um município representante, a saber: São Luís (norte), Bacabal (centro), Caxias (leste), Alto Parnaíba (sul) e Imperatriz (oeste). Fornecemos uma explicação mais detalhada acerca dessas localidades e dos critérios de escolha na subseção 2.3.1.

Para a coleta dos dados obtidos pelo ALiMA, as seguintes variáveis foram controladas:

- **Naturalidade (diatópica):** para participar da pesquisa, os indivíduos selecionados deveriam ser naturais daquela localidade ou não ter se afastado por mais de um terço da vida, o que consiste na dimensão topoestática.
- **Sexo (diassexual):** os informantes foram divididos em dois grupos – sexo feminino e sexo masculino, contemplando a dimensão diassexual da pesquisa geolinguística;

- **Escolaridade (diestrática):** à exceção de São Luís, que também apresenta indivíduos com escolaridade universitária completa¹², em todas as localidades foram selecionados informantes com ensino fundamental incompleto;
- **Faixa etária (diageracional):** o projeto estabeleceu duas faixas etárias para a realização dos inquéritos – dos 18 aos 30 anos (faixa etária I) e dos 50 aos 65 anos (faixa etária II) – inserindo a dimensão diageracional;

Dessa forma, foram selecionados quatro indivíduos em cada município, dois do sexo masculino e dois do sexo feminino, e oito informantes na capital, quatro do sexo masculino e quatro do sexo feminino, totalizando 68 entrevistados, que compõem a estratificação social do atlas. Conforme dizem Ramos et al (2019, p. 24),

A identidade dos informantes foi preservada da seguinte forma: aos informantes do sexo masculino atribuímos números ímpares, e aos do sexo feminino, números pares; os números de 1 a 4 correspondem aos informantes com ensino fundamental, e de 5 a 8, àqueles com formação universitária. Com relação à faixa etária, os números 1, 2, 5 e 6 são atribuídos aos sujeitos mais jovens (faixa etária I), e os números 3, 4, 7 e 8, aos mais idosos (faixa etária II). Para identificação das localidades, foi atribuído um número de dois dígitos a cada uma delas, antecedido pela sigla MA.

Além disso, sobre os instrumentos de pesquisa do projeto ALiMA, os autores pontuam que “[...] foram realizados inquéritos com a utilização de três questionários – fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático –, questões de pragmática, temas para discursos semidirigidos, perguntas metalinguísticas e um texto para leitura” (Ramos et al, 2019, p. 23). Isso evidencia, mais uma vez, a convergência de uma metodologia específica para a pesquisa dialetal e sociolinguística (Cardoso, 2010; Coelho et al, 2015) e o alinhamento com o Projeto ALiB¹³. Ademais, demonstra a aplicação do método numa iniciativa mais focada ao nível estadual.

Na análise dos dados, optamos por trabalhar com todo o questionário do ALiMA, com especial atenção aos temas para discursos semidirigidos e aos discursos livres, aqueles que, em geral, apresentam-se ao final das entrevistas e que não constam no questionário como itens

¹² Essa diferenciação se dá pelo fato de São Luís ser a capital do estado do Maranhão. No Projeto Atlas Linguístico do Brasil, as capitais dos estados são investigadas a partir da escolaridade fundamental e universitária.

¹³ O site Mapeamento Cultural (MapCult UFBA 2019), em sua aba “Projetos de Pesquisa”, conceitua o Projeto ALiB como “um projeto de caráter nacional e de natureza interinstitucional, congregando 15 instituições universitárias, que tem como objetivo principal a elaboração do atlas linguístico do Brasil, no que se refere à língua portuguesa. (...) É coordenado por um Comitê Nacional, composto de professores/pesquisadores de sete universidades brasileiras”.

de pesquisa, mas que constituem um exemplo espontâneo da língua em uso e, por essa mesma razão, configuram uma boa fonte de dados.

As hipóteses, nesse sentido, são de que o imperativo verdadeiro é o mais utilizado no Maranhão, uma vez que pesquisas como a de Oliveira (2017) apontam esse uso predominante na capital do estado e, empiricamente, percebemos que há: (i) uma percepção direcionada ao maior uso de formas de imperativo verdadeiro; (ii) a possível influência do sexo dos indivíduos e da escolaridade destes sobre o uso das formas verdadeira e supletiva; (iii) o favorecimento das formas indicativas em sentenças afirmativas e de formas subjuntivas em sentenças negativas (Scherre, 2004; Cardoso, 2009); (iv) a forma precedente afetando as formas subseqüentes, mantendo o paralelismo na sequência discursiva; (v) o uso maior do pronome *você* como expressão de segunda pessoa do discurso (Alves, 2010); e (vi) a ausência de concordância gramatical associada ao pronome *tu*, sendo substituída pela mesma forma empregada junto do pronome *você* (formas verbais de 3ª pessoa).

São pontos que buscamos comprovar ou refutar a partir deste estudo a partir da realidade linguística do Maranhão.

2.1.1. O projeto VarSint: variação morfossintática com base no português maranhense

Como mencionado no início desta seção, a presente pesquisa faz parte dos trabalhos desenvolvidos pelo Projeto VarSint, visto que os dados analisados são de base morfossintática e retirados do banco de dados do ALiMA. O VarSint objetiva ampliar o mapeamento e a análise sociolinguística de fenômenos variáveis no português maranhense, com enfoque em variações morfossintáticas no âmbito desse estado (Alves, 2020).

É interessante notar o aspecto morfossintático focado pelo VarSint como um traço de destaque, visto que muito se fala a respeito de fenômenos de ordem lexical e fonético-fonológica na região Nordeste (Alves, 2020). No que diz respeito ao estado do Maranhão, há uma diversidade de temas a serem explorados no que concerne à morfossintaxe, razão pela qual tanto o VarSint quanto esta pesquisa justificam a necessidade de descrição da realidade linguístico-social da região e do estado, mais especificamente.

Dentre os temas que se enquadram no âmbito da morfossintaxe, se encontra o imperativo gramatical e, por consequência, sua regra variável, objeto principal deste estudo. Por meio da coleta, descrição e análise dos dados, esperamos contribuir com o VarSint no que se refere aos seus objetivos, como o de constituir uma amostra da fala maranhense, e com seu

corpus, que se configura como um registro relevante para os estudos variacionistas na região Nordeste e no estado do Maranhão.

2.2. As localidades pesquisadas

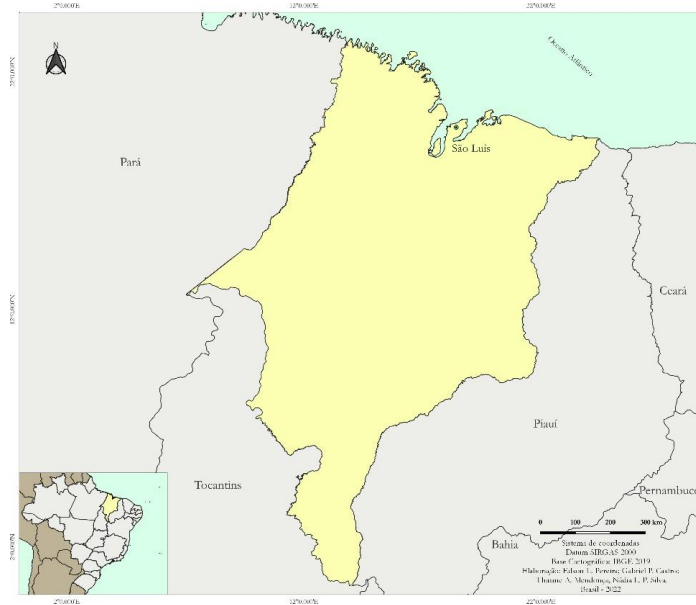
Por questões metodológicas e para que se tornem mais claros os motivos de termos escolhido os cinco municípios já citados como *loci* da pesquisa, nesta subseção, apresentamos brevemente alguns dados gerais sobre cada uma das cidades, a saber: estimativa de população, um pouco da sócio-história e as principais atividades econômicas desenvolvidas nessas localidades. Começamos com a capital do estado.

2.2.1. São Luís

A cidade de São Luís foi fundada no dia 8 de setembro de 1612, na Ilha de Upaon-Açu, que em tupi significa “Ilha Grande”. É a capital do estado do Maranhão, localizada entre duas grandes baías: a Baía de São Marcos e a de São José de Ribamar (São Luís, 2022). São municípios limítrofes de São Luís as cidades de Paço do Lumiar, Raposa e São José de Ribamar, que também estão na Ilha de Upaon-Açu.

Conforme os dados do IBGE em 2020, o município possui 1.108.975 habitantes, tendo uma extensão territorial de 582,974 km², segundo dados do mesmo instituto em 2019. Sua cultura é muito rica, com manifestações típicas, como o bumba-meu-boi e o cacuriá, que são muito populares entre a população e os turistas, além de lendas famosas como a Serpente Encantada e a lenda de Ana Jansen. Em termos culinários, a cidade também oferece um vasto cardápio, que inclui pratos como arroz de cuxá, camarão, caranguejo, pescada amarela, entre outros.

Figura 2 — Localização geográfica de São Luís.



Fonte: (Castro, 2022, p. 45).

A cidade foi colonizada por portugueses, apesar da fundação francesa, possuindo muitos traços históricos, sobretudo na arquitetura presente em casarões no Centro Histórico da cidade, muito famosos por suas grandiosas estruturas, bem como por seus azulejos. Apelidada de “Ilha do Amor”, “Atenas Brasileira” e “Jamaica Brasileira”, a cidade atrai muitos turistas, sobretudo em épocas festivas, como o São João, no mês de junho.

Suas principais atividades econômicas são agricultura, pecuária, aquicultura, indústrias e comércio. Estas atividades são importantes para o desenvolvimento da cidade, bem como para a geração de empregos e melhoria da qualidade de vida dos habitantes.

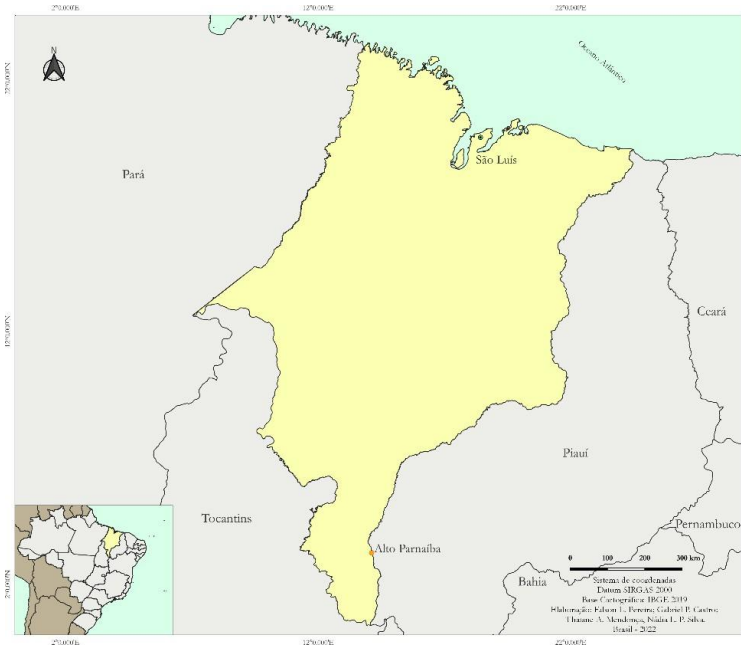
Os motivos de termos escolhido esse município como representante da mesorregião norte são seu *status* de capital e sua importância econômico-social para o estado. Além disso, como residentes desta cidade, críamos que seria interessante investigar o fenômeno da variação onde estamos situados.

2.2.2. Alto Parnaíba

Alto do Parnaíba está localizado na mesorregião sul do estado do Maranhão, na margem esquerda do rio Parnaíba. Segundo o site da prefeitura municipal, a cidade era, originalmente, lar dos indígenas Tapuias. Após a chegada do primeiro morador da cidade,

chamado Fernando Luís de Freitas, a região foi batizada de Fazenda Barcelona, sendo destinada ao cultivo agrícola.

Figura 3 — Localização geográfica de Alto Parnaíba.



Fonte: (Castro, 2022, p. 63).

Tempos depois, um homem chamado Cândido Lustosa também se mudou para os arredores da Fazenda Barcelona, participando muito no desenvolvimento local a partir da construção de uma igreja e da realização de outras tarefas. Em 19 de maio de 1866, Fernando e sua esposa, Micaela, doaram as terras da então Fazenda Barcelona para a igreja que havia sido construída ali. Dessa forma, as pessoas começaram, aos poucos, a habitar o lugar, dando origem ao município. Inicialmente um distrito da cidade de Loreto, a cidade passou ao *status* de vila e foi desmembrada de Loreto, sendo rebatizada como Vitória do Alto Parnaíba, em 1881.

Já em 1943, quase um século depois, o município é renomeado para Alto Parnaíba, nome que permanece até os dias de hoje.

Segundo o censo de 2022, a cidade possui 11.076 habitantes (IBGE, 2022). Suas principais atividades econômicas são administração pública, cultivo de soja e comércio varejista.

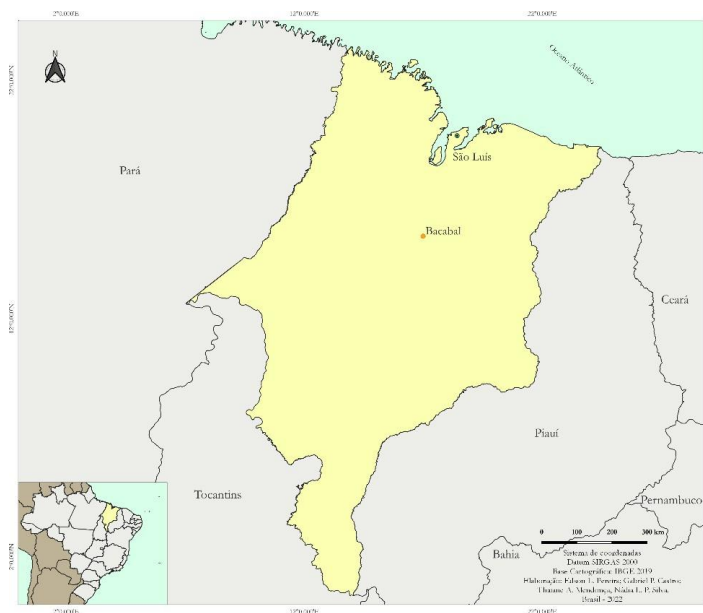
Nós a escolhemos em virtude de seu crescimento econômico e social, que é muito benéfico para a região em que se situa, além de desconhecermos trabalhos sobre a temática da variação do imperativo nessa localidade.

2.2.3. Bacabal

A cidade foi fundada no dia 17 de abril de 1920, embora o início de sua história remonte ao século XIX, quando o coronel Lourenço Vieira da Silva chegou ao território, fundando uma fazenda que se destinava à produção agrícola. Com a chegada dos imigrantes ao Sítio dos Abreu, como a propriedade ficou conhecida após passar para as mãos do coronel Raimundo Alves de Abreu, a região foi crescendo e se desenvolvendo, até que em 1920 recebeu sua autonomia municipal e os foros de distrito. O nome do município tem origem na bacaba, que é uma palmeira nativa da região.

A área total da cidade é de 1.656,732 km², de acordo com o censo de 2022 do IBGE. Bacabal está a 260 km de São Luís, possuindo uma população de 105.094 habitantes, conforme o censo IBGE de 2021, o que foi considerado um surto demográfico. As atividades do município estão muito ligadas ao comércio e a prestação de serviços. Em termos de agricultura, segundo a prefeitura, há produções de feijão, milho, arroz e etc., além de grande produção de gado bovino.

Figura 4 — Localização geográfica de Bacabal.



Fonte: (Castro, 2022, p. 73).

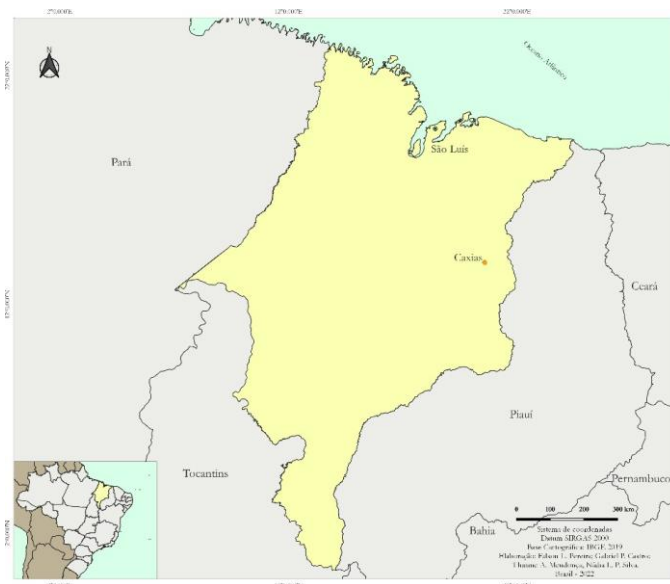
Destacamos também que a cidade possui *campi* da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), bem como de faculdades particulares.

Pelos motivos supracitados, a cidade se destaca na mesorregião centro maranhense, compondo o grupo de localidades pesquisadas por nós neste trabalho.

2.2.4. Caxias

Caxias tem grande relevância política, histórica e social, uma vez que foi palco da famosa revolução social no estado do Maranhão, conhecida como Balaiada. O último conflito foi travado na cidade, de modo que isso marcou sua história, contribuindo também para a construção da história do Brasil. Além disso, Gonçalves Dias e Teixeira Mendes vêm da cidade de Caxias, sendo famosos por suas obras nos campos da literatura e da política. A criação do município ocorreu em 05 de julho de 1836, por meio da Lei Provincial nº 24. Entretanto, a região já era habitada muito antes disso, no século XVII.

Figura 5 — Localização geográfica de Caxias.



Fonte: (Castro, 2022, p. 67).

O Movimento de Entradas e Bandeiras foi essencial para a ocupação do território, uma vez que buscava terras às margens do rio Itapecuru. Os missionários cristãos que acompanhavam a expedição também foram essenciais para esse processo. A região em que

hoje se situa Caxias era, durante a ocupação francesa no Maranhão, lar dos indígenas Timbiras e Gamelas, cujas aldeias estavam estabelecidas ali. Quando os portugueses expulsaram os franceses, acabaram por derrotar também os indígenas e os venderam como escravos para as pessoas da capital.

A localidade, com o passar dos anos, teve diversos nomes, sendo o último Vila de Caxias, até o momento em que foi elevada ao nível de cidade, ficando apenas com o nome Caxias. Sua área total hoje é de 5.201,927 km² (IBGE 2022), embora tenha sido maior antes da emancipação de municípios como Timon e Codó. A população é de 166.159 pessoas, segundo dados de 2021.

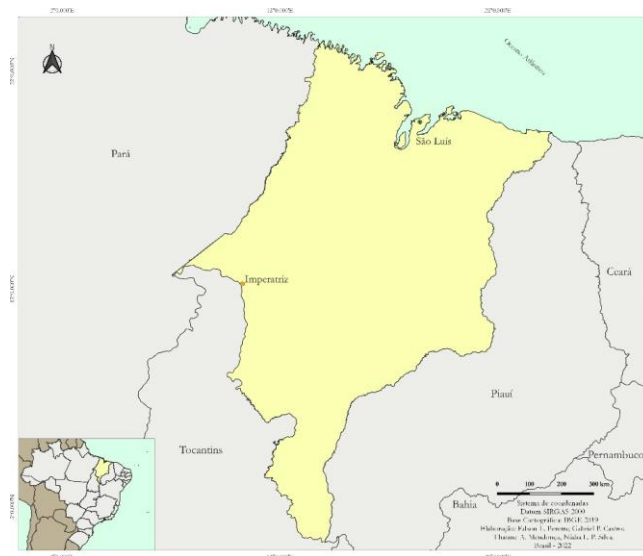
A economia é baseada em: a) administração pública em geral; b) comércio varejista de supermercados; e c) comércio atacadista de cerveja, chope e refrigerantes.

Por sua relevância cultural, histórica, social e política, Caxias se tornou uma cidade ideal para representar o leste maranhense em nossa pesquisa.

2.2.5. Imperatriz

Fundada em 16 de julho de 1852, Imperatriz é o segundo maior centro populacional e econômico do Maranhão, tendo o estado do Tocantins e do Pará como limítrofes e cobrindo uma extensão territorial de 1.369,069 km² (IBGE, 2022) e abrigando uma população estimada em 259.980 pessoas.

Figura 6 — Localização geográfica de Imperatriz.



Fonte: (Castro, 2022, p. 57).

Sua história começa com as expedições bandeirantes, que buscavam a foz do rio Tocantins, além de novos territórios para ocupação e exploração. A cidade foi fundada pela expedição do Frei Manoel Procópio e, posteriormente, em 27 de agosto de 1856, foi legalmente batizada de Vila Nova de Imperatriz, em homenagem à imperatriz Tereza Cristina. Com o tempo, as pessoas passaram a reduzir o nome, chamando a então vila apenas de Imperatriz. Somente no século seguinte é que o território é alçado ao *status* de cidade, mais especificamente em 22 de abril de 1924.

A partir da década de 60, com a construção da rodovia BR-010 (Belém-Brasília), a cidade experimenta um surto de crescimento, recebendo grande contingente de migrantes de origens diversas. Atualmente, suas atividades econômicas concentram-se em agricultura, pecuária, extrativismo vegetal, comércio, indústria e prestação de serviços.

Devido à sua importância histórica e econômica para o estado, elegemos Imperatriz como cidade representante da mesorregião oeste maranhense.

2.3. As variáveis sociais

Com o intuito de estratificar o *corpus* desta pesquisa e de traçar um perfil para os informantes selecionados, bem como para identificar as possíveis condições que regem a variação do imperativo no Maranhão, algumas variáveis foram selecionadas, como exposto acima. Elas se dividem em duas categorias: variáveis sociais e variáveis linguísticas. As sociais, como mencionado, seguem as da amostra do Projeto ALiMA, uma vez que elas foram essenciais para definir o perfil dos entrevistados para a coleta de dados. Dessa forma, e considerando que os dados aqui analisados são retirados desse banco, optamos por manter essa estratificação, mesmo porque seria impossível dissociá-la das informações obtidas pelo projeto.

Cardoso (2010, 2016) apresenta a Dialetoлогия como um campo disciplinar que, tal qual outras áreas e subáreas, foi se desenvolvendo aos poucos e mudando seus parâmetros e métodos com o passar dos anos. Nesse processo, é interessante perceber a evolução da Dialetoлогия do caráter unidimensional para uma abordagem pluridimensional que perdura até os dias de hoje. Em outras palavras, essa ciência deixou de focar somente no aspecto diatópico e passou a englobar outros fatores sociais que, como se sabe, influenciam o uso e produção da língua pelos falantes. Nisso, ela se aproxima da Sociolinguística, cruzando características socioculturais com o uso da língua, a fim de estabelecer as isoglossas e

verificar de que forma o sistema linguístico é produzido em uma determinada região geográfica (Cardoso, 2016).

No entanto, apesar de próximas, a Dialetoлогия e a Sociolinguística diferem em alguns pontos, seja pela metodologia, seja pelo tratamento e análise dos dados, seja pelo próprio produto final que cada uma apresenta à sociedade. Graças à Dialetoлогия, projetos como o ALiMA podem nos dar a noção da distribuição territorial e dos diferentes usos de uma língua numa dada região. Em contrapartida, a Sociolinguística se presta a estudar esses fenômenos de variação utilizando-se de um outro olhar e, conseqüentemente, analisando tais dados de maneira distinta, relacionando-os a fatores intra e extralinguísticos, na tentativa de compreender as variações e mudanças linguísticas em diversos níveis e influenciadas por esses fatores.

No que diz respeito a esta pesquisa, a Dialetoлогия possibilitou que a amostra da qual o *corpus* foi retirado existisse e documentasse a variedade linguística no estado do Maranhão. Já a Sociolinguística, cuja análise ocorrerá por meio do programa computacional *GoldVarb X*, de modo a refinar os resultados, possibilitará verificar um dos fenômenos morfossintáticos igualmente registrado nos dados do ALiMA, levando em consideração as variáveis que os condicionam e outros aspectos linguísticos que também influenciam na variação, de modo a verificar quais deles têm mais influência nesse processo e, conseqüentemente, compreender de que forma o imperativo ocorre no estado.

2.3.1. A variável diatópica

Abrindo o rol de variáveis sociais configuradas pelo banco de dados do Atlas Linguístico do Maranhão, temos a variável diatópica, ou seja, aquela que corresponde à naturalidade dos informantes na localidade pesquisada. Para efeitos de investigação do projeto, era vital que os entrevistados nascessem ou residissem naqueles municípios pesquisados por um período longo de tempo ou que não tivessem se afastado dali por mais de 1/3 de suas vidas, como mencionado em seções anteriores. Essa relevância ocorre porque, uma vez distantes de seus locais de origem, as pessoas tendem a se adequar e adquirir a variedade utilizada em seu novo local de moradia, comprometendo, assim, a “variedade materna”, pertencente ao lugar de onde elas partiram.

O aspecto topoestático está presente nas fichas do informante e da localidade, que são essenciais para coletar informações acerca do entrevistado e do município em si. Na primeira ficha, há três itens (8, 9 e 10) que fazem menção a essa variável, questionando a naturalidade

do informante, com qual idade chegou à cidade (caso não seja natural da localidade) e qual a necessidade do afastamento da localidade (caso isso tenha ocorrido) (Cardoso, 2010, p. 102). Já a segunda ficha apresenta dados relacionados especificamente à localidade pesquisada e também traz alguns itens que se correlacionam com o traço de permanência dos indivíduos (itens 12, 13 e 14, com dados sobre migração e demografia do município) (Cardoso, 2010, p. 106). Essas fichas seguem o modelo padrão utilizado pelo ALiB.

Por fim, é válido reafirmar que a topoestática também diz respeito aos municípios que compõem a rede de pontos, uma vez que é neles que serão realizadas as entrevistas e, conseqüentemente, recolhidas as informações citadas no parágrafo anterior. Isso acontece porque a permanência do indivíduo na localidade possivelmente fará com que ele utilize as formas linguísticas pertencentes à comunidade na qual está inserido. Dessa forma, a ideia é coletar dados do município pesquisado, com a mínima interferência possível das formas linguísticas de outras comunidades (Cardoso, 2010).

Para esta variável, a hipótese é que a capital do estado faça maior uso do imperativo verdadeiro, conforme apontado por Oliveira (2017) e as demais localidades pesquisadas sigam o mesmo exemplo, empregando menos o imperativo supletivo. Se confirmada, tal suposição se configura como um dado interessante, considerando que a maioria das capitais nordestinas faz uso de formas supletivas (Oliveira, 2017).

Aqui, comparamos pontualmente duas produções de duas informantes de municípios diferentes, a saber: São Luís e Imperatriz.

- (1) NÃO BATE a porta (Imperativo verdadeiro, MA01/4);
- (2) VÁ na garupa (Imperativo supletivo, MA07/4).

O interessante é que, apesar de ambos expressarem comandos, as polaridades são opostas e a forma imperativa utilizada, considerando também que as falas foram extraídas de trechos distintos dos inquéritos.

2.3.2. A variável diassexual

Como mencionado na seção anterior, o Projeto ALiMA trabalha com um total de 68 informantes, distribuídos em 16 municípios selecionados para a investigação e agrupados em cinco mesorregiões, que compõem a rede de pontos do projeto e, por extensão, o *locus* da pesquisa dialetal.

Nesse grupo de informantes, estratificados de acordo com as exigências do trabalho, há homens e mulheres, totalizando 34 pessoas de cada sexo, sendo duas de cada município, com exceção de São Luís, que agrupa quatro de cada sexo. Essa divisão permite verificar as diferenças normalmente observadas nas falas de homens e mulheres, diferenças essas que já foram estudadas e comprovadas por inúmeras pesquisas e que continuam a ser relevantes nos dias de hoje.

É interessante mencionar que optamos pelo termo “sexo/diassexual” em vez de “gênero/diagênica” por entender que este último é muito amplo, uma vez que pode englobar diversas nuances e não somente o que é considerado masculino e feminino (Carvalho, 2016). Essa concepção, aliada ao fato de o gênero ser algo socialmente construído, pode ser ratificada através dos estudos de gênero, largamente debatidos no ambiente acadêmico e até mesmo nos espaços sociais e que tem crescido nos últimos anos, evidenciando questões que já vêm sendo discutidas há bastante tempo (Ribeiro, 2018). Além disso, como o foco aqui se direciona a grupos biologicamente distintos, para além do caráter social estabelecido, utilizarmos a terminologia adotada e consagrada pela Sociolinguística desde seu surgimento é mais apropriado aos propósitos de pesquisa, além de permitir a confirmação ou refutação de alguns pressupostos já conhecidos na área.

A ideia é observar a influência dessa variável de modo a constatar se o condicionamento que ela exerce sobre o fenômeno variável em questão é suficientemente relevante para que a variação ocorra ou não. Alguns dados comprovam que sim, o aspecto diassexual influencia muito na escolha de uma ou de outra variante do imperativo; no entanto, mesmo aqueles que parecem não ser fortemente afetados por esse traço social, salientam que há diferença entre as falas dos dois grupos, como esperado de uma pesquisa com esse viés.

A hipótese levantada é de que o sexo feminino seja mais propenso à conservação de formas mais utilizadas (nesse caso, o imperativo verdadeiro). Em contrapartida, o sexo masculino seria mais aberto às formas menos utilizadas (no âmbito desta pesquisa, o imperativo supletivo), tanto em sua recepção quanto em seu uso prático.

Abaixo, um exemplo do contraste entre homem e mulher, no município de Imperatriz (MA07):

(3) FECHE a porta (Imperativo supletivo¹⁴, MA07/1¹⁵);

¹⁴ Os exemplos numerados a partir daqui correspondem a sentenças extraídas do *corpus* de análise da pesquisa.

¹⁵ As identificações do tipo MA07/1 fazem parte da legenda utilizada pelo ALiMA para pontuar os informantes, agregando as seguintes informações: estado (MA), número da localidade (07 – Imperatriz) e número de ordem

(4) FECHA a porta (Imperativo verdadeiro, MA07/2¹⁶)

2.3.3. A variável diastrática

O aspecto diastrático também é muito interessante de ser observado em pesquisas sociodialetais e, como tal, integra o perfil dos informantes entrevistados pelas equipes do Projeto ALiMA. Cardoso (2010, p. 53-56) pontua que esse marcador social vem sendo incluído desde os primeiros trabalhos dialetais com atlas linguístico, embora de maneira indireta. Alguns desses trabalhos não mencionam objetivamente a escolaridade de seus informantes, mas as diferentes classes sociais às quais eles pertencem por meio de suas profissões, o que pode levar os estudiosos a deduzir um grau de instrução primário ou secundário, dependendo da ocupação exercida pela pessoa (Pop, 1950 apud Cardoso, 2010).

O fato é que a escolaridade exerce um papel fundamental no que diz respeito à variação linguística, uma vez que o que se preza nesses ambientes é a variedade padrão da língua, documentada nas gramáticas normativas. Dessa forma, a escola executa uma função de tentativa de uniformização linguística quando muitas vezes desconsidera a existência de certos falares ou “corrige” o que julga ser “errado”. Em consequência de tal comportamento, alguns dos falantes passam a se monitorar mais e utilizar um linguajar mais próximo do prescrito pelas gramáticas, obtendo, assim, maior prestígio social no quesito linguístico.

Apesar dessa realidade, tal fato não é uma regra e é exatamente nesse ponto que a Dialectologia e a Sociolinguística encontram um caminho de investigação frutífero. Aplicando esses pressupostos aos objetivos do Projeto ALiMA e, por extensão, aos objetivos deste estudo, a escolaridade da maioria dos informantes é do nível fundamental, sendo São Luís a exceção mais uma vez, por ser o único ponto de pesquisa cuja escolaridade dos informantes abarca também pessoas com ensino universitário, contrastando os dois grupos.

À primeira vista, selecionar apenas informantes com o ensino fundamental pode parecer algo genérico. No entanto, esse se mostra ser um aspecto surpreendente porque há uma tendência a achar que os menos escolarizados são aqueles que conhecem mais possibilidades de uso da língua. Isso se confirma com a afirmação de Pop (1950, p. 922 apud Cardoso, 2010, p. 56), que diz que uma pessoa de classe social inferior está teoricamente mais próxima do “verdadeiro falar do país”. Embora faça menção à classe social dos indivíduos e

dos informantes (1 – homem, faixa etária I). Optamos por adotá-la aqui, devido à sua preexistência e ao fato de tal legenda atender aos critérios de identificação propostos pelo Atlas e por nossa pesquisa. Para mais esclarecimentos sobre os códigos de localização, ver **Figura 1** (p. 34).

¹⁶ Mulher, faixa etária I.

não necessariamente à instrução que estes recebem, a constatação de Pop (1950) é verdadeira, pois, no contexto capitalista, quanto mais baixa a classe social, mais difícil é o acesso a determinados bens, serviços e espaços, como a escola e a educação formal.

Portanto, a escolaridade em nível fundamental permite averiguar esses traços linguísticos marcados nas falas dos entrevistados e, assim, ter acesso a variedades que, em geral, são excluídas do processo educacional formal. Em contrapartida, analisar a fala de indivíduos com formação no ensino universitário, no caso de São Luís, possibilita comparar as experiências linguísticas dos menos e dos mais escolarizados, uma vez que pressupomos uma aproximação maior destes últimos em relação à variedade socialmente prestigiada.

Levando todos esses pontos em consideração, supomos que a escolaridade fundamental faça mais uso da forma verdadeira, mantendo o que consideramos ser a forma mais comum, enquanto a escolaridade universitária, em nossa hipótese, tende a fazer um uso misto das formas imperativas.

A seguir, há duas sentenças realizadas por informantes distintos da mesma localidade. O informante 1 é um homem, da faixa etária I e com grau de escolaridade fundamental; já o informante 5 também é um homem da faixa etária I, mas com o grau de escolaridade universitário. É interessante notar que, ainda que estivessem falando sobre a mesma temática no momento das produções, suas escolhas pelas formas imperativas nas sentenças são ligeiramente diferentes:

(5) ME DÁ o refrigerante (Imperativo verdadeiro, MA01/1);

(6) TRAGA uma guaraná pra mim ou ME DÁ um refrigerante (Imperativo supletivo seguido de imperativo verdadeiro, MA01/5).

No caso do informante 5, parece haver certo reconhecimento da possibilidade de uso do imperativo supletivo (TRAGA) e do imperativo verdadeiro (ME DÁ) para solicitar a mesma coisa (guaraná). Contudo, considerando que este não é um trabalho de percepção linguística, como mencionado, não iremos nos ater a esse detalhe.

2.3.4. A variável diageracional

É um fato notório que pessoas de idades distintas tendem a falar de maneiras igualmente diferenciadas. Essas diferenças já foram atestadas em trabalhos diversos de natureza sociodialetal e podem ser percebidas de forma empírica (tal qual ocorre com as

variações diassexual e diastrática, por exemplo) mesmo por quem não estuda a língua. No campo da variação, é possível trabalhar de duas formas em relação à faixa etária: observando como pessoas de diferentes idades se comportam num mesmo período de tempo (tempo aparente) ou verificando as diferenças ocorridas de um ponto temporal a outro (tempo real). No caso do atlas aqui citado e da pesquisa que dele descende, a primeira metodologia foi a utilizada.

Segundo Cardoso (2010, p. 50), desde o século XIX, quando os trabalhos com a Dialectologia tiveram seu início, já havia certa preocupação em investigar como pessoas de idades distintas se utilizavam da língua falada em suas situações comunicativas cotidianas. Apesar de os registros da época não esclarecerem totalmente se as variantes encontradas eram mais utilizadas por mais jovens ou mais velhos, só o fato de fazer da faixa etária um critério de análise e um traço componente do perfil dos informantes já mostra o olhar que os pesquisadores tinham quanto a esse aspecto social e de que forma ele impactava nas variações linguísticas.

No caso do Projeto ALiMA, duas faixas foram levadas em consideração, como já citado: os mais jovens e os mais velhos. Entre esses grupos, há um intervalo de tempo de 20 anos, o que é interessante se pensarmos do ponto de vista do tempo real, que permite ver a diferença no uso da língua durante esse período. Mas isso não se adequa totalmente a esse caso, uma vez que a pesquisa não foi feita com os mesmos informantes durante um intervalo de 20 anos. Sendo assim, no tempo aparente, é perceptível que os mais velhos diferem dos mais jovens em algumas de suas respostas aos questionários de pesquisa. Obviamente, essas diferenças estão relacionadas a algo além da mera idade dos informantes. Também está ligada a fatores socioculturais distintos que permeiam os grupos aos quais esses informantes pertencem e as experiências individuais e coletivas que tiveram, bem como as gerações das quais cada um faz parte, portanto um objeto de estudo para a Sociolinguística e áreas afins.

No tocante à variação do imperativo, os dados mostram que, em alguns casos, a idade parece influenciar no sentido da quantidade de produção de sentenças, se for analisado de forma isolada. Isso não significa dizer necessariamente que os informantes mais jovens optam pelo imperativo supletivo em detrimento do verdadeiro, por exemplo. Em algumas situações, não é possível chegar a essa conclusão somente analisando a faixa etária. É preciso ver esse fator em conjunto com outras variáveis, de modo a ter um panorama geral do fenômeno e de suas condições.

Contudo, isso não faz com que a faixa etária perca sua relevância. Ainda que uma forma imperativa seja mais utilizada do que a outra, a quantidade de produções dos jovens e

dos mais velhos é interessante sob uma ótica quantitativa, no sentido de demonstrar quem faz mais uso de uma determinada forma das sentenças imperativas no dia a dia. Além disso, aliada aos demais grupos, a idade dos informantes traz aspectos reveladores e certamente aproveitáveis pelos pesquisadores, ao evidenciar os dados de fala dos entrevistados motivados pelos contextos das questões. Por fim, pode possibilitar também a percepção das diferenças de conhecimento e vocabulário dos falantes.

Pensamos que, devido ao critério de idade, os mais jovens estariam abertos a utilizar formas supletivas em contextos nos quais, tradicionalmente, se empregam as formas verdadeiras. Sendo assim, os mais velhos supostamente fariam uso em maior escala do imperativo verdadeiro, contribuindo para a manutenção dessa forma nas comunidades pesquisadas.

Abaixo, dois exemplos de produções dos informantes de Caxias (MA12), sendo o primeiro de um informante do sexo masculino, da faixa etária I (mais jovem) e o segundo, de uma informante do sexo feminino, da faixa etária II (mais velha):

(7) FECHA a porta (Imperativo verdadeiro, MA12/1);

(8) NÃO FAÇA barulho, pra não acordar o neném (Imperativo supletivo, MA12/4).

2.4. Metodologia complementar

Para a realização deste estudo, a metodologia do Projeto ALiMA se mostrou muito valiosa. No entanto, procedimentos metodológicos próprios também foram necessários para que os dados pudessem ser tratados de maneira adequada, atendendo aos propósitos da pesquisa, uma vez que o ALiMA constitui a amostra da qual extraímos nosso *corpus* e não os resultados de trabalho aqui apresentado. Nesse intuito, foram utilizados como alicerce os estudos de Gil (2002), no que diz respeito à teoria dos pressupostos metodológicos (isto é, compreender a pesquisa como sendo de natureza quali-quantitativa, envolvendo revisão da bibliografia e levantamento das informações a serem analisadas); os conceitos abordados por Scherre (2007) e Scherre et al (2007); e a pesquisa de Cardoso (2009), cujas bases também foram relevantes para a fundamentação deste trabalho.

É importante salientar alguns pontos dentro do percurso metodológico antes de seguir para subseção seguinte. Os dados foram recolhidos a partir da escuta dos áudios e da leitura das transcrições das entrevistas realizadas pelo Projeto ALiMA, identificando as sentenças

imperativas e anotando-as em um documento isolado, dividido por cada município. Com as variáveis linguísticas selecionadas e somadas à estratificação social do atlas, codificamos os dados de acordo com o que exigido pelo *GoldVarb X*, estabelecendo um código para cada variável independente dos grupos de fatores. Na sequência, as sentenças e as variáveis codificadas foram transferidas para planilhas no *Microsoft Excel*, sendo uma planilha para cada município. A partir dessa visão geral, pudemos transcrever esses dados para o *GoldVarb*, realizar as rodadas e obter os resultados que são descritos e analisados na terceira seção deste trabalho.

2.4.1. A escolha das localidades

Para efeito de delimitação e recorte, foi selecionado um município por mesorregião, de modo a abranger o estado do Maranhão e observar a ocorrência do fenômeno da variação linguística no imperativo dentro e fora da capital. Foram analisados 24 inquéritos, sendo oito provenientes da capital e quatro de cada um dos outros municípios. Assim, as cidades escolhidas foram:

Quadro 2 — Localidades selecionadas para o estudo.

MESORREGIÃO	MUNICÍPIO ESCOLHIDO
Norte	São Luís
Sul	Alto Parnaíba
Leste	Caxias
Oeste	Imperatriz
Centro	Bacabal

Fonte: elaborado pelo autor.

As cidades foram selecionadas em virtude da sua importância sociocultural, política e econômica, bem como por serem localidades com visibilidade maior, isto é, mais conhecidas dentre os pontos de coleta do ALiMA. Dentre essas cidades, como mencionado, São Luís é a única que apresenta dois níveis de escolaridade, trazendo informantes com ensino fundamental e ensino universitário, enquanto as demais contam apenas com informantes do primeiro nível. Assim como requisitado pelo ALiMA, a estratificação social se dá da seguinte maneira: informantes da primeira faixa etária (quatro em São Luís e dois nos demais

municípios) e informantes da segunda faixa etária (quatro em São Luís e dois nos demais municípios).

Temos 24 informantes, divididos entre o sexo masculino e o sexo feminino (12 homens – quatro em São Luís e dois nas outras cidades – e 12 mulheres – quatro em São Luís e duas nas outras cidades). Reforçamos que isso é interessante para o estudo porque permite verificar quais as diferenças entre homens e mulheres, jovens e adultos no uso da língua no que concerne às estruturas imperativas. Tais critérios estão intimamente ligados às hipóteses da existência do fenômeno variável no Maranhão em relação ao imperativo e de que esses grupos fazem usos distintos das formas verbais no modo imperativo. Somado a isso está o fato de que a mudança no quadro pronominal brasileiro favorece o uso de sentenças imperativas verdadeiras ou supletivas de acordo com a maior utilização de um ou outro pronome de segunda pessoa (Scherre et al, 2007; Alves, 2010, 2015).

2.4.2. As variáveis linguísticas

Para abordar aspectos que transcendem os limites da Dialetologia, é necessário também enxergar a variação de dentro da língua, o que também ajuda a situar a pesquisa dentro dos estudos da Sociolinguística. Compreender quais forças linguísticas dentro do sistema influenciam em sua intrínseca e natural variação é essencial para o entendimento dos fenômenos variáveis e para questões de encaixamento, avaliação e percepção, por exemplo (Labov, 2008 [1972]; Coelho et al, 2015).

Quando falamos sobre a expressão variável do imperativo gramatical no português brasileiro, é possível depreender e supor que uma gama de elementos linguísticos operam, isoladamente ou em conjunto, aliados às aspectos sociais, para que a alternância ocorra na fala dos usuários. Aspectos como a saliência fônica (Chaves, 2014), a extensão fonológica dos verbos (Oliveira, 2017), a concordância verbal (Scherre, 2007), o paradigma verbal e a posição do clítico (Oliveira, 2017) são muito relevantes para o estudo do imperativo gramatical. Contudo, estes são aspectos que não abordamos neste trabalho em específico, mas podem ser analisados em pesquisas futuras que versem sobre o mesmo tema.

Assim, além da metodologia do ALiMA, que já utiliza seus próprios instrumentos de coleta e registro de dados, optamos também por fazer a seleção de critérios linguísticos a fim de conseguir estabelecer uma relação mais consistente entre o fenômeno pesquisado e suas possíveis influências. Os critérios são:

1. **Presença/ausência do pronome no contexto discursivo:**

Pronome *tu/te/teu* explícito;

Pronome *você* explícito;

Ausência de pronome no contexto;

2. **Polaridade da sentença:** afirmativa ou negativa;

3. **Tipo de discurso:** semidirigido ou livre;

4. **Paralelismo linguístico:**

Forma isolada;

Primeira da série;

Forma precedida de indicativo;

Forma precedida de subjuntivo.

2.4.2.1. Presença/ausência de pronome no contexto discursivo

No primeiro ponto a alternância entre as formas pronominais de segunda pessoa pode impactar diretamente na estrutura frasal e, conseqüentemente, na forma imperativa utilizada pelos interlocutores. Isso se deve porque o quadro pronominal do português brasileiro está, atualmente, em processo de variação, de modo que as formas linguísticas *tu* e *você* permanecem sendo utilizadas por comunidades diversas no território nacional, incluindo o Maranhão (Scherre, 2007; Scherre et al, 2007; Alves, 2010; Alves, 2015). A partir do momento em que essas duas variantes possuem o mesmo valor de verdade na fala cotidiana das pessoas, as estruturas imperativas também se tornam passíveis de alternância – levando em consideração esse fator de forma isolada – já que esse modo verbal só possui formas próprias para a segunda pessoa (Cunha; Cintra, 2016).

Dentro do que diz respeito à variação pronominal, há o traço de [\pm distanciamento] entre os interlocutores. Esse ponto revela muito sobre a opção por uma das duas formas em coocorrência. De acordo com Cardoso (2009, p. 12),

Segundo Said Ali (1976), o pronome *tu* exhibe o estatuto de tratamento de intimidade, desde o latim, com a prática de usar a forma *vós* para indicar deferência, quando era empregada para pessoa única. Durante o século XV, ocorreram, na Europa, mudanças nas estruturas sociais, econômicas e políticas. O pronome *vós*, forma de tratamento formal usada até então, não contemplava mais as necessidades impostas pela sociedade para marcar poder, sendo substituído por *Vossa Mercê*. Nesse período, a língua portuguesa recebeu influência das contribuições trazidas pelos navegantes portugueses que, em suas viagens pelo mundo, conheceram e assimilaram outras línguas e culturas.

Nessa mesma linha de pensamento, a autora comenta que o uso do pronome *você* se popularizou no Brasil a partir de sua colonização e que, aos poucos, foi substituindo a forma de tratamento *tu*, usada em contextos informais até o século XIX (Faraco, 1996; Scherre, 2003 apud CARDOSO, 2009). Assim como exemplificado por Scherre (2002), Cardoso (2009, p. 13) afirma que o traço de [\pm distanciamento] é diferente entre PE e PB, no que corresponde às formas pronominais de segunda pessoa, sendo que ambas podem ser utilizadas de maneira informal no Brasil a depender do contexto em que estão inseridas, o que não necessariamente acontece em Portugal. Cardoso (2009) ainda ressalta que algumas regiões brasileiras têm um uso mais acentuado do *você*, o que implica, em muitos casos, o caso do imperativo supletivo.

Daí a necessidade de considerar essa variável no âmbito linguístico, já que uma coisa influencia e está atrelada a outra. As pesquisas que se dispõem a estudar o fenômeno variável do imperativo, em geral, consideram a alternância entre os pronomes de segunda pessoa como um fator crucial na escolha do falante por uma ou por outra forma imperativa.

Abaixo, alguns exemplos dos variados usos, explícitos ou não, dos pronomes de segunda pessoa no contexto de sentenças imperativas.

- (9) [...] DEIXA *teu* pai pra ali e VEM fazer pra cá (Imperativo verdadeiro, MA01/1);
- (10) FICA onde *você* está (Imperativo verdadeiro, MA01/8).
- (11) ESPERE um pouquinho... (Imperativo supletivo, MA01/8).

O que supomos para esse fator é que haja uma relação entre o fenômeno variável *tu* x *você* e o fenômeno de variação do imperativo, de modo que *tu* favoreceria mais o imperativo verdadeiro e *você* ou a ausência de pronome explícito, o imperativo supletivo.

Em seu trabalho intitulado *A variação tu e você no português falado no Maranhão*, Alves (2010) apresenta conclusões interessantes em relação a esse fenômeno morfossintático com base nas análises geolinguísticas de seis municípios distribuídos entre três mesorregiões do estado (Norte, Centro e Sul), utilizando também a amostra do Atlas Linguístico do Maranhão para compor seu *corpus*. A relevância e a ligação dessa pesquisa com o trabalho de Alves (2010) se dão na comprovação de que o estado do Maranhão tem, pelos dados do ALiMA, um largo uso do pronome *você* como forma de tratamento da segunda pessoa, o que favorece outras estruturas linguísticas – especificamente morfossintáticas – como o uso variável do imperativo.

Entretanto, Alves (2015) e Oliveira (2017) apontam que São Luís, a capital do estado, é uma cidade com intenso uso do pronome *tu*, o que, segundo Oliveira (2017) a difere das demais capitais nordestinas, nas quais o uso do imperativo supletivo é muito maior e não está associado ao traço de [+distanciamento] entre os falantes, como supõe-se que esteja em São Luís (Faria; Scherre, 2022). Essas conclusões apenas reafirmam a relação entre os dois fenômenos variáveis e a necessidade de incluir esse grupo de fatores em nossa pesquisa.

Segundo Scherre (2007), a região Nordeste do Brasil apresenta traços e indicações do uso de *você* mais acentuado que o uso de *tu*, de uma maneira geral e com base em trabalhos anteriormente publicados, como pesquisas dialetológicas, sociolinguísticas e geolinguísticas. Apesar de nenhuma dessas pesquisas ter seu *locus* no Maranhão, isso não exclui o estado do eixo de concretização desse fenômeno. Ainda que o uso do *tu* seja uma marca empiricamente forte dessa unidade federativa, algumas pesquisas mais recentes (Scherre et al, 2007; Alves, 2010) apontam um crescimento do uso da variante *você* no português brasileiro, inclusive nos inquéritos do ALiMA. Alves (2010) corrobora isso em sua análise de dados, que mostra que a capital São Luís apresenta, estatisticamente, mais uso de *você*¹⁷. Contudo, Alves (2015) traz dados isolados de São Luís numa outra perspectiva, mas ainda abordando o uso de *tu* e *você* e os resultados atestam um percentual de quase 79% de emprego do pronome *tu* na fala dos ludovicenses.

Para termos uma ideia, a variável *tu sem concordância* possui um quantitativo de 781 dados de um total de 898 informações coletadas pela autora, enquanto apenas 157 dados são referentes à variável *você*. Isso mostra que, em cinco anos – período de tempo que separa os dois trabalhos da autora –, as informações obtidas na capital diferiram muito no quesito *pronome de segunda pessoa*. Porém, não apenas o tempo foi decisivo para essa conclusão, mas o próprio *corpus* de análise de Alves (2010) difere do de Alves (2015, dado que o primeiro foi extraído da amostra linguística do Projeto ALiMA e o segundo foi recolhido pela própria autora, com uma metodologia específica para o objeto de estudo em questão. Além disso, as especificações teórico-metodológicas de Alves (2015) possibilitam fazer a análise dos dados de uma forma distinta da realizada em 2010, com a amostra do ALiMA.

Essa mudança nos padrões linguísticos de uso dos pronomes de segunda pessoa incide sobre as estruturas imperativas no sentido de indicarem um possível uso igualmente acentuado de sentenças imperativas supletivas (SCHERRE et al, 2007), nas quais o pronome

¹⁷ No entanto, em Alves (2015), os dados apontam para um maior uso de *tu* em São Luís.

você se apresenta como o mais utilizado junto a formas como *faça, diga, coma* e o pronome *tu* em sentenças com verbos como *faz, diz, come*.

2.4.2.2. A variável polaridade da sentença

Investigar a polaridade das sentenças imperativas é um ponto importante porque, de acordo com a tradição gramatical, não há formas próprias para o imperativo negativo no PB. Isso equivale a dizer que o imperativo se servirá de formas subjuntivas para suprir a demanda nas construções negativas. Scherre et al (1998, p. 4) chamam atenção para esse ponto: “[...] as duas variantes do imperativo envolvem uma forma indicativa e outra subjuntiva, pode-se assumir que a probabilidade de ocorrência dessas formas está ligada à presença ou ausência da negação na construção”.

Segundo a pesquisa dos autores, a polaridade negativa desfavorece o uso do imperativo verdadeiro, sendo mais aberto ao supletivo, exatamente como a tradição gramatical descreve. O trabalho de Alves (2008) ratifica as conclusões de Scherre et al (1998) ao constatar que a fala de moradores de Salvador também favorece o emprego de formas indicativas nas sentenças afirmativas e das formas subjuntivas nas sentenças negativas. Entretanto, o autor traz um dado interessante que lança novo olhar sobre esse paradigma: estruturas com negação pós-verbal e estruturas com dupla negação podem se utilizar do imperativo verdadeiro com mais facilidade (Alves, 2008, p. 5). É pertinente salientar que essa foi a única variável linguística considerada pelo autor no artigo, uma vez que seu foco era a variação do imperativo na fala dos habitantes de Salvador com base nos critérios sociais.

A partir dessa ideia, pensamos que a polaridade da sentença influencia diretamente a escolha da forma imperativa a ser utilizada pelo falante, sendo a afirmativa mais favorável ao imperativo verdadeiro e a negativa, mais favorável ao imperativo supletivo.

Pelas características aqui apresentadas, portanto, não seria adequado deixar a polaridade da sentença de fora das variáveis linguísticas deste estudo.

Vejamos alguns exemplos de estruturas com polaridades opostas:

Polaridade negativa:

(12) NÃO FAÇA zoada (Imperativo supletivo, MA10/1);

Polaridade afirmativa:

(13) FECHA a porta (Imperativo verdadeiro, MA10/1).

2.4.2.3. A variável tipo de discurso

Nos questionários do Projeto ALiMA, há temas para discursos semidirigidos (Cardoso, 2010) e há trechos das entrevistas que são totalmente livres, ou seja, os falantes produzem informações espontaneamente, o que, apesar de não estar entre os itens investigados do atlas, podem ser de grande valia no que diz respeito a pesquisas posteriores que serão feitas com os dados coletados¹⁸.

Entre os temas dos discursos, pede-se que o entrevistado narre um fato marcante que aconteceu em sua vida (Cardoso, 2010) e, nesse momento, apesar de se tratar uma temática motivada pelo inquiridor, aspectos prosódicos e pragmáticos podem ser apreendidos nas falas dos indivíduos e, conseqüentemente, analisados. Nesse sentido, e visando os objetivos deste trabalho, os temas para discursos semidirigidos constituem uma fonte inestimável de informações e, concomitantemente, de realizações linguísticas teoricamente menos monitoradas.

Já os discursos livres são aqueles que aparecem entre as perguntas ou ao final da entrevista, de modo a complementar a resposta dada ou a relatar algo que apresenta relação com o que foi perguntado. Por serem dados de natureza ainda mais espontânea que os discursos semidirigidos, essas informações, em geral, acabam não sendo transcritas, mas é possível ouvi-las nas gravações da entrevista.

O tipo de discurso é um fator interessante a ser analisado nos dados de variação do imperativo porque, como bem menciona Labov (2008 [1972]), o *paradoxo do observador* é exatamente esse: coletar dados de fala espontânea por meio de uma entrevista, que por si só, já é um contexto não-espontâneo. Mediante isso, pode-se pensar que ao dar um tema sobre o qual o falante deve discorrer pode gerar um monitoramento maior dos dados, sobretudo levando em conta o contexto da produção de fala: um inquérito gravado. Na ficha do informante apresentada por Cardoso (2010, p. 102-104), há itens que registram o comportamento do falante no decorrer da entrevista e sua receptividade para com os inquiridores, aspectos que interferem diretamente na produção linguística e podem motivar a

¹⁸ Para efeito de diferenciação e estabelecimento dos critérios de pesquisa no que se refere a esta variável, o discurso livre foi considerado por nós como um trecho de fala produzido pelos falantes em questionários que podem diferir das perguntas pragmáticas. Por exemplo, se no questionário fonético-fonológico (QFF), o inquiridor pretende obter o item “fósforo”, o informante pode produzir o dado pesquisado e acrescentar algum relato que esteja ligado à produção do item pesquisado, como um fato que envolva o fósforo. Não é objetivado pelo pesquisador, como nas questões pragmáticas, mas complementa a resposta obtida e, nesse caso, embora dentro do contexto da entrevista, foi considerado por nós como “discurso livre”, visto que não apresenta um tema como a questão “conte um fato marcante que aconteceu na sua vida”. Pode ser também que o discurso livre surja por alguma interferência externa do ambiente em que a entrevista está sendo realizada, como aconteceu com uma informante específica de Caxias (MA 12).

escolha por uma ou por outra variante do imperativo, por exemplo. Isso, aliado ao caráter de [± distanciamento] acarreta em um cuidado maior do interlocutor na construção de sentenças e no que será dito por ele. Daí nasce a necessidade de verificação desse fator, de modo a averiguar as formas que o falante possivelmente utiliza em seu dia a dia, o que evoca o paradoxo do observador (Labov, 2008), uma vez que o contexto da entrevista é monitorado pelo inquiridor e a equipe de pesquisa.

A hipótese estabelecida para esse fator é que os discursos livres favoreçam o uso mais espontâneo da forma do imperativo verdadeiro, que acreditamos ser o imperativo mais utilizado no Maranhão.

A seguir, dois exemplos de produções linguísticas extraídas de um discurso semidirigido e de um discurso livre, respectivamente:

Discurso semidirigido:

(14) C., *vem cá*, meu filho. *Deixa* isso de mão. (Imperativo verdadeiro, MA01/1);

Discurso livre:

(15) Não, vai pra lá! Não! Vai pro quintal, vão pra lá! (Imperativo verdadeiro, MA12/1).

2.4.2.5. A variável paralelismo linguístico

Sobre o paralelismo, Scherre salienta:

A própria repetição das variantes de uma mesma variável dependente no discurso tem se evidenciado como uma restrição importante na análise de fenômenos variáveis de todos os subsistemas linguísticos em diversas línguas. Esta restrição ou variável independente ocorre entre as cláusulas (plano discursivo), no interior da oração (plano oracional), no interior do sintagma (plano sintagmático), e entre palavras e no interior da palavra (plano da palavra). Recebendo denominações diferenciadas dentro da literatura variacionista, ela é hoje bastante conhecida como paralelismo linguístico, denominação assumida neste texto. Embora esta variável tenha um efeito uniforme e geral – candidata a universal de uso e processamento linguístico (cf. Scherre & Naro, 1991) –, sua interpretação ainda tem sido bastante diversificada (Scherre, 1998, p. 30).

Em outras palavras, o paralelismo linguístico – tomando emprestada a denominação empregada pela autora em seu texto de 1998 – está relacionado à repetição de uma mesma variante de uma variável dependente (Scherre, 1998). No caso do imperativo, o paralelismo corresponde à sequência de orações em que uma das formas precede a outra no discurso dos

interlocutores. Dessa forma, o intuito da análise de tal aspecto, chamado por Cardoso (2009) de *paralelismo discursivo*, é o de verificar se a forma precedente influencia a forma subsequente. Isto é, se o uso de uma forma indicativa favorece o uso de outra forma indicativa na sequência (Cardoso, 2009). Scherre (1998) inclusive afirma que esse paralelismo ocorre em diferentes planos: no plano discursivo, no plano oracional, no plano sintagmático e no plano da palavra, enquanto Cardoso (2009), à luz de outros trabalhos, evidencia a existência de paralelismo em níveis linguísticos como o fônico, o sintático e o semântico, além do próprio discursivo.

Conforme Cardoso (2009, p. 41), citando o trabalho de Scherre (1998) e a análise empreendida por ela acerca de quatro trabalhos que versavam sobre os diferentes subsistemas: “Nas palavras de Scherre, essa é uma variável de natureza funcionalista por encontrar sua explicação em ‘forças de natureza externa à língua’; para a pesquisadora, subjaz à variável paralelismo ‘um princípio de base cognitiva que possibilita ao ser humano fazer agrupamentos’ (Scherre, 1998, p. 33)”.

As pesquisas anteriormente realizadas com a variação do imperativo atestam que a forma precedente influencia a forma subsequente, isto é, se o discurso se inicia com o indicativo, provavelmente, o falante continuará utilizando formas dessa natureza para as construções imperativas (Cardoso, 2009). No tocante ao estado do Maranhão, há que se verificar se essa hipótese se sustenta nos dados de língua falada coletados pelo ALiMA.

Tomemos como exemplos outras sentenças extraída do *corpus* da pesquisa, que evidenciam claramente a influência da forma precedente sobre a forma subsequente, isto é, a utilização das formas verdadeiras ou supletivas ao longo de todo o discurso, a depender de qual delas iniciou a série:

a) Forma isolada:

(16) NÃO FAÇA zoada (Imperativo verdadeiro – MA10/1).

b) Primeira da série:

(17) Eh... FAZ isso aqui pra mim, me ajuda aqui (Imperativo verdadeiro – MA10/3).

c) Forma precedida de indicativo:

(18) Senta aqui, TE AQUIETA aqui (Imperativo verdadeiro – MA12/4).

d) Forma precedida de subjuntivo:

(19) Acorde, eh... LEVANTE mais cedo (Imperativo supletivo – MA01/4).

2.5. A quantificação dos dados

Para a análise estatística dos dados, se optou por utilizar o programa de rodadas estatísticas *GoldVarb X*, que se destina a computar, a partir de instruções inseridas, os dados coletados durante a pesquisa sociolinguística. Este recurso também é utilizado em diversos outros trabalhos e permite aos pesquisadores fazer a análise das regras variáveis presentes na língua (Naro; Scherre, 2003; Alves, 2010; Alves, 2015). Logo, é válida a sua aplicação no contexto de observação, análise e descrição da variação de formas imperativas no português brasileiro falado no Maranhão, uma vez que tal fenômeno se insere na língua e tem uso direto e corrente na linguagem cotidiana, bem como uma distribuição e variáveis que o condicionam.

2.5.1. O programa *GoldVarb X*

Como mencionado, o *GoldVarb* é a versão mais moderna de um programa estatístico para análise de regras variáveis e faz parte do pacote VARBRUL, que se destina a essa atividade. Segundo Santos (2016), esse programa é baseado em um modelo denominado matemático misto ou logístico, que serve de suporte metodológico para as pesquisas sociolinguísticas, sendo enquadrado como parte da metodologia estatística que compõe a sociolinguística quantitativa.

Optamos por utilizar o *GoldVarb X* devido à familiaridade com o *software*, bem como por sua precisão nos cálculos realizados pelo programa quanto à geração de *inputs*, pesos relativos, *log-likelihood* e significância, que constituem valores numéricos importantes para a análise e o tratamento dos dados nesta dissertação e são chamados por Guy e Zilles (2007) de “medidas de confiabilidade” (Santos, 2016, p. 144).

De acordo com o exposto por Santos (2016, p. 145), “o *input* corresponde à média global de uso de um valor da variável dependente”. Isso significa dizer que o *input* está diretamente relacionado à aplicação da regra variável em análise, de modo que, quanto mais próximo esse valor for do percentual apresentado pelo programa para a distribuição da regra observada, mais confiável o *input* será (Santos, 2016).

Já os pesos relativos dizem respeito aos valores das próprias variáveis independentes, de modo que 0,50 é o valor estabelecido para análises binárias, como a que realizamos nesta

pesquisa (Guy; Zilles, 2007). O *log-likelihood* e a significância são valores que indicam a relevância de um fator sobre a variável dependente, assim como a magnitude do fenômeno investigado.

Foram atribuídos aos dados pesos relativos gerados a partir das rodadas estatísticas, de forma a demonstrar quantitativamente a presença da variação no que tange às formas imperativas. Conforme Naro (2003), os pesos foram classificados em a) favoráveis, quando acima de 0,5 ou igual a 1,0; b) neutros, quando próximos ou iguais a 0,5; e c) desfavoráveis, quando abaixo de 0,5 ou próximos a 0,0. Partindo desses critérios, é possível quantificar os resultados obtidos através da composição do *corpus*, assim como auxiliar na análise qualitativa que descreverá linguisticamente tais resultados.

Definimos a análise binomial *Up+Down* para a obtenção dos valores estatísticos, de modo que o programa analisou cada um dos grupos de fatores definidos na codificação, indicando a melhor e a pior rodada, bem como o(s) grupo(s) de fatores que mais influencia(m) o processo de variação investigado.

Cabe salientar, no entanto, que os valores definidos pelo *GoldVarb X* não apresentaram dados linguísticos, ou seja, são apenas estatísticas. A interpretação dessas informações coube a nós enquanto pesquisadores da variação do imperativo gramatical (Scherre, 1993; Santos, 2016).

A quantificação dos dados faz parte do percurso metodológico da Sociolinguística (Guy; Zilles, 2007) e é de vital importância para a verificação de percentuais, bem como os pesos relativos, e, conseqüentemente, da situação dos fenômenos variáveis investigados: se estão estáveis ou em curso de mudança, por exemplo, além de estabelecer a predominância de uma das variantes na comunidade de fala investigada, ajudando a traçar as isoglossas de um determinado grupo e a correlação das variáveis independentes.

Ao final da dissertação, apresentamos os códigos utilizados para produzir as rodadas no *GoldVarb X*¹⁹.

2.6. Considerações

Esta seção tratou do percurso metodológico adotado nesta pesquisa, desde o histórico da base de dados até as variáveis e municípios selecionados e como a concatenação dos fatores permite análises mais aprofundadas sobre o fenômeno da variação linguística e, mais especificamente, da variação do imperativo no PB. A metodologia do Projeto ALiMA foi

¹⁹ Ver **Apêndice A** (p. 115).

basilar para o início dos trabalhos aqui desenvolvidos, estabelecendo os critérios sociais que estão diretamente relacionados às produções linguísticas documentadas no atlas. Como forma de abordar também o aspecto linguístico do sistema e a influência que ele exerce nas variedades da língua, foram acrescentados fatores internos que condicionam a alternância indicativo/subjuntivo em sentenças imperativas, com o intuito de verificar qual delas tem mais influência no momento em que o falante produz construções no modo investigado. Por fim, explicitamos de que forma os dados serão computados e convertidos em percentuais e pesos relativos para a análise quantitativa pertinente ao estudo sociolinguístico de uma variável dependente, fator esse que trará benefícios significativos e ímpares no tocante às interpretações e análises qualitativas que determinarão as conclusões alcançadas por meio desta pesquisa.

Na próxima seção, abordamos os resultados obtidos por meio dos inquéritos realizados pela equipe do ALiMA nos cinco municípios escolhidos e sua posterior interpretação em relação às sentenças imperativas, baseada em estudos já realizados em outros *loci* e das rodadas de dados feitas no programa *GoldVarb X*.

3 RESULTADOS OBTIDOS: análise dos dados

Nesta seção, abordamos os resultados obtidos a partir das rodadas realizadas no *GoldVarb X*, levando em consideração os dados coletados para a pesquisa, bem como as variáveis determinadas analisadas com base no fenômeno variável do imperativo gramatical. A hipótese principal da pesquisa é a de que a variação do imperativo verdadeiro é mais recorrente que a do imperativo supletivo no Maranhão.

Para explicitar os resultados, partimos da rodada estatística geral, que envolve todos os municípios considerados – São Luís, Alto Parnaíba, Bacabal, Caxias e Imperatriz –, e indica quais grupos de fatores são selecionados pelo programa como mais relevantes para o processo de variação. Na sequência, abordamos as variáveis que não foram selecionadas durante as demais rodadas, com vistas a explicitar seus percentuais e quantidades de ocorrências registradas para as formas investigadas. Por último, há um tópico que aborda apenas os resultados da capital São Luís, a partir de uma rodada em separado que considerou o aspecto diastrático (escolaridade) com vistas a saber se há alguma influência desse grupo de fatores sobre as formas imperativas.

A partir das informações descritas nesta seção, foi possível depreender quais fatores atuam de forma mais significativa na variação do imperativo no Maranhão, bem como qual das formas (imperativo verdadeiro ou imperativo supletivo) é mais utilizada em cada município (o que também nos permitiu observar qual dessas duas formas é mais utilizada no estado como um todo).

3.1. Amostra geral

Como mencionado, foram selecionados para a análise cinco municípios que compõem a rede de pontos do Projeto ALiMA. Seguindo os critérios estabelecidos para a implementação de uma metodologia apurada na realização deste estudo, buscamos englobar as cinco mesorregiões do estado, razão pela qual cada localidade escolhida representa uma mesorregião diferente do Maranhão.

Do ponto de vista dialetológico, analisar o fator diatópico nos permite observar como o fenômeno se comporta em cada ponto e quais variáveis mais influenciam nessas cidades, bem como fazer um comparativo entre os municípios-chave e as capitais investigadas pelo ALiB, por exemplo. Além disso, a Dialetologia considera o espaço geográfico essencial para o estudo e a compreensão do processo de variação e mudança linguística, dado que as

comunidades de falantes se estabelecem nesse espaço e utilizam a língua para caracterizar o seu entorno, estreitando os laços entre sistema e diatopia e refletindo aspectos que estão intimamente associados ao local em que estão assentados e ao seu modo de vida diário através dos anos (Cardoso, 2010).

Pensando nisso, o estudo diatópico é um dos focos desse trabalho em termos metodológicos e teóricos, de modo que os dados recolhidos a partir dos inquéritos do atlas foram codificados e dispostos numa planilha que facilitasse a visualização e a posterior amálgama que permitiu a transposição para o *GoldVarb X*. Assim, a rodada estatística geral foi realizada com todas as localidades e excluindo o fator diastrático, correspondente à escolaridade, uma vez que essa variável só poderia ser melhor observada em São Luís, que contava com dois níveis distintos: fundamental e universitário.

Destacamos também o amalgamento do fator *forma precedida de subjuntivo*, do grupo de variáveis *paralelismo linguístico*, e do fator *pronomes tu/teu/te explícito*, do grupo de variáveis *presença/ausência de pronomes no contexto discursivo*. Isso ocorreu devido aos *knockouts* apontados pelo programa nesses grupos de fatores. Como não seria adequado ou produtivo excluí-los da rodada, optamos por apenas desconsiderá-los sem interferir na quantidade total de dados recolhidos e processados para análise.

Ao todo, chegamos a 248 dados, após o refinamento das informações. Essa etapa ocorreu após a identificação de algumas formas de imperativo verdadeiro que estavam muito associadas ao indicativo, embora estivessem em contexto de imperativo, como textos instrucionais (Castilho, 2010; Braga, 2016). Para falseamento dos dados, optamos por retirá-los da análise geral²⁰.

Assim, os resultados são apresentados conforme a Tabela 1, a seguir

Tabela 1 — Distribuição geral dos dados por variante

VARIÁVEL DEPENDENTE	OCORRÊNCIAS	PERCENTUAL
Imperativo Verdadeiro	205	83% ²¹
Imperativo Supletivo	43	17%
Total	248	100%

Fonte: elaborada pelo autor.

²⁰ Embora estes dados não tenham sido considerados para o estudo proposto aqui, podem ser aproveitados em uma pesquisa futura.

²¹ Os percentuais, em sua maioria, foram arredondados, com vistas à facilitação da leitura e remissão dos valores no decorrer do texto. Assim, percentuais com casa decimal abaixo de 0,5 foram arredondados para menos (ex.: 82,3% = 82%) e os com casa decimal igual ou superior a 0,5 foram arredondados para cima (ex.: 90,5% = 91%; 74,8% = 75%).

A regra de aplicação para a rodada estatística geral foi o imperativo verdadeiro, considerando a hipótese do estudo e o fato de trabalhos como o de Oliveira (2017) demonstrarem que as capitais São Luís e Fortaleza diferem das demais capitais do Nordeste pelo acentuado uso de formas indicativas na construção de sentenças imperativas.

Com base na Tabela 1, o percentual de produções do imperativo verdadeiro na rodada geral foi bastante expressivo, 83%. De forma semelhante, as ocorrências de imperativo verdadeiro nos municípios investigados foram igualmente altas, se comparadas com as 43 ocorrências do imperativo supletivo, com registro percentual de 17%.

As estatísticas comprovam que o imperativo verdadeiro é a forma mais utilizada pelos falantes do estado do Maranhão na construção de sentenças imperativas, sobretudo no que tange aos municípios selecionados para o estudo.

Oliveira (2017) apresenta, a partir dos dados de imperativo coletados pelo ALiB, que as capitais nordestinas, em geral, realizam predominantemente sentenças com imperativo supletivo. As exceções estão nas cidades de São Luís e Fortaleza, nas quais a autora constatou alto índice de ocorrências de imperativo verdadeiro e pesos relativos de 0.84 e 0.66, respectivamente.

O valor referente à São Luís está muito acima do que se chama de ponto neutro nas estatísticas do *GoldVarb X* (0.50) e pode ser explicado a partir do uso recorrente do pronome *tu* nesse município (Oliveira, 2017). Contudo, ao submetermos os dados à rodada estatística, a variável linguística *presença/ausência de pronome no contexto discursivo* não foi selecionada como relevante para a expressão variável do imperativo²². Na subseção 3.4, na qual tratamos sobre São Luís, discorreremos melhor as hipóteses para esse fator, além de apresentar quais variáveis foram selecionadas pelo *GoldVarb X* como relevantes para o fenômeno estudado.

Fatores como a localização geográfica do Maranhão podem influenciar no uso recorrente e acentuado do imperativo verdadeiro no estado. “O Maranhão está situado em uma área de transição entre a região nordeste e a região amazônica. O Estado encontra-se numa posição entre três macrorregiões brasileiras: Nordeste, Norte e Centro Oeste” (Silva et

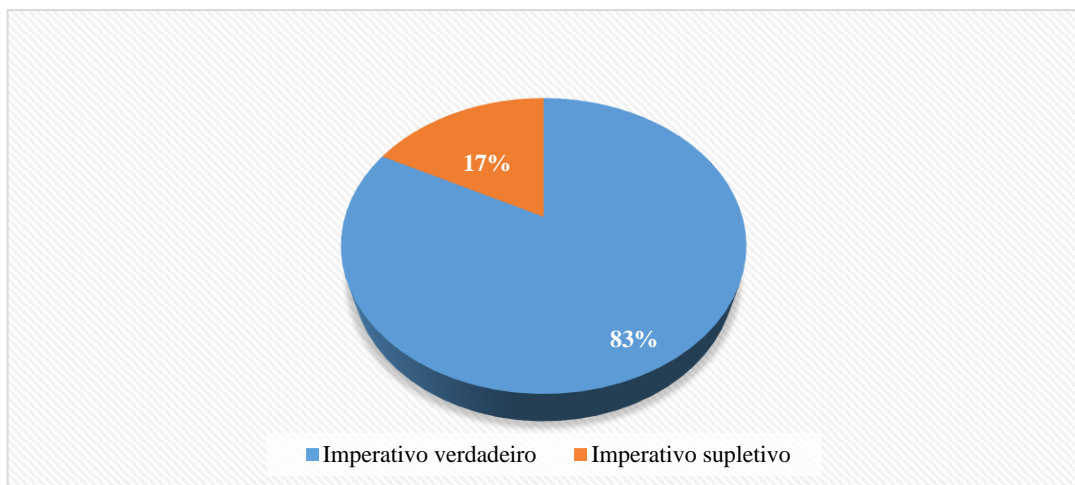
²² Esse fato nos surpreendeu, uma vez que esperávamos que a variável correspondente aos pronomes de segunda pessoa estivessem diretamente relacionado à variação do imperativo no Maranhão, tal como outros estudos atestam nos demais estados brasileiros. Contudo, no âmbito desta pesquisa, esse fator não foi considerado relevante pelo *GoldVarb X*, embora Oliveira (2017) aponte o acentuado uso de *tu* (Alves, 2015) em São Luís como uma possível justificativa para a grande aplicação do imperativo verdadeiro na capital maranhense. Outro ponto que podemos supor a partir desse resultado é que o questionário do ALiMA, instrumento do qual extraímos o *corpus* da pesquisa, por não ser direcionado à investigação específica do imperativo no Maranhão, pode ter influenciado os dados pode ter influenciado para a não-seleção deste fator para o fenômeno variável analisado, embora haja uma percepção da correlação entre a variação pronominal de segunda pessoa e a variação do imperativo. Um questionário específico para fins de investigação do imperativo talvez pudesse sanar essa dúvida e atestar o encaixamento dos fenômenos no PB falado no Maranhão.

al, 2016, p. 331). Essa localização influencia em pontos como o clima e a vegetação no estado e pode explicar também a proximidade cultural entre o Maranhão e alguns estados da região Norte, bem como as influências linguísticas exercidas sobre os falantes.

Carvalho (2021) aponta que a região Norte faz uso recorrente do subsistema pronominal *tu-exclusivo*, além do subsistema *você/tu* (isto é, a alternância pronominal). Essa conclusão corrobora com o que Oliveira (2017) teoriza sobre o alto índice de sentenças com imperativo verdadeiro em São Luís: o acentuado uso do pronome *tu* nessa capital possivelmente favorece as construções com formas associadas ao indicativo. Embora a região Nordeste seja distinta das demais pelo frequente e predominante uso do imperativo supletivo (Scherre et al, 2007; Oliveira, 2017), São Luís se destaca, ao lado de Fortaleza, como capital na qual o uso do imperativo verdadeiro prevalece.

O Gráfico 1, a seguir, ilustra melhor a distribuição dos dados da variável dependente:

Gráfico 1 — Distribuição da variável dependente em percentuais.



Fonte: elaborado pelo autor.

Após a realização da rodada geral, o programa selecionou três variáveis como as mais relevantes. São elas: as variáveis diassexual e diageracional e a variável linguística polaridade da sentença. Por ordem de relevância, a polaridade da sentença foi selecionada como a mais influente no processo de variação. Dessa forma, optamos por apresentar os resultados de acordo com a ordem estabelecida pelo programa.

Importante ressaltar que, no Maranhão, o fenômeno de variação do imperativo gramatical, estatisticamente, não é marcadamente dialetal. Isso se dá porque o *GoldVarb X* não selecionou a variável diatópica como relevante dentro da análise dos dados. Dos cinco

municípios estabelecidos para a recolha dos dados, nenhum foi eleito como condicionante do fenómeno variável. Ainda assim, seria interessante uma investigação maior nos demais municípios que compõem a rede de pontos do ALiMA.

No trabalho de Oliveira (2017), entretanto, essa variável é muito relevante. A autora menciona que essa foi a primeira das variáveis a ser selecionada pelo programa, ressaltando o aspecto dialetal do imperativo gramatical nas capitais nordestinas. No presente trabalho, a única localidade que teve sua rodada isolada foi São Luís por fatores já mencionados (*cf.* seção 2 – Metodologia da Pesquisa).

3.2. Variáveis selecionadas pelo programa

3.2.1. Polaridade da sentença

A variável *polaridade da sentença* corresponde à presença ou ausência da negação nas sentenças imperativas. A hipótese para esse fator é a de que a polaridade afirmativa favorece a forma do imperativo verdadeiro e a polaridade negativa favorece a forma do imperativo supletivo.

Conforme os critérios estabelecidos, estes foram os resultados estatísticos gerados pelo *GoldVarb X*:

Tabela 2 — Imperativo verdadeiro X polaridade da sentença.

POLARIDADE	OCORRÊNCIAS/ TOTAL	PERCENTUAL	PR
Afirmativa	194/227	86%	0.54
Negativa	11/21	52%	0.14
Total	205/248	83%	<i>Range: 0.40</i>
<i>input: 0.854</i>			<i>significância: 0.017</i>

Fonte: elaborada pelo autor.

Como esperado para a polaridade afirmativa, o peso relativo foi de 0.54, um pouco acima do ponto neutro, mas comprovando que sentenças nessa polaridade favorecem o uso do imperativo verdadeiro (Scherre, 2007; Oliveira, 2017). O percentual é igualmente alto, 86%. Considerando o *input* de 0.854, podemos dizer que o imperativo verdadeiro na polaridade afirmativa é amplamente utilizado no Maranhão. Para a polaridade negativa, registramos PR 0.14 e um percentual de 52%. A prescrição das gramáticas postula que, para as sentenças negativas, o imperativo deve ser realizado na forma supletiva (Cunha; Cintra, 2016; Oliveira,

2017). Dessa forma – e a partir dos dados expostos na Tabela 2 – a polaridade negativa é inibida em contextos de imperativo verdadeiro, mais uma vez corroborando com estudos já realizados com dados da região Nordeste (Scherre, 2007; Oliveira, 2017).

Oliveira (2017) formula a mesma hipótese utilizada no presente estudo e chega à mesma conclusão: a região Nordeste utiliza o imperativo verdadeiro em contextos de polaridade afirmativa e o inibe em sentenças com polaridade negativa. O Maranhão, conforme demonstrado, não foge à essa regra, considerando os pesos relativos levantados pelo *GoldVarb X*.

Os exemplos abaixo ajudam a ilustrar melhor essa realidade:

Polaridade afirmativa

(20) FECHA a porta (Imperativo verdadeiro – MA12/01).

Polaridade negativa

(21) NÃO FAÇA barulho pra não acordar o neném (Imperativo supletivo – MA12/04).

As sentenças (20) e (21) foram extraídas do *corpus* de análise e atestam a hipótese aventada para a variável linguística *polaridade da sentença*. O ponto MA12, correspondente ao município de Caxias, no Leste Maranhense, demonstra como os falantes utilizam o imperativo na construção de sentenças com distintas polaridades.

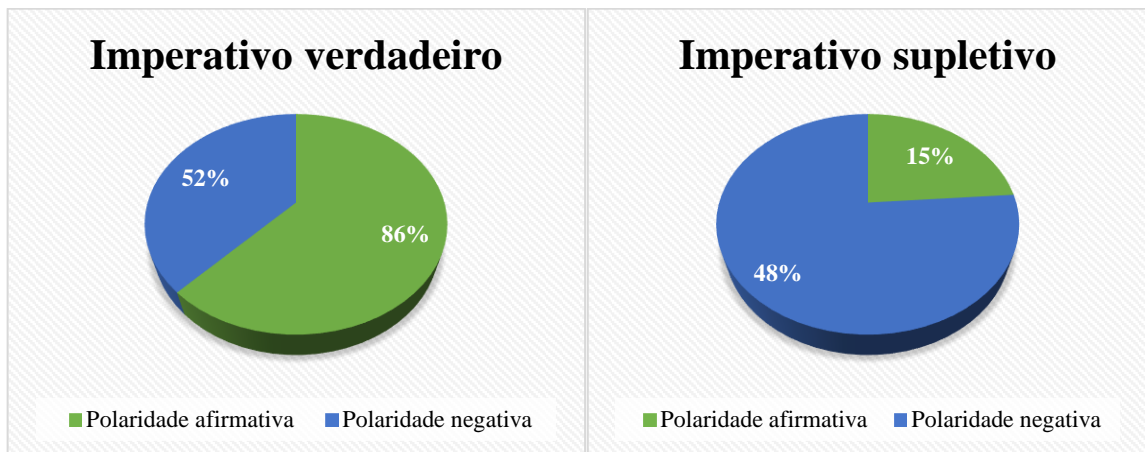
Estudos como o de Sampaio (2001) e o de Santos (2020) evidenciam a força do fator *polaridade da sentença* na expressão variável do imperativo. A hipótese aventada por Santos (2020), por exemplo, é a mesma que levantamos neste estudo e os resultados da autora comprovam o favorecimento do imperativo supletivo em sentenças negativas, bem como do imperativo verdadeiro em sentenças afirmativas. Sampaio (2001) explana que isso provavelmente se deve ao fato de as formas subjuntivas em contextos de polaridade negativa assegurarem a leitura imperativa, como em “não jogue isso fora”, algo que poderia ficar ambíguo caso a forma fosse derivada do indicativo: “não joga isso fora”.

Essa informação fica ainda mais clara quando se analisa o *range*, isto é, a diferença entre os pesos relativos calculados. O valor é de 0.40, o que significa que há uma enorme distância entre a utilização das polaridades no que tange à variação do imperativo. Dado esse valor, faz sentido que o programa tenha considerado a variável *polaridade da sentença* como a primeira na ordem de relevância do fenômeno.

Por fim, salientamos que a significância apontada pelo programa foi de 0.017, o que indica que os dados apresentados são confiáveis, uma vez que estão abaixo de 0.050 (Oliveira, 2014). Os valores de *input* e significância permanecem os mesmos para todas as variáveis selecionadas na rodada estatística geral.

O Gráfico 2, a seguir, ilustra melhor os resultados percentuais em função da polaridade da sentença. Para o imperativo supletivo, os resultados ratificam nossa hipótese: registramos 15% de casos na polaridade afirmativa e 48% de casos na polaridade negativa. A conclusão é que, no Maranhão, a polaridade negativa favorece a aplicação de formas subjuntivas (imperativo supletivo) nas sentenças do PB, semelhante ao que prescreve a norma gramatical.

Gráfico 2 — Imperativo verdadeiro e imperativo supletivo x polaridade da sentença, em percentuais.



Fonte: elaborados pelo autor.

3.2.3. Variável diassexual

A segunda variável selecionada pelo programa, em ordem de relevância, foi a variável diassexual. Como já mencionado, esta compreende dois subfatores: sexo masculino e sexo feminino. A Tabela 3, a seguir, apresenta os resultados estatísticos para essa variável.

Tabela 3 — Imperativo verdadeiro X sexo.

SEXO	OCORRÊNCIAS/TOTAL	PERCENTUAL	PR
Feminino	99/130	76%	0.34
Masculino	106/118	90%	0.67
Total	205/248	83%	<i>Range: 0.33</i>

input: 0.854 *significância: 0.017*

Fonte: elaborada pelo autor.

Conforme o exposto, o sexo dos indivíduos é um fator social que contribuiu fortemente para a expressão variável do imperativo no Maranhão. Algumas conclusões fundamentais podem ser extraídas desses resultados. Vejamos:

i) O PR de 0.67 evidencia que os falantes masculinos lideram a aplicação dessa regra variável, ao passo que as mulheres desfavorecem o uso.

ii) Dado o PR de 0.34 registrado na fala das mulheres, para a variante indicativa, é possível deduzir que são elas as responsáveis pela manutenção do imperativo supletivo.

iii) O *input* permanece 0.854 e o *range* para essa variável é de 0.33. Isso reafirma a manutenção dos homens em relação às formas indicativas, uma vez que a) esse percentual está próximo ao valor de aplicação da regra variável; b) os dados foram calculados em função do imperativo verdadeiro; c) a conservação das formas supletivas pelas mulheres, cujo PR possui valor mais baixo e mais distante do valor do *input*.

A variável diassexual, conforme mencionado na seção de Metodologia, foi selecionada em virtude da abrangência pluridimensional da Dialetologia (Cardoso, 2010) e por ser alvo também das análises da Sociolinguística. É importante destacar que, social, histórica, política e culturalmente, homens e mulheres desempenham diferentes funções numa comunidade. Isso, sem dúvidas, impacta em fenômenos variáveis nas línguas utilizadas por essas pessoas em virtude da estreita relação entre o sistema e a sociedade (Coelho et al, 2015).

Em sua tese, Cardoso (2009) analisa a expressão variável do imperativo no PB a partir da perspectiva da identidade dos falantes. Uma das variáveis controladas pela autora refere-se ao gênero dos informantes. Segundo a própria, o uso da terminologia *gênero* leva em conta não apenas os aspectos biológicos dos indivíduos, mas também os distintos papéis executados por eles na sociedade.

A autora apresenta vários estudiosos que apontam para as mulheres como responsáveis pela manutenção das formas de prestígio numa comunidade e como isso reverbera no uso linguístico e nos estudos de variação.

A importância do fator gênero tem aumentado nas últimas pesquisas e isso mostra a relevância desse fator na análise dos mecanismos sociais que interferem no fenômeno da mudança linguística. Cheshire diz que devemos lembrar que um único fator não deve ser considerado para a variação no comportamento linguístico de homens e mulheres. Outros fatores sociais devem ser investigados como classe, idade e grupo étnico dependendo do fenômeno que estamos observando. Para Labov (2001: 262), a análise do fator gênero é crucial para mostrar a importância dos fatores sociais em uma análise linguística (Cardoso, 2009, p. 33-34).

Com base nessas conclusões, a hipótese aventada para a variável diassexual nesta pesquisa foi refutada, uma vez que esperávamos que os informantes do sexo masculino fizessem maior uso de sentenças com imperativo supletivo, forma menos utilizada no dia a dia, e que as informantes do sexo feminino utilizassem mais sentenças com imperativo verdadeiro, considerado por nós como mais recorrente na fala dos maranhenses.

O que percebemos a partir desses resultados é que o fenômeno de variação do imperativo no Maranhão está fortemente ligado ao sexo dos indivíduos, enquanto categoria biológica, embora isso por si só talvez não seja capaz de explicar essa variação (Cardoso, 2009). Ainda assim, é possível apontar os motivos que levam a variável diassexual a ser relevante para esse fenômeno quando partimos, também, das observações de Cardoso (2009) acerca do gênero dos indivíduos como parte da constituição identitária e linguística: os homens, socialmente falando, são privilegiados e pouco tolhidos em suas falas, enquanto as mulheres muitas vezes podem ser associadas à vulgaridade e a um comportamento pejorativo (Aureliano; Oliveira, 2017), de modo que elas preferem, em muitos casos, monitorar sua forma de falar com o intuito de se distanciar desse estereótipo (o que reflete os diferentes papéis sociais exercidos por homens e mulheres na sociedade).

Labov (2001), por exemplo, aponta que os homens no Ocidente tendem a ser mais abertos ao uso de formas linguísticas inovadoras, enquanto as mulheres seguem a tendência de manter as formas mais tradicionais. Como já dito, o enfoque deste trabalho não é a percepção e avaliação dos usuários em relação ao fenômeno de expressão variável do imperativo (*cf.* seção 1 – Fundamentação Teórica), contudo é interessante um estudo mais refinado que possibilite afirmar se, de fato, as formas de imperativo sofrem estigmatização quando utilizadas por homens e/ou mulheres. De forma geral, já há estudos que indicam que a variação entre imperativo verdadeiro e imperativo supletivo não é alvo de avaliações sociais

negativas (cf. Faria, Scherre, 2022). Por fim, dado que o sexo é um aspecto considerado pelo ALiMA, seria impossível não o considerar também como uma de nossas variáveis e os resultados apenas reforçam a necessidade de um olhar mais micro voltado a esse grupo de fatores.

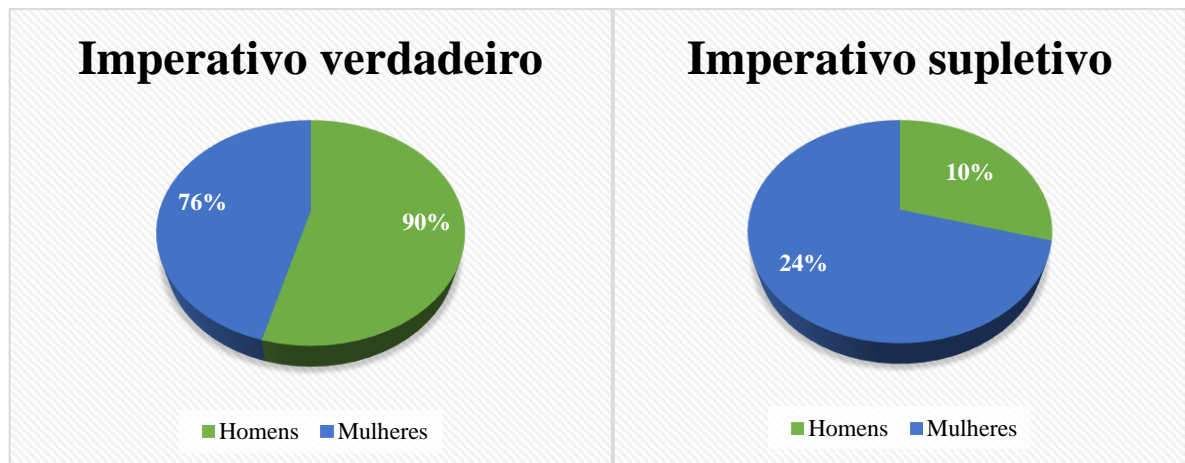
As sentenças (22) e (23) apresentam as diferenças entre os dois subfatores da variável diassexual.

(22) TRAZ um refrigerante aí pra mim (Imperativo verdadeiro – MA01/3); (fala masculina)

(23) [...] Eu digo ‘ME DÊ um guaraná’ (Imperativo supletivo – MA01/6). (fala feminina)

Quanto aos dados da variável diassexual na rodada geral, graficamente, temos:

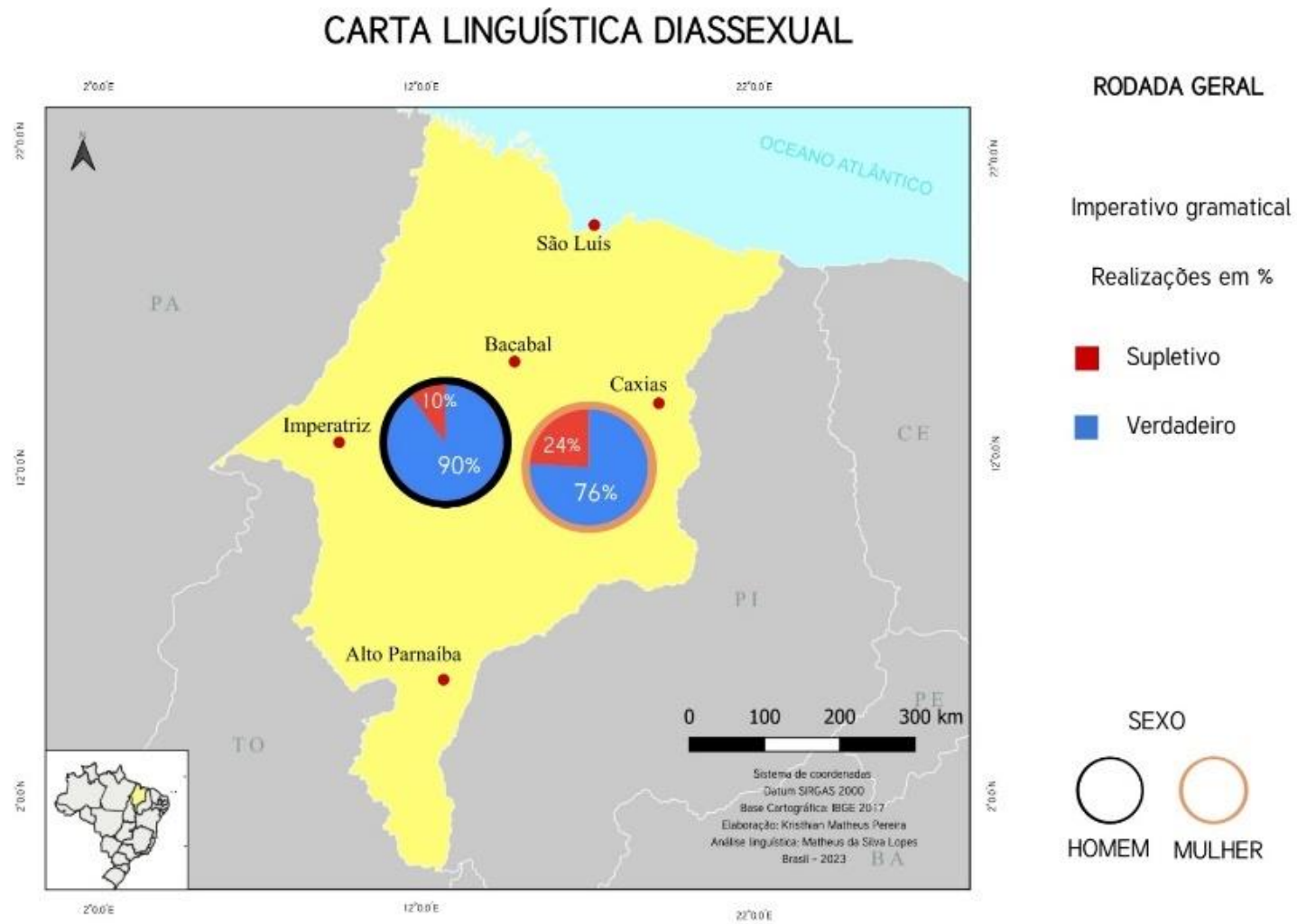
Gráfico 3 — Imperativo verdadeiro e imperativo supletivo X sexo, em percentuais.



Fonte: elaborados pelo autor.

Por fim, a Carta Linguística 1 elucidada, de forma cartográfica, a variação do imperativo no estado do Maranhão na perspectiva da variável diassexual.

Figura 7 — Carta Linguística 1 – variável diassexual.



Fonte: elaborada ad hoc pelo autor, com base no Banco de Dados do ALiMA.

3.2.3. Variável diageracional

No que tange à variável diageracional, terceiro e último grupo de fatores selecionado pelo programa, temos as duas faixas etárias estabelecidas pelo ALiMA: faixa I (18-30 anos) e faixa II (50-65 anos). Por ser uma variável social, esse é um resultado interessante, se considerarmos que, no dia a dia, as pessoas tendem a acreditar que falantes de idades distintas utilizam a língua de formas diferentes. Acredita-se que os mais novos, aqui representados pela faixa I, sejam responsáveis pela manutenção de formas supletivas e os de mais idade, os da faixa II, optem pelas formas verdadeiras.

No que diz respeito à variável diageracional, a Tabela 4 apresenta as estatísticas obtidas na rodada geral:

Tabela 4 — Imperativo verdadeiro X faixa etária.

FAIXA ETÁRIA	OCORRÊNCIAS/TOTAL	PERCENTUAL	PR
Faixa I (18 a 30 anos)	96/118	81%	0.37
Faixa II (50 a 65 anos)	109/130	84%	0.61
Total	205/248	83%	<i>Range:</i> 0.24
<i>input: 0.854</i>		<i>significância: 0.017</i>	

Fonte: elaborada pelo autor.

De acordo com o exposto na Tabela 4, a faixa etária II é a que mais favorece o uso do imperativo verdadeiro, enquanto a faixa I tende a inibi-lo. Isso é comprovado pelos pesos relativos de 0.61 e 0.37, respectivamente. Quando nos voltamos aos percentuais, os subfatores apresentam percentuais altos, contudo, o que realmente mostra a força dessa variável é o *range*, correspondente a 0.24, indicando, portanto, o favorecimento do imperativo verdadeiro como regra de aplicação no Maranhão pelos informantes de mais idade.

Cardoso (2009) analisou a faixa etária nos dados de imperativo recolhidos a partir de entrevistas com falantes de Fortaleza que moravam em Brasília. A hipótese da autora seria a de que os mais jovens favorecessem o uso do imperativo verdadeiro. A pesquisa constatou que a faixa etária de 22-35 anos apresentou o maior PR (0.74) entre as quatro faixas estabelecidas pela autora. Contudo, a faixa de 11-21 anos teve o PR mais baixo (0.24) entre todos os entrevistados.

Constatamos que os resultados apresentados [...] para esse grupo ocorrem em função do falante 10, fortalezense que chegou ao Distrito Federal com 1 ano e cujos resultados surpreenderam pela frequência de 38%, que indica desfavorecimento do imperativo associado ao indicativo e peso relativo de 0,10. Recorrendo à tabela 07, que divide os falantes em grupos identitários, vemos que os dois falantes, que compõem o grupo de 11 a 21 anos, estão inseridos em contextos identitários bem diferentes. Enquanto Luc é de uma família fortalezense que veio para o Distrito Federal há pouco mais de 10 anos e que mantém intenso contato com familiares em Fortaleza, Car, que apresenta frequência de 88% e peso relativo de 0,81, é filha de mãe fortalezense cujos contatos com familiares cearenses inexistem (Cardoso, 2009, p. 129).

Assim, é interessante notar como o trabalho de Cardoso (2009), com base nas identidades dos falantes mediante o gênero e a idade, apresenta resultados que, em certa medida, diferem dos que obtivemos aqui, embora as hipóteses se assemelhem.

Alves (2001) aponta para o uso variável indiscriminado do imperativo supletivo aos mais jovens e o do imperativo verdadeiro aos mais velhos. Lacerda (2015) utiliza a variável diageracional em seu trabalho como forma de verificar a variação do imperativo na fala dos fortalezenses. Curiosamente para esse último autor, a faixa etária foi selecionada pelo *GoldVarb X* e os falantes mais jovens (15-25 anos) desfavoreceram o uso do subjuntivo em suas falas, enquanto os de mais idade (+ 50 anos) utilizavam preferencialmente o imperativo supletivo.

Lacerda (2015) demonstra essas conclusões a partir dos pesos relativos obtidos na pesquisa – cuja regra de aplicação foi o imperativo supletivo – e também por meio dos percentuais de frequência calculados em função da quantidade de ocorrências de cada variante da variável dependente.

Oliveira (2017), no entanto, evidencia Fortaleza como uma capital que faz uso acentuado do imperativo verdadeiro, com formas associadas ao indicativo. Como mencionamos, o estudo desta autora tem como resultado a constatação de uso predominante do imperativo supletivo no Nordeste, exceto em São Luís e Fortaleza. Contudo, cabe ressaltar que o estudo de Lacerda (2015) é anterior ao de Oliveira (2017) e que este último se vale dos dados coletados a partir do ALiB.

Esses pontos, aliados a aspectos metodológicos de cada autor, podem ser uma possível explicação de os resultados divergirem uns dos outros.

A seguir, apresentamos exemplos de sentenças imperativas (24) e (25) produzidas por informantes do ALiMA para ilustrar melhor nossas conclusões a partir da variável diageracional.

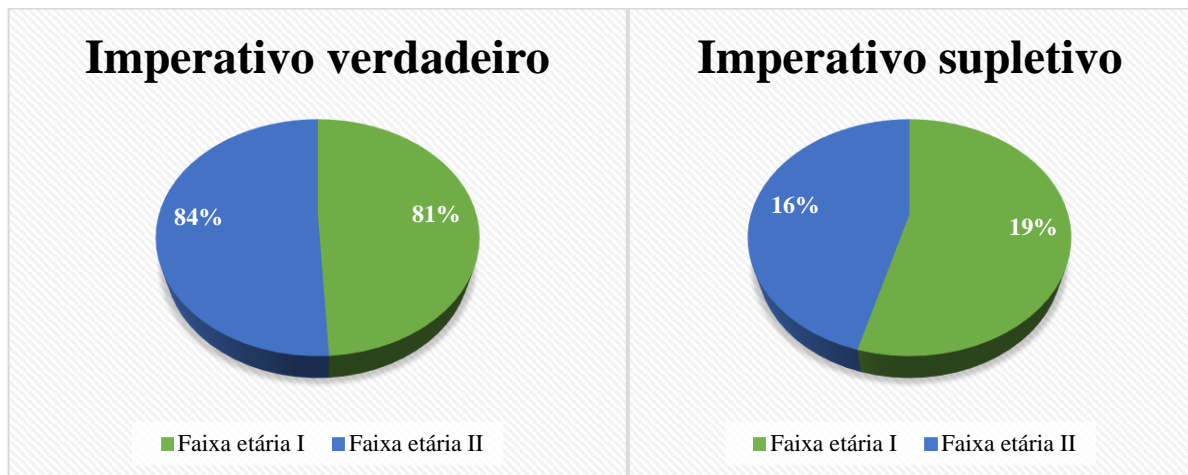
- (24) FECHHE a porta para mim (Imperativo supletivo – MA16/2);
 (25) FECHA a porta (Imperativo verdadeiro – MA16/03).

A partir do exposto, é possível perceber que a mesma pergunta foi feita para ambos os entrevistados e, ainda assim, as respostas foram diferentes. Enquanto a informante 2 utiliza o imperativo supletivo (*feche*), o informante 3 opta pelo uso do imperativo verdadeiro (*fecha*). Essas sentenças reforçam e comprovam a hipótese aventada para o fator diageracional.

Além disso, acrescentamos que as variáveis diasssexual e diageracional neste estudo estão relacionadas, uma vez que a informante 2, além de ser mais jovem, faz parte do subfator *sexo feminino* e o informante 3 integra o subfator *sexo masculino*, permitindo o cruzamento dessas informações. Embora não as tenhamos cruzado, essa é uma associação interessante e realizada em estudos como o de Cardoso (2009) e Lacerda (2015).

O Gráfico 6, a seguir, ilustra melhor as ocorrências de imperativo verdadeiro e imperativo supletivo em função da faixa etária:

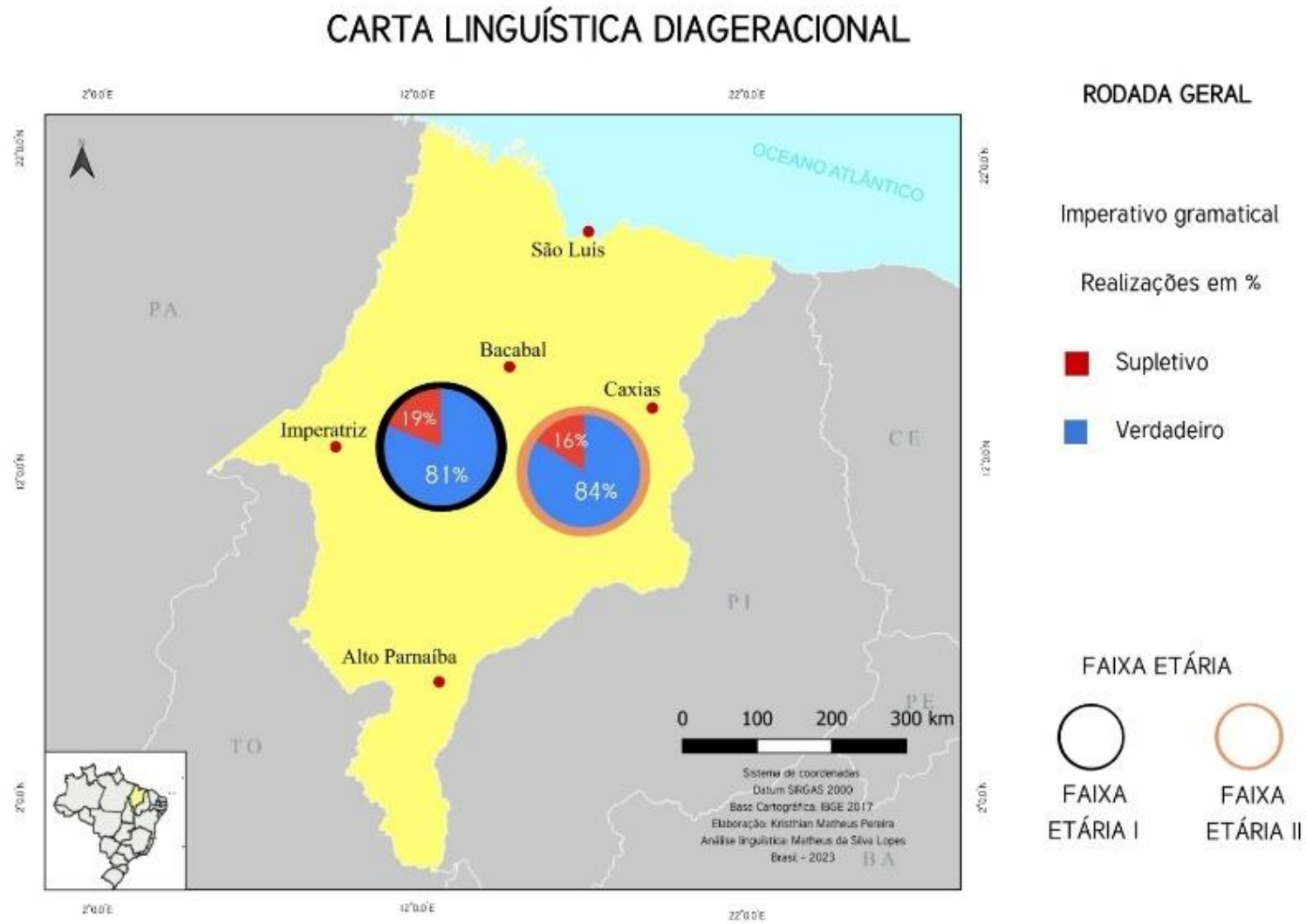
Gráfico 4 — Imperativo verdadeiro e supletivo X faixa etária, em percentuais.



Fonte: elaborados pelo autor.

Em seguida, apresentamos a Carta Linguística 2, com as informações de variação do imperativo no Maranhão a partir da variável diageracional:

Figura 8 — Carta Linguística 2 – variável diageracional.



Fonte: elaborada ad hoc pelo autor, com base no Banco de Dados do ALiMA.

Aqui encerramos a apresentação das variáveis selecionadas pelo *GoldVarb X*. Pelo que podemos perceber, o fenômeno de variação do imperativo no estado do Maranhão é motivado por questões linguísticas e sociais, com especial ênfase para a primeira variável, *polaridade da sentença*. Embora se diferencie do restante da região Nordeste pelo uso frequente do imperativo verdadeiro, a norma gramatical que prescreve o uso do imperativo supletivo associado a sentenças negativas parece, em geral, ser seguida pelos falantes, dado que essa foi a polaridade que mais favoreceu as formas subjuntivas.

Quanto ao aspecto diasssexual e diageracional, é essencial destacar que essas características estão, aparentemente, relacionadas (Cardoso, 2009; Lacerda, 2015) e se unem para demonstrar a força de sua influência na expressão variável do imperativo nas localidades por nós pesquisadas. Homens e mulheres de diferentes faixas etárias favorecem ou inibem uma ou outra forma imperativa de acordo com seu gênero ou sua idade. Não chegamos a cruzar essas informações no *GoldVarb X*, mas, para pesquisas futuras, seria interessante analisar a correlação dessas variáveis no fenômeno investigado, bem como sua ligação com a polaridade da sentença.

No tópico seguinte, abordamos as variáveis não-selecionadas pelo programa, apresentando seus percentuais e estudos que se relacionam com os motivos que nos levaram a escolhê-las como fatores condicionantes da expressão variável do imperativo.

3.3. Variáveis não-selecionadas pelo programa

Embora o *GoldVarb X* tenha selecionado apenas três grupos de fatores, as demais variáveis também são igualmente interessantes e este tópico se dedica a analisar brevemente esses fatores. As variáveis não-selecionadas na rodada geral foram: i) fator diatópico, ii) presença/ausência de pronome no contexto discursivo, iii) tipo de discurso e iv) paralelismo linguístico.

Apresentaremos as tabelas com os resultados, em percentuais, de acordo com cada variável, na ordem citada acima.

3.3.1. Variável diatópica

Iniciamos com a variável diatópica, que abarca as cinco localidades investigadas na pesquisa, a saber: São Luís, Alto Parnaíba, Bacabal, Caxias e Imperatriz.

Tabela 5 — Imperativo X localidade.

LOCALIDADE	VERDADEIRO		SUPLETIVO	
	OCORRÊNCIAS /TOTAL	PERCENTUAL	OCORRÊNCIAS/ TOTAL	PERCENTUAL
São Luís	83/106	78%	23/106	22%
Alto Parnaíba	17/20	85%	3/20	15%
Bacabal	20/25	80%	5/25	20%
Caxias	41/45	91%	4/45	9%
Imperatriz	44/52	85%	8/52	15%
Total	205/248	83%	43/248	16%
<i>input: 0.854</i>		<i>significância: 0.017</i>		

Fonte: elaborada pelo autor.

A Tabela 5 apresenta informações interessantes que ajudam a complementar algumas conclusões a respeito da não-seleção desse grupo de fatores pelo *GoldVarb X*.

Percebemos que os percentuais de todas as localidades são muito altos no tocante ao imperativo verdadeiro. Isso comprova que o estado do Maranhão, no que compreende os municípios investigados, faz grande uso das formas associadas ao indicativo, a exemplo dos percentuais de Caxias (91%), Alto Parnaíba e Imperatriz, ambos, com 85%. Contudo, cabe aqui uma ressalva para a capital, São Luís, na qual o percentual de uso do imperativo verdadeiro, em relação à média percentual geral da aplicação da variável dependente em questão, é menor que o *input* indicado pelo programa, que é 0,854, o que contrasta com o percentual de 78% para a capital. Para melhor analisar o espectro diatópico, optamos por trazer cada município e seus respectivos dados e percentuais separadamente, seguindo a ordem apresentada na Tabela 5. Vejamos.

3.3.1.1. Dados de São Luís

O percentual calculado pelo *GoldVarb X* para São Luís corresponde a 78% de aplicação da variante imperativo verdadeiro. Dentre os percentuais gerados pelo programa na variável diatópica, este foi o menor de todos, considerando que todos os demais variam entre 80 e 91%. Mesmo se considerarmos a frequência relativa para a aplicação do imperativo

verdadeiro (83%) e o *input* (0.854), não é possível afirmar com certeza se, em termos diatópicos, o imperativo verdadeiro seria uma forma desfavorecida em São Luís. Embora possua a maior quantidade de ocorrências entre as cinco localidades (83 de um total de 106 dados), o percentual é o mais baixo e, sem o PR, não é possível depreender conclusões mais aprofundadas ou seguras acerca do fator diatópico.

Quanto ao imperativo supletivo, a situação é diferente. O percentual correspondente a São Luís agora lidera todos os valores calculados pelo *GoldVarb X* (22%), enquanto a quantidade de ocorrências se mantém como a mais alta entre as localidades (23 de 106 dados). Em relação à frequência relativa de imperativo supletivo (16%), São Luís está acima da média. Contudo, o PR seria essencial para conseguirmos identificar melhor as condições de favorecimento ou inibição de quaisquer uma das variantes investigadas.

(26) TRANCA a porta (Imperativo verdadeiro – MA01/3);

(27) Me SIRVA um guaraná (Imperativo supletivo – MA01/2).

3.3.1.2. Dados de Alto Parnaíba

O município de Alto Parnaíba é uma das localidades com maior percentual registrado para o imperativo verdadeiro. São 85% de ocorrências, correspondentes a 17 sentenças de um total de 20 produções. Ao lado de Imperatriz, esse foi o ponto geográfico com o maior percentual de ocorrências, ficando atrás somente de Caxias (91%). Percebemos que o percentual atribuído ao município também está ligeiramente acima da média, o que pode indicar favorecimento do imperativo verdadeiro nessa localidade.

Para o imperativo supletivo, contudo, Alto Parnaíba registra um dos percentuais mais baixos (15%) e a menor quantidade de aplicações, cerca de 3 ocorrências entre todos os municípios:

(28) FAZ isso aqui pra mim, me AJUDA (Imperativo verdadeiro – MA10/3);

(29) Me DÊ um guaraná (Imperativo supletivo – MA10/4).

3.3.1.3. Dados de Bacabal

Em Bacabal, o percentual registrado foi de 80% para o imperativo verdadeiro, correspondente a 20 ocorrências do total de 25 produções. Assim como em São Luís, esse valor está abaixo da média (83%), e é o percentual mais baixo entre os municípios depois da capital do estado. Mesmo abaixo da média da frequência relativa, o município ainda faz maior uso do imperativo verdadeiro em comparação ao imperativo supletivo. Em relação a este, os dados revelam que os informantes de Bacabal produziram apenas 5 sentenças, o que gerou um percentual de 20%. Vejamos os exemplos (30) e (31):

(30) Ei, minha filha, PEGA a tua chave (Imperativo verdadeiro – MA16/2);

(31) Ah, VÁ fazer uma vareda! (Imperativo supletivo – MA16/3).

3.3.1.4. Dados de Caxias

Em Caxias, o maior percentual de ocorrências de imperativo verdadeiro foi registrado (91%), embora não tenha sido o município com o maior número de aplicações. Interessante mencionar também que, em Caxias, houve informantes que produziram muitas sentenças não-motivadas pelo contexto da entrevista (o que convenciamos chamar de discursos livres para os fins deste estudo), frutos da interação dos informantes com outras pessoas que estavam próximas no momento dos inquéritos, mas que eram alheias ao questionário.

Isso certamente teve peso na recolha dos dados e, posteriormente, nas rodadas estatísticas. O interessante é notar que, de maneira geral, a grande maioria dos discursos livres apresentaram sentenças com imperativo verdadeiro, mas esse é um ponto a ser explorado mais adiante.

De volta aos dados, o imperativo supletivo em Caxias apresentou um percentual de apenas 9%, pouco mais da metade da média (16%). Além disso, em termos percentuais, Caxias foi um município que demonstrou um enorme contraste entre imperativo verdadeiro e imperativo supletivo: enquanto para a primeira forma, o percentual foi o mais alto dentre todas as localidades, para a segunda forma, o valor foi o mais baixo.

Sem o PR, não é possível afirmar com clareza, mas, percentualmente falando, o favorecimento do imperativo verdadeiro em Caxias parece ser muito acentuado.

- (32) Ê, garçom, TRAZ um guaraná pra mim! (Imperativo verdadeiro – MA12/4);
 (33) NÃO FAÇA zoada (Imperativo supletivo – MA12/2).

3.3.1.5. Dados de Imperatriz

O último município registrado foi Imperatriz, cujos percentuais coincidiram com os de Alto Parnaíba, tanto para o imperativo verdadeiro quanto para o supletivo. Para a primeira forma, registramos 85% de frequência, correspondente a 44 sentenças de um total de 52 produções. Assim como nas demais localidades, o maior quantitativo foi o de imperativo verdadeiro. Destacamos ainda que o percentual de imperativo verdadeiro está acima da média para a variante (83%).

Já para o imperativo supletivo, a frequência foi de 15%, referente a 8 sentenças registradas. Percentualmente, o imperativo supletivo também é desfavorecido em Imperatriz, embora esteja muito próximo da média calculada para essa variante.

- (34) DEIXA de mão, tem que partir pra outra (Imperativo verdadeiro – MA07/4);
 (35) Me DÊ um guaraná (Imperativo supletivo – MA07/3).

3.3.1.6. Considerações acerca da variável diatópica

A partir dos dados apresentados nas subseções anteriores, podemos concluir que o fenômeno de variação do imperativo no Maranhão, em termos estatísticos, não tem relação com o aspecto diatópico, diferente do que outros estudos apontam (Oliveira, 2017). O *GoldVarb X* não fez a seleção dessa variável durante as rodadas estatísticas, o que nos leva a crer que esse traço não é suficientemente relevante para o uso do imperativo no Maranhão. Contudo, era vital controlarmos o fator diatópico, uma vez que buscávamos investigar o fenômeno em todas as mesorregiões do estado, verificando também a distribuição das variantes identificadas, o que por si só nos dá uma dimensão espacial da distribuição das variantes nos municípios maranhenses.

Sendo assim, o aspecto diatópico segue sendo relevante e basilar para a realização de uma pesquisa dialetal, como a que aqui se propõe. Isso porque não é possível pensar a Dialetolegia sem o aspecto diatópico, uma vez que essa é a origem desse campo disciplinar (Cardoso, 2010). Logo, a investigação de algumas localidades selecionadas pelo Projeto ALiMA para a composição da rede de pontos foi fundamental para verificarmos até que ponto

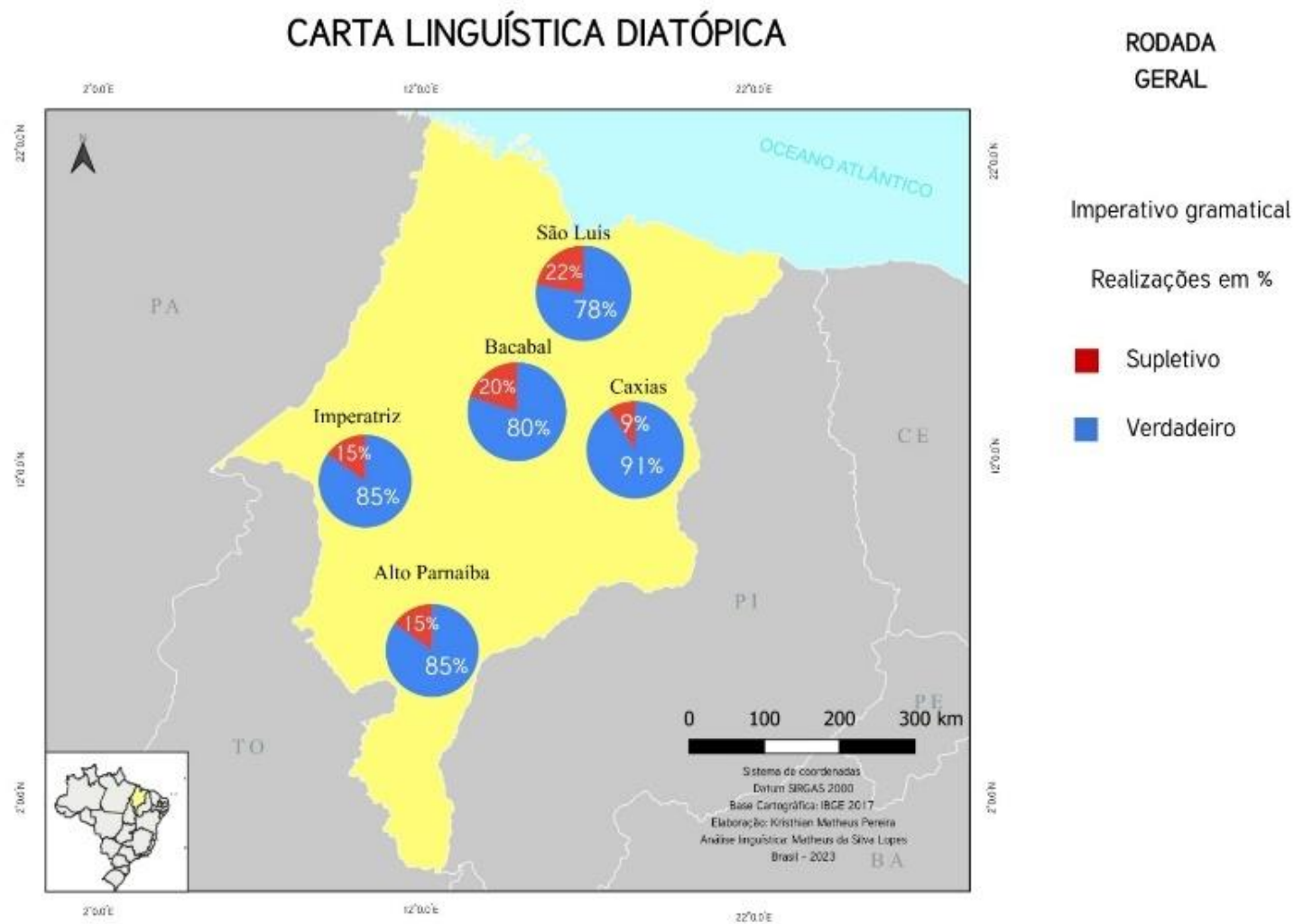
o fator diatópico interfere no uso variável do imperativo gramatical e como a distribuição das variantes ocorre no Maranhão.

Em resumo, vemos que esse fator não influencia a variação do imperativo no Maranhão, além de ratificar – ao menos percentualmente – que as formas associadas ao indicativo, isto é, o imperativo verdadeiro, aparentemente são as mais utilizadas pelos informantes em todo o estado.

A Carta Linguística 3, a seguir, cumpre um dos objetivos da pesquisa, que é o de elaboração de cartas linguísticas para melhor visualização do fenômeno a partir dos dados do Projeto ALiMA. A primeira de cinco cartas que trouxemos nesta seção apresenta a distribuição da variável dependente por localidade pesquisada, ainda que este não tenha sido um fator selecionado pelo *GoldVarb X*. A justificativa para a produção desta carta em específico se origina na perspectiva diatópica que é indissociável da língua sob a ótica da Dialetoлогия.

Assim, apresentamos a Carta Linguística 3, que contém os pontos pesquisados, bem como os percentuais relativos ao imperativo verdadeiro e ao imperativo supletivo por localidade.

Figura 9 — Carta Linguística 3 – variável diatópica.



Fonte: elaborada ad hoc pelo autor, com base no Banco de Dados do ALiMA.

3.3.2. Variável presença/ausência de pronome no contexto discursivo

Apresentamos agora a Tabela 6, referente à variável linguística presença/ausência de pronome no contexto discursivo.

Tabela 6 — Imperativo verdadeiro X presença/ausência do pronome no contexto discursivo.

PRONOME	VERDADEIRO		SUPLETIVO	
	OCORRÊNCIAS /TOTAL	PERCENTUAL	OCORRÊNCIAS /TOTAL	PERCENTUAL
Pronome <i> você</i> explícito	3/5	60%	2/5	40%
Ausência de pronome no contexto	180/221	81%	41/221	19%
Total	183/248	83%	43/248	17%

input: 0.854

significância: 0.017

Fonte: elaborada pelo autor.

Conforme o apresentado acima, apenas dois fatores desse grupo obtiveram percentuais a serem considerados: o *pronome você explícito* e a *ausência do pronome no contexto discursivo*. O fator *pronome tu/te/teu explícito* foi amalgamado às demais variantes em função dos *knockouts* apontados pelo programa. Ainda assim, a variante não foi produtiva para a rodada estatística geral²³.

Os contextos sem pronome explícito foram mais produtivos no que corresponde aos dados de imperativo verdadeiro e de imperativo supletivo. Para a primeira forma, registramos 81%, o que corresponde a 180 de 221 produções. Já para a segunda forma, houve apenas 19%, relativo a 41 sentenças.

Para o subfator ‘pronome você explícito’, foram computados 60% de aplicações para o imperativo verdadeiro e 40% de aplicações para o imperativo supletivo.

O interessante é que, apesar do maior quantitativo de sentenças no imperativo supletivo em contextos com pronomes explícitos ausentes, o percentual referente aos

²³ Como exposto na Tabela 6, a maioria das ocorrências foi de ausência de pronome. Convém dizer, no entanto, que registramos várias sentenças seguidas de *tu/te/teu/você* que, mesmo denotando um certo tom imperativo no discurso, foram classificadas como formas indeterminadas e, portanto, não foram incluídas na amostra geral.

contextos com ‘pronome você explícito’, em sentenças com imperativo supletivo, foi superior ao de ausência de pronome. Vejamos os dados:

Pronome *tu/te/teu* explícito²⁴

(36) Olha, viu, TE SOSSEGA aí, tu tá muito danado (Imperativo verdadeiro – MA01/8);

Pronome *você* explícito

(37) FICA onde você está [...] (Imperativo verdadeiro – MA01/8);

(38) Olha, você vai comprar uma balinha pra mim na mercearia. TRAGA a balinha pra mim, de menta... de qualquer coisa assim (Imperativo supletivo – MA16/1);

Ausência de pronome no contexto discursivo

(39) FAZ a merenda aí e vamo embora pro serviço (Imperativo verdadeiro – MA16/1);

(40) Êta, VALHA-ME, São Jorge! Não deixa nós morrer! (Imperativo supletivo – MA16/1).

Esperávamos que a variável em questão fosse escolhida pelo *GoldVarb X*, dada a relevância e a especificidade desse grupo de fatores no Maranhão. Oliveira (2017) especula que o acentuado uso de imperativo verdadeiro em São Luís se dê em virtude da predominância do pronome *tu* na capital. Segundo ela, a grande maioria das capitais nordestinas utiliza o pronome *você*, sendo São Luís uma exceção. Isso favoreceria o uso do imperativo verdadeiro, já que, possivelmente, o pronome *tu* motiva o emprego dessa variante.

Carvalho (2020) também evidencia algo semelhante ao afirmar que tanto o pronome *tu* quanto o pronome *você* estão presentes na região Nordeste, apontando a variação existente entre as variantes. Embora não mencione o uso de *tu* no Maranhão ou sua predominância em São Luís, o estudo de Carvalho (2020) demonstra que o aspecto pronominal é relevante para a variação do imperativo no Brasil.

O estudo de Alves (2015) pode corroborar com a hipótese de Oliveira (2017) acerca do pronome *tu*. Apesar de não ser esse o foco da pesquisa, Alves (2015) cita em nota que a maioria das formas imperativas registradas em sua amostra se deram quando associadas ao indicativo, resultado esperado em contextos de *tu*. Cita, também, o registro de uma ocorrência de imperativo associado ao subjuntivo quando na presença do pronome *você*, isto é, segundo

²⁴ Ratificamos a ausência de exemplo de imperativo supletivo para o subfator *pronome tu/te/teu explícito* pelo fato de não ter havido ocorrências com essa variável dependente em nenhum dos municípios pesquisados, razão pela qual o *GoldVarb X* apontou *knockout* para esse subfator.

Alves (2015, p. 88) “é amplo o registro do imperativo associado ao indicativo, mas ele não ‘inibe’ a variação [de formas no subjuntivo]. Vejamos o dado: “Não, nunca mais. E eu nem quero que mais VOCÊ TOQUE nesse assunto!”.

Em resumo, ainda que a variável não tenha sido selecionada pelo programa, analisar os detalhes intrínsecos aos dados nessa perspectiva é interessante e necessário, pois revela que, aparentemente, no Maranhão, a expressão variável do imperativo pode ter relação com a variação pronominal de segunda pessoa. Acreditamos que um maior aprofundamento da correlação entre o fenômeno e o efeito dessa variável pode chegar a um resultado mais seguro e consistente. Pesquisas como a de Scherre et al (2003) apontam que a relação da variação pronominal é muito ligada à variação do imperativo no Brasil.

3.3.3. Variável tipo de discurso

Neste tópico, apresentamos os dados referentes à variável *tipo de discurso*, que compreende os subfatores *discurso semidirigido* e *discurso livre*. A grande parte dos dados é de discurso semidirigido, ou seja, diretamente condicionado pela entrevista, respostas às questões do inquérito. Já os discursos livres foram considerados por nós como aqueles que não necessariamente são respostas diretas à pergunta, mas informações complementares ou que contextualizam algum item que tenha sido respondido pelo informante ou, ainda, interações dos informantes com pessoas que estavam próximas no momento da realização das entrevistas.

A seguir, a Tabela 7 ilustra os dados estatísticos gerados pelo programa para esse grupo de fatores:

Tabela 7 — Imperativo verdadeiro X tipo de discurso.

TIPO DE DISCURSO	VERDADEIRO		SUPLETIVO	
	OCORRÊNCIAS /TOTAL	PERCENTUAL	OCORRÊNCIAS/ TOTAL	PERCENTUAL
Semidirigido	174/209	83%	35/209	17%
Livre	31/39	80%	8/39	21%
Total	205/248	83%	43/248	17%

input: 0.854
0.017

significância:

Fonte: elaborada pelo autor.

Pelos resultados, os discursos semidirigidos tiveram expressivo percentual de ocorrência para o imperativo verdadeiro. Foram computados 83% de ocorrências, o mesmo valor da frequência média de aplicações. Esse valor é equivalente a 174 ocorrências de um total de 209 produções registradas nesse subfator. Já os discursos livres registraram a marca de 80%, referentes às 31 aplicações de imperativo verdadeiro dentre as 39 produções dos informantes. Contudo, esse último percentual está ligeiramente abaixo da média calculada pelo programa, o que poderia indicar desfavorecimento de formas associadas ao imperativo verdadeiro em discursos livres.

Para o imperativo supletivo, uma situação diferente acontece: os discursos semidirigidos têm um número mais expressivo de ocorrências, seu percentual é de 17%, o que coincide com a média apresentada pelo programa; contudo, os discursos apresentam menor quantitativo de aplicações, mas seu percentual é maior (21%), semelhante ao que aconteceu com o grupo de fatores *presença/ausência de pronome no contexto discursivo*.

Com base nisso, em termos percentuais, o imperativo verdadeiro seria mais favorecido em contextos de discursos semidirigidos, enquanto o imperativo supletivo seria motivado por ambos os contextos, embora seja mais forte em discursos livres. No entanto, assim como nas demais variáveis não-selecionadas, a ausência de um PR nos impossibilita de chegar a resultados mais conclusivos.

Em relação à variável *tipo de discurso*, optamos por controlá-la em virtude da verificação do monitoramento linguístico (Labov, 2008 [1972]; Coelho et al, 2015), que normalmente ocorre em contextos de formalidade ou de [- distanciamento] (Scherre et al, 2007). No caso do ALiMA, a coleta de dados foi realizada por meio do questionário linguístico, de acordo com o que preconiza a Dialetologia (Cardoso, 2010). Em um contexto de inquérito, os pesquisadores buscam obter as respostas esperadas com a maior naturalidade possível, identificando as variações linguísticas e constituindo um recorte da realidade linguística dos falantes de uma comunidade. Contudo, os falantes podem acabar monitorando as falas em alguns momentos, sobretudo por não terem proximidade com os inquiridores, gerando o paradoxo do observador, razão pela qual deve-se evitar quaisquer formas de intimidação ou influências negativas relacionadas à presença dos pesquisadores (Labov, 2008 [1972]).

A seguir, trazemos alguns exemplos ilustrativos de imperativo verdadeiro e de imperativo supletivo para os dois subfatores da variável em análise:

Discursos semidirigidos

- (41) Ai, papai, DEIXA de ser cafona! (Imperativo verdadeiro – MA01/3);
- (42) Não, CRIE seus filhos (Imperativo supletivo – MA01/4);

Discursos livres

- (43) ANDA, meu filho, SENTA pra cá! (Imperativo verdadeiro – MA12/4);
- (44) DÊ um serviço pra trabalhar, que tá com necessidade e não tem outro meio (Imperativo supletivo – MA10/1).

Sabendo disso, aventamos a hipótese de que os discursos livres favoreceriam o imperativo verdadeiro por serem mais espontâneos que os discursos semidirigidos cujos temas eram propostos pelo questionário. Tal hipótese acabou não sendo totalmente confirmada, uma vez que o grupo de fatores não foi selecionado pelo *GoldVarb X* e os percentuais não são suficientes para afirmarmos o favorecimento ou a inibição de quaisquer das formas coocorrentes de imperativo – embora, os valores percentuais geram a especulação de que o imperativo verdadeiro seria mais favorecido em discursos semidirigidos e o supletivo em ambos os subfatores.

3.3.4. Variável paralelismo linguístico

Para o paralelismo linguístico, como mencionado na seção de metodologia, foram estabelecidos quatro fatores de análise, devidamente codificados para a geração de resultados estatísticos no *GoldVarb X*: a forma isolada, a primeira forma da série, a forma precedida de indicativo e a forma precedida de subjuntivo. Durante as rodadas, o programa apontou *knockouts*, o que fez com que precisássemos amalgamar o subfator *forma precedida de subjuntivo* com o subfator *forma isolada*, que não apresentou variações no contexto de imperativo supletivo e apresentou apenas dois registros, sem excluir os dados no processo de geração de estatísticas no *GoldVarb X*, apenas retirando-os da contagem total no programa.

Feitas essas considerações, apresentamos a Tabela 8:

Tabela 8 — Imperativo verdadeiro X paralelismo linguístico

PARALELISMO	VERDADEIRO		SUPLETIVO	
	OCORRÊNCIAS /TOTAL	PERCENTUAL	OCORRÊNCIAS/ TOTAL	PERCENTUAL
Forma isolada	164/201	82%	37/201	18%
Primeira da série	19/21	91%	2/21	10%
Forma precedida de indicativo	20/24	83%	4/24	17%
Total	203/246	83%	43/246	18%

input: 0.854 *significância:*
0.017

Fonte: elaborada pelo autor.

A maioria dos dados de imperativo verdadeiro é de *primeira forma da série* (91%), isto é, aquelas formas que iniciam as sequências discursivas. Logo depois, segue-se a *forma precedida de indicativo* (83%), cujo percentual coincide com a média de ocorrências, e, por último o subfator *forma isolada* (82%).

As primeiras formas da série detêm o maior percentual de aplicações para o imperativo verdadeiro, o que talvez indique a associação dessas formas num discurso para o encadeamento com outras sentenças de imperativo verdadeiro. Em quase todas as sentenças coletadas, essa afirmação se mostrou verdadeira.

As formas precedidas de indicativo somam 20 ocorrências (83%) para imperativo verdadeiro. Ou seja, as formas precedidas de indicativo ocorreram, em sua maioria, após outras formas indicativas no início da série, pois, assim como no fator *primeira da série*, a quantidade de registros é expressiva, 164 de 201 sentenças.

Por fim, o subfator *forma precedida de indicativo* foi computado com 83%, referente a 20 sentenças produzidas, a maior quantidade registrada após as formas isoladas. O interessante é que o percentual coincide com o da média de frequência e os valores registrados têm relação com as primeiras formas da série, uma vez que os registros evidenciam a motivação das formas precedidas de indicativo em decorrência de a primeira forma da série ser, em geral, uma forma associada ao indicativo.

A seguir, apresentamos alguns exemplos dos três subfatores e também as únicas ocorrências da *forma precedida de subjuntivo*:

Forma isolada

- (45) Pai, COMPRA uma bicicleta pra mim? (Imperativo verdadeiro – MA16/3);
 (46) ME DÊ um copo com água (Imperativo supletivo – MA01/2);

Primeira da série

- (47) Menino, VAI socar arroz, vai encher água, vai rachar lenha! (Imperativo verdadeiro – MA16/3);
 (48) Êta, VALHA-ME, São Jorge, não deixa nós morrer! (Imperativo supletivo – MA16/3);

Forma precedida de indicativo

- (49) ENCOSTA, FECHA a porta (Imperativo verdadeiro seguido de verdadeiro – MA12/1);
 (50) FICA onde você está [...], não, NÃO SE PREOCUPE, não fique com medo (Imperativo verdadeiro seguido de supletivo – MA01/8);

Forma precedida de subjuntivo

- (51) TRAGA uma guaraná pra mim ou ME DÊ uma guaraná (Imperativo supletivo seguido de verdadeiro – MA01/5);
 (52) ACORDE, eh... LEVANTE mais cedo (Imperativo supletivo seguido de supletivo – MA01/4).

Aqui encerramos a subseção destinada a tratar das variáveis não selecionadas pelo programa durante as rodadas estatísticas. No tópico seguinte, apresentamos os dados da capital, rodados separadamente devido à quantidade maior de informantes e à especificidade na variável diastrática.

3.4. São Luís

A capital do estado do Maranhão, como já dito na seção de metodologia, é a única entre as localidades escolhidas para o desenvolvimento de nossa pesquisa que possui duas escolaridades entre os informantes: fundamental e universitária. Dessa forma, no momento em que os dados foram transcritos para o *GoldVarb X*, essa variável foi adicionada na codificação, bem como no arquivo de condições gerado pelo programa. Nos demais

municípios, em razão da presença apenas da escolaridade fundamental, esta variável não foi considerada para os dados rodados no programa.

Devido a *knockouts* nas primeiras tentativas, foi necessário desconsiderar a variável *presença/ausência de pronome no contexto discursivo*, visto que não havia variação nesse grupo. Além disso, o fator *forma precedida de subjuntivo* no grupo *paralelismo linguístico* precisou ser amalgamado, tal qual na rodada geral, em virtude da quantidade insuficiente de dados de imperativo supletivo para esse fator e a consequente ausência da variação. O interessante aqui, para além do que nos dizem os dados, é notar que o programa selecionou duas variáveis sociais e uma variável linguística como mais importantes para o condicionamento do fenômeno pesquisado.

Assim como foi feito na rodada geral de análise, apresentamos inicialmente as variáveis selecionadas pelo programa, na rodada em separado realizada em São Luís, a saber: *diassexual*, *polaridade da sentença* e *diageracional*, respectivamente e, na sequência, as variáveis não-selecionadas.

3.4.1. Variável diassexual

A Tabela 9 abaixo apresenta os resultados obtidos a partir da melhor rodada, com ênfase para o primeiro dos grupos de fatores selecionados, seus percentuais e pesos relativos.

Tabela 9 — Imperativo verdadeiro X sexo em São Luís.

SEXO	OCORRÊNCIAS/TOTAL	PERCENTUAL	PR
Feminino	38/57	67%	0.26
Masculino	45/49	92%	0.77
Total	83/106	78%	<i>Range: 0.51</i>

input: 0.849

significância: 0.010

Fonte: elaborada pelo autor.

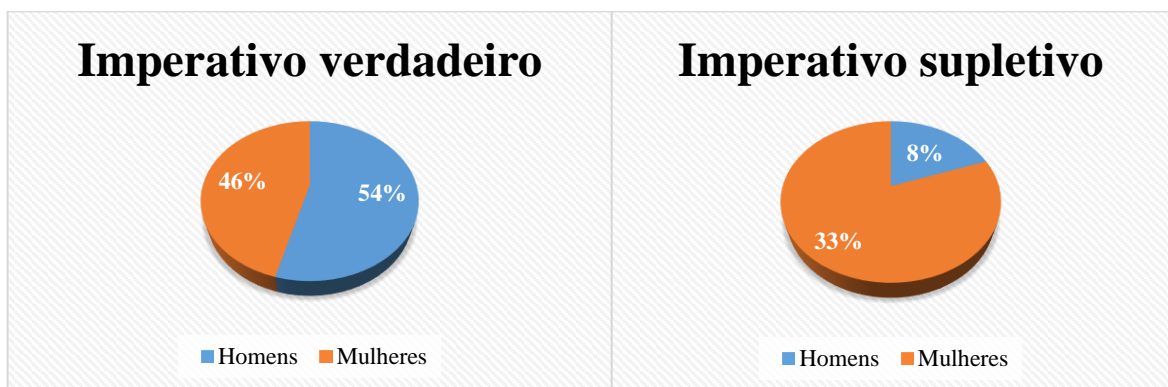
Ao todo, foram coletados 106 dados na cidade de São Luís. Analisando a tabela em função do imperativo verdadeiro, vemos que os homens produziram 45 sentenças com essa forma do fenômeno variável, de um total de 49 produções o que corresponde a 92% desse

total e um peso relativo de 0.77. Já as mulheres tiveram 38 ocorrências de imperativo verdadeiro, de um total de 57 produções. O percentual gerado por elas é de 67% e o peso relativo é de 0.26. O *input* para essa rodada foi de 0,849 e a significância, ou seja, a probabilidade de que o fenômeno estudado ocorra de maneira aleatória, é de 0,010, muito baixa; além disso, mostra que os dados são confiáveis. O *range* é de 0.51, uma expressiva diferença entre os pesos relativos que demonstra a força do fator diassexual para a variação do imperativo em São Luís, semelhante ao que foi obtido na rodada geral.

A partir desses resultados, é possível perceber que os homens favorecem mais a realização do imperativo verdadeiro. O percentual dos homens para o imperativo verdadeiro está muito acima da média de ocorrência dessa forma no grupo de fatores analisado, muito embora o total de produção dos informantes do sexo masculino tenha sido de 49 sentenças contra 57 dados realizados pelas mulheres.

A seguir, apresentamos o Gráfico 8, que ilustra melhor os dados de imperativo verdadeiro e os de imperativo supletivo.

Gráfico 5 — Imperativo verdadeiro e supletivo X sexo em São Luís, em percentuais.



Fonte: elaborados pelo autor.

Em contraste com o imperativo verdadeiro, o imperativo supletivo mostra produções quantitativamente menores, com 4 ocorrências entre os homens e 19 entre as mulheres. Para os homens, o percentual é de 8% e para as mulheres, de 33%. Nesse caso, o sexo feminino favorece mais o uso de imperativo supletivo em São Luís, o que também se mostra um dado interessante se considerarmos que a hipótese geral da pesquisa é a de maior uso do imperativo verdadeiro, embora não a denominemos como variedade de prestígio, pois isso implicaria dizer que há, aparentemente, uma avaliação social positiva para o imperativo verdadeiro e uma negativa para o imperativo supletivo. Não sabemos ao certo se esse é o caso no

Maranhão, uma vez que não podemos assegurar com certeza tal afirmação, por se tratar de uma pesquisa com dados de produção.

A esse respeito, Faria e Scherre (2022) afirmam que o fenômeno de variação do imperativo, em geral, não sofre estigmatização, pois ambas as formas são utilizadas no Brasil de modo que a avaliação e percepção dos falantes gera um juízo de valor negativo. Nessa mesma pesquisa, no entanto, as autoras afirmam ter conversado com as professoras Loremi Loregian-Penkall (representando a região Centro-Oeste), Josane Moreira de Oliveira e Cibelle Corrêa Béliche Alves (ambas representando a região Nordeste) sobre a percepção da forma imperativo supletivo. A primeira, nascida em Santa Catarina, disse às pesquisadoras que o imperativo supletivo tem relação com o traço [+ distanciamento], uma vez que, para ela, essa forma expressaria um comando mais incisivo, como em “olhe para mim”, não havendo possibilidade de uma dupla interpretação e nem mesmo relação aparente de proximidade entre os interlocutores. A segunda, por ser soteropolitana e pelo fato de o imperativo supletivo ser majoritariamente utilizado em Salvador, não demonstrou estranheza diante de sentenças como “olhe para mim”, dado que a forma vernácula para o imperativo na maioria das capitais nordestinas é o imperativo supletivo (Oliveira, 2017; Faria; Scherre, 2022). Já a terceira, assim como a professora Loremi Loregian-Penkall, afirmou que o imperativo supletivo no Maranhão tem mais relação com o distanciamento, dado que essa não é a forma utilizada por ela e nem por aqueles que estão em seu círculo de convivência. Portanto, a impressão passada seria de ordem mais forte, algo intimidador (Faria; Scherre, 2022).

Embora se diga que não há avaliação social negativa, trabalhos como o de Faria e Scherre (2022) e os depoimentos das professoras-pesquisadoras levantam considerações interessantes que podem ajudar na compreensão do uso da expressão variável do imperativo no Brasil.

Vejamos algumas sentenças produzidas por informantes dos dois sexos investigados em São Luís:

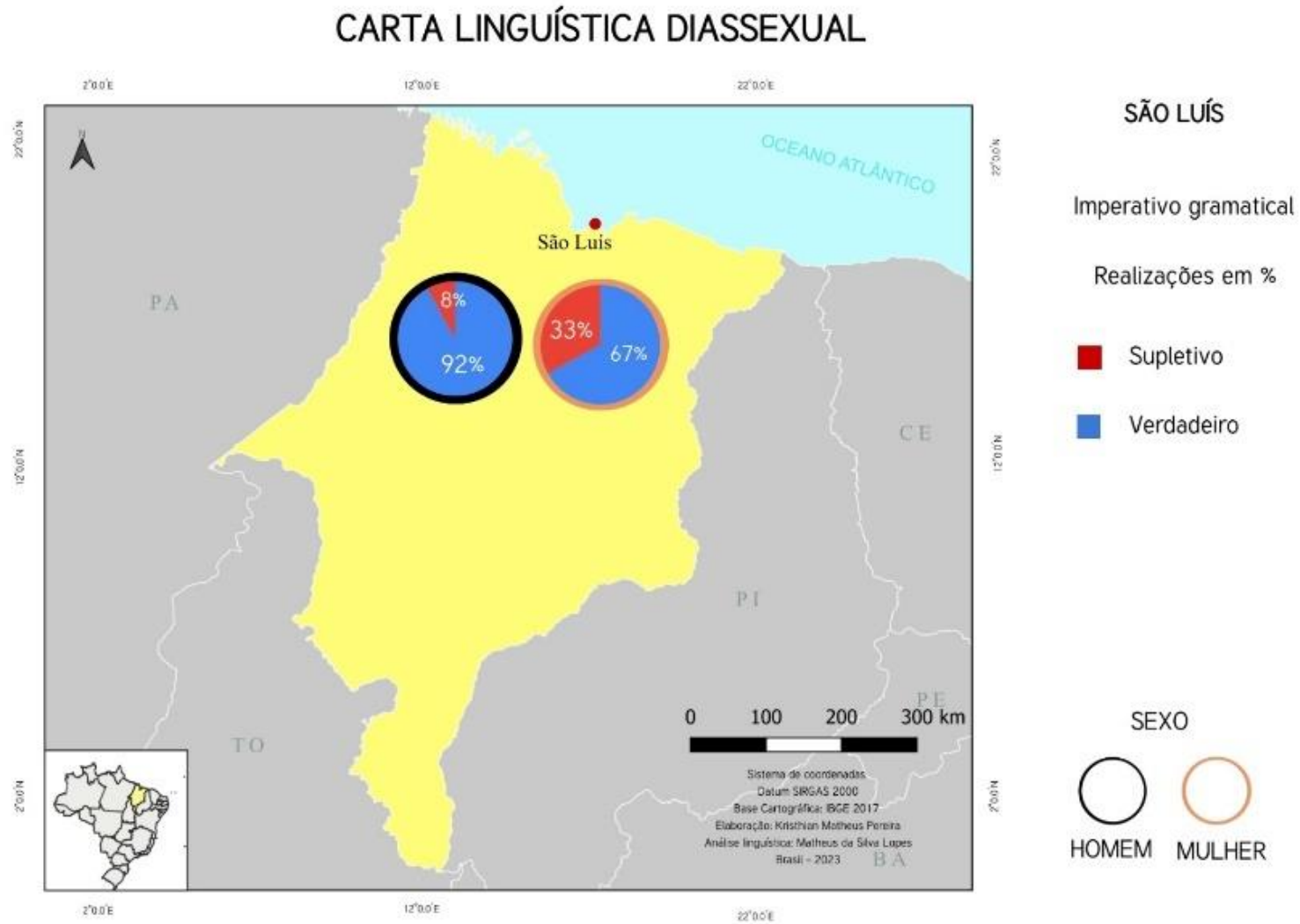
- (53) DEIXA isso de mão, rapaz, é pra fazer ali. DEIXA teu pai pra ali e VEM fazer pra cá
(Imperativo verdadeiro – MA01/1);
- (54) DEIXA de ser safado! (Imperativo verdadeiro – MA01/2);
- (55) Me sirva um guaraná (Imperativo supletivo – MA01/2);
- (56) E.! TRAZ um Guaraná Jesus aí pra mim! (Imperativo supletivo – MA01/3).

Supúnhamos que nesse grupo de fatores os homens seriam mais propícios ao uso do imperativo supletivo e as mulheres tenderiam a utilizar mais o imperativo verdadeiro. Entretanto, os dados mostraram o contrário: em São Luís, as mulheres tiveram mais produções do imperativo supletivo do que os homens, em termos percentuais, muito embora elas também utilizem bastante o imperativo verdadeiro (mais da metade percentual de ocorrências do supletivo, *cf.* Gráfico 9).

Como demonstrado na rodada geral, o aspecto diassexual constitui uma parte importante do fenômeno de variação do imperativo, visto que é muito utilizado em trabalhos com essa temática. A partir dos resultados obtidos aqui, é possível pensar que a variação do imperativo em São Luís é um fenômeno marcadamente social e muito atrelado ao sexo dos indivíduos, o que pode diferenciar a capital de outras cidades brasileiras e até mesmo de estados.

Para cumprir um dos objetivos deste trabalho – o de elaboração das cartas linguísticas –, apresentamos a Carta Linguística 4, que ilustra melhor os resultados da variável diassexual.

Figura 10 — Carta Linguística 4 – variável diassexual.



Fonte: elaborada ad hoc pelo autor, com base no Banco de Dados do ALiMA.

3.4.2. Variável polaridade da sentença

O segundo grupo de fatores selecionado pelo *GoldVarb X*, como o mais relevante para a variação do imperativo em São Luís, corresponde à variável linguística *polaridade da sentença*. Assim como na rodada geral, esse grupo foi selecionado pelo programa como importante condicionador para o fenômeno pesquisado, embora ocupe uma posição diferente na ordem de relevância em São Luís.

Na Tabela 10, apresentamos as informações acerca do imperativo verdadeiro quanto à polaridade da sentença:

Tabela 10 — Imperativo verdadeiro X polaridade da sentença em São Luís.

POLARIDADE	OCORRÊNCIAS/TOTAL	PERCENTUAL	PR
Afirmativa	77/93	83%	0.57
Negativa	6/13	46%	0.11
Total	83/106	78%	<i>Range: 0.46</i>
<i>input: 0.849</i>		<i>significância: 0.010</i>	

Fonte: elaborada pelo autor.

Com base nos dados expostos acima, podemos perceber que o imperativo verdadeiro na polaridade afirmativa foi bastante produtivo para todos os informantes. O PR dessa forma foi registrado como 0.57, um pouco acima do ponto neutro, mas ainda próximo do input de 0.849. Na polaridade afirmativa, há 77 ocorrências de 93 produções, que totalizam 83%. Esse percentual está acima da média de 78%, favorecendo, portanto, o uso das formas associadas ao imperativo verdadeiro na polaridade afirmativa. Quanto aos dados de polaridade negativa, o PR cai para 0.11, indicando desfavorecimento do imperativo verdadeiro nessa forma. Há um quantitativo de 6 ocorrências para imperativo verdadeiro, de uma soma de 13 produções, perfazendo 46%. A média para formas associadas ao imperativo supletivo é consideravelmente ultrapassada pelo fator *polaridade negativa*, tendo sido registrado em sua maioria em verbos como *dê* e *faça*²⁵.

Para exemplificar, trazemos algumas das produções dos informantes ludovicenses quanto à polaridade da sentença:

²⁵ Exemplos de verbos retirados do *corpus* de análise da pesquisa.

Polaridade afirmativa

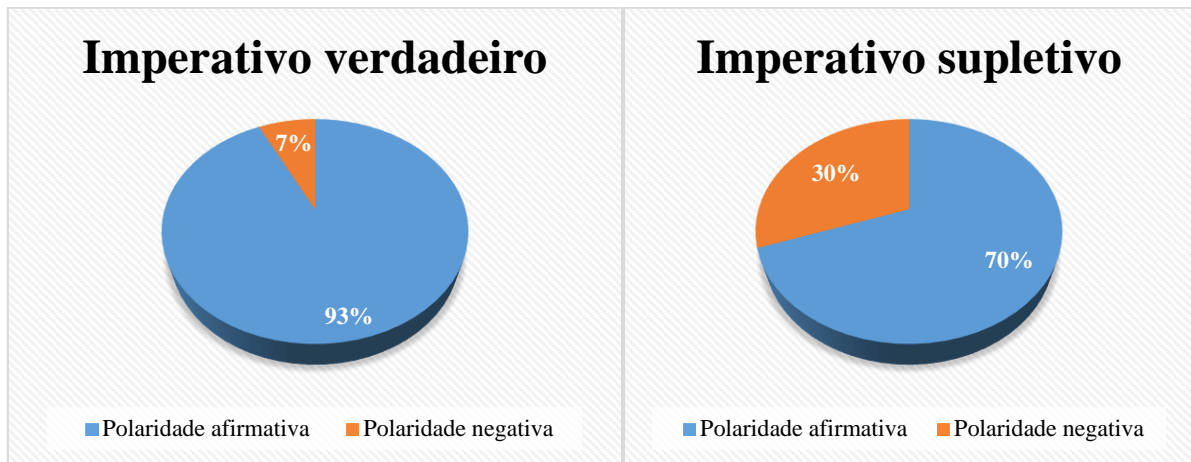
- (57) VAI nessa fé, meu filho (Imperativo verdadeiro – MA01/4);
 (58) Eu digo “me DÊ um guaraná” (Imperativo supletivo – MA01/6).

Polaridade negativa

- (59) NÃO FAÇA mais isso, não, que nem se compara (Imperativo supletivo – MA01/8);
 (60) NÃO FAÇA isso (Imperativo supletivo – MA01/4).

A seguir, o Gráfico 6, que apresenta as porcentagens relacionadas à variável *polaridade da sentença* em São Luís.

Gráfico 6 — Imperativo verdadeiro e supletivo X polaridade da sentença em São Luís, em percentuais.



Fonte: elaborados pelo autor.

A hipótese aventada para esse grupo, conforme mencionado na rodada geral, é a de que a polaridade afirmativa favoreceria o uso de imperativo verdadeiro na capital, algo que foi confirmado graças ao PR de 0.57 e às demais informações associadas a ele. Para a polaridade negativa, aparentemente, o imperativo supletivo não sofre inibição.

3.4.3. Variável diageracional

O último grupo selecionado corresponde à variável diageracional, cujos resultados são elencados pela Tabela 11, a seguir:

Tabela 11 — Imperativo verdadeiro X faixa etária em São Luís.

FAIXA ETÁRIA	OCORRÊNCIAS/TOTAL	PERCENTUAL	PR
Faixa I (18 a 30 anos)	24/33	73%	0.25
Faixa II (50 a 65 anos)	59/73	81%	0.62
Total	83/106	78%	<i>Range: 0.37</i>
<i>input: 0.849</i>		<i>significância: 0.010</i>	

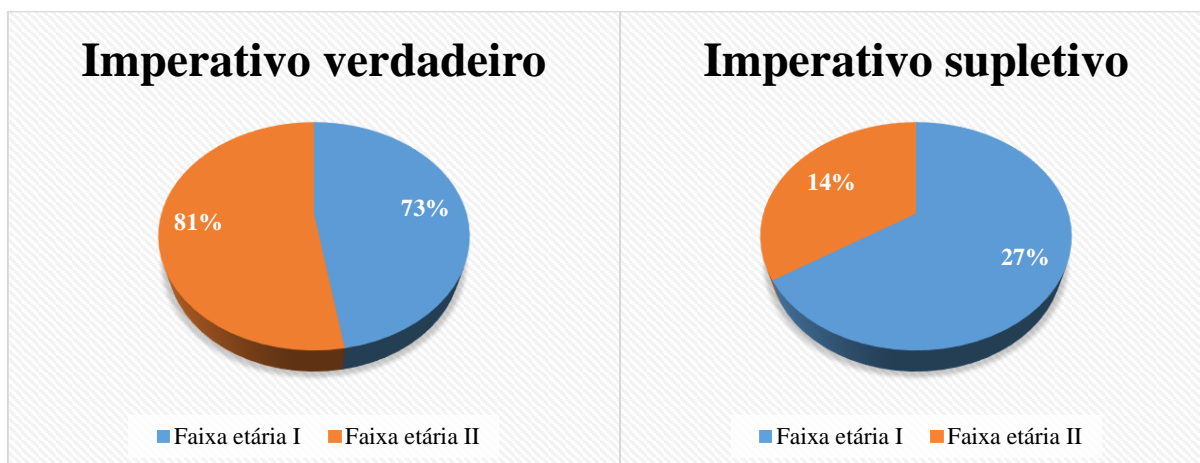
Fonte: elaborada pelo autor.

Conforme os dados, o imperativo verdadeiro mais uma vez obteve maior número de ocorrências em ambas as faixas etárias. O peso relativo foi de 0.28 para a faixa I, com percentual de 73%. Ainda que o imperativo verdadeiro tenha maior quantidade de sentenças e um percentual expressivo, os dados comprovam que a faixa etária I não favorece o uso dessa variante, ainda que os informantes mais jovens tenham expressiva ocorrência de imperativo verdadeiro na maioria das sentenças que produzem.

A faixa etária II registrou um PR de 0.67 e superou os mais jovens também em quantidade e percentual de produções com o imperativo verdadeiro. Foram 59 ocorrências de 73 produções e um total de 81% computados para a faixa em questão. Esse percentual ultrapassa ligeiramente a média e corrobora com o peso relativo para o favorecimento da faixa II quanto ao uso do imperativo verdadeiro. O *range* entre os pesos relativos é de 0.37, o que reforça a proximidade entre o *input* e o peso relativo do imperativo verdadeiro.

O Gráfico a seguir apresenta, de forma sucinta, os dados de imperativo verdadeiro e imperativo supletivo em função do fator diageracional em São Luís. Pelos resultados, observamos que os mais jovens se mostram mais produtivos quanto ao uso de formas supletivas.

Gráfico 7 — Imperativo verdadeiro e supletivo X faixa etária em São Luís, em percentuais.



Fonte: elaborados pelo autor.

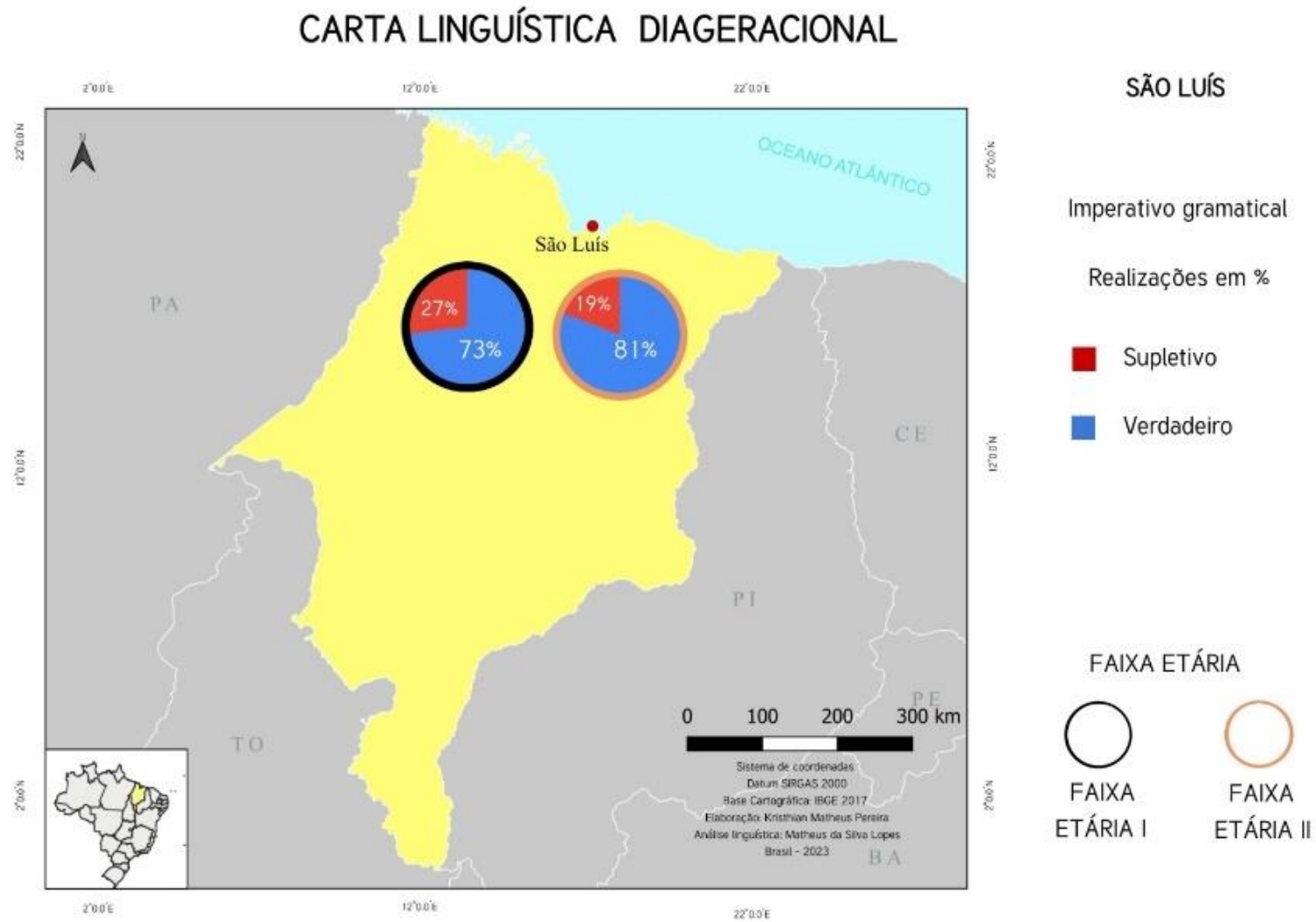
Para facilitar a visualização do fenômeno, citamos também alguns exemplos do imperativo verdadeiro e do imperativo supletivo de acordo com a variável diageracional:

- (61) A., INICIA daqui teu negócio. [...] Eu só te digo uma coisa: NÃO PARA (Imperativo verdadeiro – MA01/4);
- (62) CHAMA ele aí (Imperativo verdadeiro – MA01/5);
- (63) TRAGA um guaraná pra mim (Imperativo supletivo – MA01/5);
- (64) FAÇA o favor (Imperativo supletivo – MA01/1).

Assim como na rodada geral, a faixa etária se faz presente na variação do imperativo em São Luís, mostrando que o aspecto diasssexual e o aspecto diageracional podem ter alguma relação em estudos variacionistas. Evocando o que diz Cardoso (2009), a idade dos informantes também é um aspecto essencial para a composição da identidade dos falantes e, conseqüentemente, da comunidade onde estão inseridos. Fato é que Cardoso (2010) apresenta o traço diageracional como relevante para os estudos dialetológicos, investigando questões acerca do tempo aparente e dos diferentes usos da língua feitos por jovens e idosos.

Logo, alicerçado nos dados recolhidos e submetidos à análise estatística, podemos dizer que a hipótese levantada para essa variável foi confirmada, pois se imaginava que os informantes da faixa II utilizaram mais imperativo verdadeiro do que os informantes da faixa I. Contudo, o fato de ambos os grupos fazerem uso dessa variante de forma mais recorrente a hipótese geral da pesquisa: o Maranhão tem o imperativo verdadeiro como regra geral de aplicação.

Figura 11 — Carta Linguística 5 – variável diageracional.



Fonte: elaborada ad hoc pelo autor, com base no Banco de Dados do ALiMA.

Por fim, a Carta Linguística 5, acima, apresenta a variação do imperativo em São Luís mediante a variável diatópica.

Com isso, finalizamos os dados referentes às variáveis selecionadas pelo *GoldVarb X* como relevantes para a expressão variável do imperativo em São Luís, concluindo que esse fenômeno na capital é marcadamente social, tendo também influência linguística, isto é, interna.

A seguir, apresentamos as variáveis não-selecionadas pelo programa, evidenciando seus percentuais e quantidades de ocorrências, uma vez que não há valores de peso relativo.

3.4.4. Variáveis não-selecionadas pelo programa

Neste tópico, abordaremos as variáveis que não foram selecionadas pelo programa. São elas: variável diastrática, *presença/ausência de pronome no contexto discursivo* e *paralelismo linguístico*. No caso da variável *presença/ausência de pronome no contexto discursivo*, esta foi desconsiderada em razão de os dados serem quase todos de ausência de pronome explícito no contexto discursivo, não havendo como investigar os demais fatores desse grupo. Assim, abordamos somente a variável diastrática e o paralelismo linguístico.

3.4.4.1. Variável diastrática

Este foi um dos grupos de fatores não selecionados pelo programa e que nos surpreendeu, uma vez que o aspecto diastrático representado pela escolaridade era um dos pontos que estabelecia a diferença da coleta de dados do ALiMA entre a capital do estado e os demais municípios da rede de pontos do projeto.

Embora não tenha sido atribuído um peso relativo para essa variável, o programa apontou os percentuais e as quantidades de ocorrências para os dois fatores investigados. Essas informações constam na Tabela 12, a seguir:

Tabela 12 — Imperativo verdadeiro X escolaridade em São Luís.

ESCOLARIDADE	VERDADEIRO		SUPLETIVO	
	OCORRÊNCIAS/ TOTAL	PERCENTUAL	OCORRÊNCIAS/ TOTAL	PERCENTUAL
Fundamental	41/52	78%	11/52	21%
Universitária	42/54	79%	12/54	22%
Total	83/106	78%	23/106	22%

input: 0.849 *significância: 0.010*

Fonte: elaborada pelo autor.

A Tabela 12 mostra que houve pouquíssima diferença entre as quantidades de ocorrências e os percentuais gerados para a variável diastrática. Os informantes de escolaridade fundamental produziram 41 sentenças para imperativo verdadeiro, num total de 78%, enquanto os informantes de escolaridade universitária produziram 42 sentenças que totalizaram 79%. Contudo, os informantes de escolaridade universitária tiveram uma sentença a mais que os de escolaridade fundamental, o que elevou ligeiramente seu percentual. Considerando a média de 78%, em tese, a escolaridade universitária favoreceria mais o uso de imperativo verdadeiro. Contudo, dada a diferença percentual ser muito baixa, não é possível afirmar com exatidão o efeito da escolaridade.

Santos (2020) afirma que, em algumas comunidades rurais da Bahia, há frequente uso de imperativo verdadeiro, considerada uma forma tradicional nessas localidades, dado que o imperativo supletivo é o vernáculo em cidades como Salvador (Oliveira, 2017; Faria; Scherre, 2022). Segundo a autora, uma das explicações para isso está atrelada à escolaridade dos falantes. A hipótese aventada para o fator escolaridade pesquisado por Santos (2020) é que os falantes semialfabetizados favoreceriam o uso das formas subjuntivas devido ao contato com a escolarização.

Essa suposição foi comprovada, pois os dados mostraram que o português popular rural da Bahia utiliza formas de imperativo supletivo a partir de falantes que foram semialfabetizados. Em contrapartida, os falantes analfabetos inibiram essa forma, preferindo utilizar o vernáculo das comunidades investigadas, isto é, o imperativo verdadeiro (Santos, 2020).

Não apenas o trabalho mencionado, como diversos outros utilizam a variável diastrática no campo da escolaridade para a observação dos fenômenos variáveis. Isso ocorre porque a tendência é que a escola normatize linguisticamente o uso do português, tendo a

prescrição gramatical (uso do subjuntivo) como parâmetro para tal (Pereira; Araújo, 2016; Santos, 2020).

A seguir, alguns exemplos do *corpus* relacionados à escolaridade:

Escolaridade fundamental

- (65) Olha, se ACOSTUMA a fazer, APRENDE a cozinhar com tua mãe (Imperativo verdadeiro – MA01/3);
- (66) Me SIRVA um guaraná (Imperativo supletivo – MA01/2);

Escolaridade universitária

- (67) FECHE a porta (Imperativo supletivo – MA01/5);
- (68) DEIXA de ser acesume, DEIXA de ser assanhada (Imperativo verdadeiro – MA01/7).

Assim, a variável diastrática na presente pesquisa evidencia que, em geral, os dois níveis investigados fazem maior uso do imperativo verdadeiro, como mencionado nos parágrafos anteriores, e, apesar do menor número de ocorrências de imperativo supletivo, a diferença é mínima nas duas formas da variável dependente. Entre os dois níveis, os informantes de escolaridade universitária possivelmente favorecem mais o uso da forma supletiva e da forma verdadeira, algo que só poderia ser confirmado a partir do PR para cada variante. Acreditamos que essa baixa diferença nos dados de São Luís quanto à escolaridade tenha sido a causa de o *GoldVarb X* não ter selecionado essa variável como relevante para o fenômeno de variação do imperativo no Maranhão.

3.4.4.2. Variável paralelismo linguístico

Tal como ocorreu na rodada geral, o subfator ‘forma precedida de subjuntivo’ precisou ser amalgamado às demais variantes em virtude do baixo quantitativo de ocorrências. Assim, somente três fatores foram analisados nesse grupo, de acordo com os dados da tabela abaixo:

Tabela 13 — Imperativo verdadeiro X paralelismo linguístico em São Luís.

PARALELISMO	VERDADEIRO		SUPLETIVO	
	OCORRÊNCIAS/ TOTAL	PERCENTUAL	OCORRÊNCIAS/ TOTAL	PERCENTUAL
Forma isolada	60/78	77%	18/78	23%
Primeira da série	10/11	91%	1/11	9%
Forma precedida de indicativo	12/16	75%	4/16	25%
Total	82/106	78%	23	22%

input: 0.849 *significância: 0.010*

Fonte: elaborada pelo autor.

Conforme o exposto na Tabela 13, nos dados de imperativo verdadeiro, o subfator *primeira forma da série* é o que apresenta maior percentual (91%). Esse foi o único subfator que ultrapassou o índice de frequência relativa (78%). Os subfatores *forma isolada* e *forma precedida de indicativo* registraram 77% e 75%.

Já para o imperativo supletivo, a *forma precedida de indicativo* registrou o maior percentual (25%). Já a *forma isolada*, com maior número de ocorrências, apresentou percentual de 22%.

Embora não tenhamos os pesos relativos para essa variável, supomos que as conclusões da rodada geral sejam as mesmas para a rodada isolada de São Luís: a forma utilizada no início de uma cadeia discursiva influencia diretamente as formas posteriores. No caso do Maranhão, essas formas são de imperativo verdadeiro. Além disso, as formas isoladas, em grande medida, são também indicativas, reforçando a hipótese geral da pesquisa.

A variável *paralelismo linguístico* foi controlada neste trabalho a partir de observações apontadas por Scherre (2003, 2007) de que as formas iniciais da cadeia discursiva, em geral, motivariam o uso de formas semelhantes de imperativo ao longo da fala de um usuário. Cardoso (2009) aponta as mesmas conclusões às quais chegamos aqui, embora, em nosso caso, a variável não tenha sido selecionada pelo *GoldVarb X* como estatisticamente relevante.

A seguir, alguns exemplos ilustrativos da variável paralelismo linguístico nos dados de São Luís:

Forma isolada

- (69) TE JUNTA a nós aqui (Imperativo verdadeiro – MA01/7);
 (70) Fulano, LARGA de ser besta! (Imperativo supletivo – MA01/8);

Primeira da série

- (71) ENTRA aqui, tal, a senhora senta, segura... (Imperativo verdadeiro – MA01/8);
 (72) ACORDE, eh... Levante mais cedo (Imperativo supletivo – MA01/4);

Forma precedida de indicativo

- (73) Olha, E., não me LEVA a mal [...]. NÃO TE PREOCUPA, que na outra tarefa nós vamos fazer juntos (Imperativo verdadeiro seguido de verdadeiro – MA01/3);
 (74) FICA onde você está [...], não, NÃO SE PREOCUPE, não fique com medo (Imperativo verdadeiro seguido de supletivo – MA01/8);

Forma precedida de subjuntivo

- (75) TRAGA uma guaraná pra mim ou ME DÊ uma guaraná (Imperativo supletivo seguido de verdadeiro – MA01/5);
 (76) ACORDE, eh... LEVANTE mais cedo (Imperativo supletivo seguido de supletivo – MA01/4).

Aqui encerramos as considerações acerca das variáveis não-selecionadas pelo programa como relevantes para a expressão variável do imperativo no Maranhão. Obviamente, elas não deixam de ser pontos interessantes a serem considerados/observados, apenas não têm influência suficiente para estabelecer conclusões consistentes sobre a variação investigada. Outras variáveis poderiam ser incluídas em nosso estudo, algo que não optamos por fazer no momento, mas que pode ser realizado em futuros estudos, inclusive com outros municípios da Rede de Pontos do ALiMA ou mesmo com outras localidades que não façam parte da amostra linguística.

3.5. Considerações da seção

Esta seção esteve dedicada a trazer a análise dos resultados da rodada geral e da rodada específica realizada em São Luís. As conclusões são: i) a de que o Maranhão realiza sentenças imperativas majoritariamente com o imperativo verdadeiro, fazendo uso de

imperativo supletivo em menor escala; ii) a de que as variáveis diassexual, diageracional e *polaridade da sentença* são as que mais influenciam na variação do imperativo gramatical, seja na amostra geral, seja na rodada isolada de São Luís; iii) a de que nem todas as hipóteses levantadas por nós durante a concepção inicial do trabalho foram (totalmente) confirmadas, o que mostra a singularidade e especificidade do objeto de pesquisa e do *locus*.

A partir disso, vários outros fatores podem ser considerados e teorizados (sobretudo aqueles que não foram selecionados pelo *GoldVarb X*).

Inicialmente, é preciso considerar a posição geográfica do estado do Maranhão, uma vez que esse fator pode influenciar diretamente a maneira como a língua é usada nos municípios do estado. Estando localizado numa área de transição, não é de se espantar que, além das características geográficas, o Maranhão também apresente aspectos linguísticos diferentes dos que são tipicamente encontrados na região Nordeste (ALVES, 2015; OLIVEIRA, 2017; FARIA; SCHERRE, 2022). Isso se comprova a partir do acentuado uso de imperativo verdadeiro, que condiz com a hipótese geral do estudo aqui empreendido.

Em seguida, a partir dos dados coletados pelo Projeto ALiMA, é possível enxergar a variação do imperativo no Maranhão como um fenômeno aparentemente linguístico, a nível estadual; e social, a nível municipal (São Luís). Isso porque, em linhas gerais, a polaridade da estrutura é o fator que conduz a variação do imperativo nas sentenças produzidas pelos informantes pesquisados nos cinco municípios selecionados para este estudo. Já em São Luís, embora a polaridade também tenha sido relevante, o sexo dos indivíduos é a variável predominante, possuindo uma particularidade: os homens fizeram maior uso do imperativo verdadeiro (que, neste caso, consideramos como a regra de aplicação do fenômeno variável), enquanto as mulheres apresentaram maior uso do imperativo supletivo. Tal resultado contradiz a hipótese de que as mulheres utilizariam com mais frequência a forma verdadeira, refutando o que aventamos para o fator diassexual. Em relação às especificidades dos demais municípios, não realizamos rodadas isoladas com eles para afirmarmos qual das formas de imperativo seria mais utilizada. São Luís apresentou uma exceção pela quantidade maior de informantes e pelos dois níveis de escolaridade investigados pela equipe do atlas.

Por fim, as mesmas variáveis foram selecionadas tanto a nível local quanto a nível estadual. Dessa forma, o sexo e a idade dos indivíduos têm bastante peso quanto ao uso do imperativo gramatical nas sentenças do PB²⁶. Soma-se a isso a polaridade da estrutura que,

²⁶ Mais especificamente, os homens e os indivíduos da faixa etária II, grupos que fazem mais uso do imperativo verdadeiro.

em geral, favorece o imperativo verdadeiro quando afirmativa e o imperativo supletivo quando negativa.

Quanto aos fatores não-selecionados pelo *GoldVarb X*, o que podemos supor foi descrito nas subseções anteriores, mas, em resumo, o imperativo verdadeiro parece ser predominante em situações de a) ausência de pronome explícito, b) discursos semidirigidos, e c) nas primeiras formas de uma série de sentenças imperativas. Em termos de escolaridade, não foi possível fazer muitas inferências, dado que a diferença percentual do nível fundamental e do nível universitária é muito pouca.

É claro que estas são apenas suposições e há outras questões a serem consideradas, mas que não abordamos aqui dadas as limitações da pesquisa e também não as repetimos aqui de modo a não tornar a leitura redundante ou enfadonha.

Na seção seguinte, apresentamos as considerações finais deste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta breve seção versa sobre as considerações finais (ou nem tanto) desta pesquisa.

Apresentamos um trabalho de investigação científica sobre o fenômeno de variação do imperativo gramatical no estado do Maranhão ancorado nas teorias da Dialetologia e da Sociolinguística, a partir dos dados coletados pelo Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA) em seus inquéritos.

Foram selecionados cinco municípios dos dezesseis que compõem a rede de pontos do ALiMA, sendo um para cada mesorregião: São Luís (mesorregião Norte), Alto Parnaíba (mesorregião Sul), Bacabal (mesorregião Centro), Caxias (mesorregião Leste) e Imperatriz (mesorregião Oeste). A escolha dessas localidades se deu em razão de sua importância sócio-histórica, bem como pelas questões econômicas. Por meio dessa seleção, a ideia era termos uma visão geral e ilustrativa do comportamento da variação em todo o estado.

As variáveis controladas durante a pesquisa foram, em parte, estabelecidas pelo ALiMA (variáveis sociais) e, em parte, por nós (variáveis linguísticas). Foram 08 variáveis ao todo: quatro extralinguísticas – sexo, escolaridade, faixa etária e localidade – e quatro intralinguísticas – *paralelismo linguístico*, *polaridade da sentença*, *tipo de discurso* e *presença/ausência de pronome no contexto discursivo*. Com exceção de São Luís, todos os municípios apresentavam quatro informantes de escolaridade fundamental, sendo dois homens e duas mulheres²⁷. Houve um homem e uma mulher mais velhos e um homem e uma mulher mais jovens em quatro dos cinco municípios. Na capital, contudo, esse número dobrou e a escolaridade foi analisada em dois níveis: fundamental e universitária. O único grupo a apresentar mais de dois fatores de análise foi a variável linguística *presença/ausência de pronome no contexto discursivo*.

Optamos por utilizar o programa *GoldVarb X* para a quantificação dos dados, de modo a obter os resultados estatísticos que seriam de suma importância para a análise da variação. O programa é capaz de gerar os percentuais por grupos, em cada um dos fatores codificados, indicando as aplicações categóricas – chamadas de *knockouts* – e permitindo a exclusão ou amálgama das variáveis. Isso nos permitiu perceber quais grupos apresentam variação e quais não. Além disso, por meio do *step up/step down*, podemos descobrir se há grupos

²⁷ A capital dispunha de oito informantes: quatro de escolaridade fundamental e quatro de escolaridade universitária, sendo dois homens jovens e dois homens idosos, e duas mulheres jovens e duas mulheres idosas. Essa é uma diretriz utilizada em todas as capitais investigadas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), no qual o ALiMA se baseia e do qual faz parte.

influenciando mais o fenômeno em estudo ou se nenhuma das variáveis independentes tem influência sobre a variável dependente (nesse caso, o imperativo verdadeiro e o supletivo).

Por fim, os resultados obtidos foram apresentados na seção 3, na qual discorreremos sobre os significados das estatísticas e seu impacto no fenômeno que investigamos. Concluímos que o estado do Maranhão utiliza majoritariamente o imperativo verdadeiro no dia a dia. Obviamente, essa utilização recorrente não deve ser confundida, num primeiro momento, com uma forma prestigiada no estado, pois isso implicaria dizer que há uma avaliação social sobre o imperativo, a respeito da qual não pesquisamos neste trabalho. Além disso, foi possível observar que em ambas as rodadas – geral e isolada para São Luís – as variáveis diasssexual, diageracional e *polaridade da sentença* foram selecionadas pelo *GoldVarb X* como estatisticamente relevantes. O interessante é que são duas variáveis sociais e uma linguística, o que está diretamente ligado à questão do encaixamento, citado na seção teórica. Enquanto na rodada geral o fenômeno parece ser fortemente influenciado por um aspecto intralinguístico (*polaridade da sentença*), na capital, o aspecto extralinguístico (sexo e faixa etária) se sobressai na expressão variável do imperativo.

Isso não significa dizer que as demais variáveis não foram importantes, apenas não tiveram contribuições de muito peso, em termos estatísticos, nos dados dessas cidades e no que diz respeito a esse fenômeno em específico, o que sugere que os grupos destacados pelo *GoldVarb X* contribuem para o encaixamento social (no caso do sexo) na capital e para o encaixamento linguístico (no caso da polaridade da sentença) em ambas as cidades. Ademais, os cinco municípios selecionados para o estudo constituem apenas representações das mesorregiões em que estão alocados, uma vez que a amostra de fala de seus informantes não corresponde à totalidade da população dessas cidades e muito menos das mesorregiões que os municípios representam.

Empreender um trabalho sobre o imperativo no Maranhão não foi tarefa fácil, apesar dos resultados que encontramos. Os pesos relativos, gráficos, percentuais e tabelas expostos na seção anterior são fruto não somente da metodologia que empregamos aqui, mas também das leituras de outros autores, de teóricos da Dialetologia e da Sociolinguística, bem como de pesquisadores que já se debruçaram sobre a expressão variável do imperativo no Brasil e publicaram seus resultados, estudos esses que alicerçaram nossa própria pesquisa.

A relevância desse trabalho, como bem dissemos na introdução, reside no fato de que, no âmbito estadual, ainda não se tem registros de pesquisas que versem sobre a temática da variação do imperativo. Coutinho (2023), atualmente está desenvolvendo uma pesquisa de

iniciação científica sobre essa temática, o que já é um passo importante para a exploração e ampliação das discussões em torno do imperativo no Maranhão.

Assim, chegamos ao final deste trabalho com a certeza de que o estado do Maranhão possui uma rica variedade de uso da Língua Portuguesa, bem como os demais estados do Brasil, e que ainda há muito a pesquisar e aprofundar nos estudos linguísticos desse território. O imperativo é apenas mais um exemplo da variação linguística de caráter morfossintático presente no Maranhão. Futuramente, outras pesquisas podem atestar o mesmo ou até refutar nossos resultados e conclusões. O importante é que nosso trabalho não é definitivo e, como todo empreendimento científico, pode ser refutado e substituído por novas teorias e respostas. Esperamos, com este trabalho, ter contribuído para o entendimento do uso e funcionamento linguístico do português no Maranhão, sobretudo nos municípios selecionados para a pesquisa. Também torcemos para que nosso trabalho seja apenas o começo de um aprofundamento nos estudos sociolinguísticos e dialetológicos no estado e que suscitem mais discussões e debates acerca da variação do imperativo a nível estadual e local.

REFERÊNCIAS

ALTO DO PARNAÍBA. *Nossa história*. Disponível em <<https://www.altoparnaiba.ma.gov.br/cidades/cidades/>>. Acesso em: 06 mai 2023.

ALVES, Jeferson da Silva. *Imperativo: uma análise das variáveis sociais na língua falada de Salvador*. XI Semana de Mobilização Científica. Universidade Católica do Salvador: Salvador, 2008. Disponível em <<http://ri.ucsal.br:8080/jspui/handle/prefix/3484>>. Acesso em: 12 mai 2021.

_____. O imperativo gramatical em histórias em quadrinhos baianas. *Revista Philologus*, ano 14, nº 42, CiFEFiL, set./dez. Rio de Janeiro, 2008.

ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. *O uso do tu e você no português falado no Maranhão*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Linguística), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3606?mode=full>>. Acesso em: 12 set. 2020.

_____. *Pronomes de segunda pessoa no espaço maranhense*. Tese (Programa de Pós-Graduação em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19897/1/2015_CibelleCorr%c3%aaB%c3%a9licheAlves.pdf>. Acesso em: 20 set. 2021.

_____. *Projeto VarSint: variação morfossintática com base no português maranhense (projeto em andamento)*. Universidade Federal do Maranhão: São Luís, 2020.

AURELIANO, Érika Ramos de Lima; OLIVEIRA, Josane Moreira de. A variação linguística entre gênero/sexo nas redes sociais: uma breve análise do Facebook. *Letra Magna*, ano 13, nº 20, 1º semestre, 2017. Disponível em <<https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/magna/article/download/2264/1338/10115>>. Acesso em: 22 ago 2023.

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1962.

BACABAL. *Dados do município*. Disponível em <<https://www.bacabal.ma.gov.br/dados-do-municipio>>. Acesso em: 06 mai 2023.

BRAGA, Henrique Santos. *Construções imperativas no português brasileiro: uma análise funcionalista-cognitivista*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Artes e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-25082016-123209/publico/2016_HenriqueSantosBraga_VOrig.pdf>. Acesso em: 24 jun 2023.

CARDOSO, Daisy Bárbara Borges. O imperativo gramatical no português brasileiro. *Revista Estudos Linguísticos*, v. 14, nº 2, p. 317-340, jun./dez. Belo Horizonte, 2006.

_____. *Variação e mudança no português brasileiro: gênero e identidade*. Tese (Programa de Pós-Graduação em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/4311?mode=full>>. Acesso em: 15 jul 2020.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. A Dialetolegia. In: MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI JUNIOR, Celso. *Sociolinguística, sociolinguísticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacira Andrade. *Percursos da geolinguística no Brasil*. In: *Linguística*, vol. 29, nº 1, jun. 2013: 115-142. Montevideú, 2013. Disponível em <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2013000100006>. Acesso em: 30 maio 2020.

CARVALHO, Luís Fernando de. A expressão variável do imperativo no português brasileiro: uma análise sob o viés constitucional. *Domínios de lingu@gem*, vol. 15, nº 4, out-dez, Uberlândia, 2014. Disponível em <<https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/download/58615/31379/258464>>. Acesso em: 03 ago 2023.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTILHO, Pedro Henrique Mendes. *Um livro para ser entendido*. São Paulo: Outro Planeta, 2016.

CASTRO, Gabriel Pereira. *O dado linguístico e os fatores histórico-geográficos: o que mostra o léxico dos jogos e diversões infantis acerca do processo de povoamento do Maranhão*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras), Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022. Disponível em <<https://tede2.ufma.br/jspui/handle/tede/4485>>. Acesso em: 11 jul 2023.

CAXIAS. *Caxias, 181 anos de emancipação política*. Disponível em <<https://caxias.ma.gov.br/caxias-181-anos-de-emancipacao-politica/>>. Acesso em: 06 mai 2023.

CHAVES, Raquel Gomes. Princípio de saliência fônica. *Letrônica*, v. 7, nº 2, p. 522-550, jul./dez. Porto Alegre, 2014. Disponível em <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/17892>>. Acesso em: 13 jul 2023.

COELHO, Izete Lehmkhul [et al]. *Para conhecer: sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

COUTINHO, Lucas Brasil Sousa. *O imperativo gramatical no falar maranhense: o que dizem os dados*. Comunicação oral no VI Congresso Internacional de Letras. Evento remoto. Bacabal, 2023.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luis Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

DE SOUZA, Emerson Santos. O uso variável do imperativo de migrantes baianos em São Paulo. In: *Domínios de Linguagem*, v. 13, n. 4, p. 1433-1464, 14 dez. 2019. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/46843>>. Acesso em: 22 abril 2021.

ECKERT, Penelope. (ay) Goes to the city: exploring the expressive use of variation. In: GUY, Gregory R.; FEAGIN, Crawford; SCHIFFRIN, Deborah; BAUGH, John. *Towards a Social Science of Language – Papers in honor of William Labov*, v 1, pp. 46-68: Variation and Change in Language and Society. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1996.

EVANGELISTA, Elaine Meireles. *Fala, Vitória – a variação do imperativo em Vitória/ES e sua posição no cenário nacional*. Anais do Congresso Internacional da ABRALIN. João Pessoa, 2009. Disponível em <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Elaine%20Meireles%20Evangelista.pdf>. Acesso em: 14 abril 2021.

FARIA, Carolina Barroca; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Variação do imperativo gramatical no português brasileiro: representações em quadrinhos da Turma da Mônica Jovem e do Chico Bento Moço. *Ciência geográfica*, volume XXVI (3), jan./dez.: Bauru, 2022. Disponível em <https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXVI_3/agb_xxvi_3_web/agb_xxvi_3-23.pdf>. Acesso em: 13 jul 2023.

FERREIRA, Hilma Ribeiro Mendonça; PAES, Dahyane Alves Escobar Ribeiro. Os atos de fala nos textos instrucionais: uma proposta de leitura a partir da perspectiva interlocutiva. *Anais da 25ª Jornada nacional do GELNE*, 01-03 out. Natal, 2014. Disponível em <<http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2014/anexos/1184.pdf>>. Acesso em: 05 jun 2021.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2002.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana Maria Stahl. *Sociolinguística Quantitativa – Instrumental de análise*. 1ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Divisão geográfica do Brasil em regiões imediatas e regiões intermediárias*. Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/apps/regioes_geograficas/>. Acesso em: 13 jun 2021.

_____. *Cidades e Estados*. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/imperatriz.html>>. Acesso em 06 mai 2023.

IMPERATRIZ. *A cidade*. Disponível em <<https://imperatriz.ma.gov.br/portal/imperatriz/a-cidade.html>>. Acesso em: 06 mai 2023.

_____. *História de Imperatriz*. Disponível em <<https://imperatriz.ma.gov.br/portal/imperatriz/historia.html>>. Acesso em: 06 mai 2023.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno e M^a Marta Pereira Scherre. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LACERDA, Jean Carlos Silva. *A expressão variável do imperativo na fala de Fortaleza*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/16792>>. Acesso em: 04 jul 2023.

LOPES, Matheus da Silva; ALVES, Cibelle Corrêa Béliche; RAMOS, Conceição de Maria de Araujo. Manda brasa – um estudo quantitativo sobre a variação de sentenças imperativas em São Luís – MA. In: RIBEIRO, Celeste Maria da Rocha; SANCHES, Romário Duarte. *Estudos dialetais e sociolinguísticos no Brasil*, pp. 46-56. Rio Branco: Nepan Editora, 2021. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1JenoQY_NwYhZoDI9ktssJMBWQvNYB2kD/view>. Acesso em: 30 setembro 2021.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul*. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/22530>>. Acesso em: 06 agosto 2020.

MAPEAMENTO CULTURAL UFBA 2019. *Projeto ALiB – Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2019. Disponível em <<https://mapeamentocultural.ufba.br/projetos-de-pesquisa/projeto-alib-atlas-linguistico-do-brasil>>. Acesso em: 20 abril 2022.

MENON, Odete Pereira da Silva; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil. In: VANDRESEN, Paulino. (org.) *Variação e mudança no português falado da região sul*, pp. 147-188. Pelotas: EDUCAT, 2002. Disponível em <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Livros/Variacao_e_mudanca.pdf>. Acesso em: 10 agosto 2020.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In.: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*, p. 43-51. São Paulo: Contexto, 2003.

NOVAIS, Viviane Silva de; SIQUEIRA, Manoel. A variável sexo/gênero no português falado no sertão alagoano. In: *Leitura*, nº 66, set/dez 2020, p. 35-50. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/346967043_A_variavel_sexogenero_no_portugues_falado_no_sertao_alagoano>. Acesso em: 22 abr 2023.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. *A expressão variável do imperativo gramatical nas capitais brasileiras*. Comunicação apresentada no Encontro Intermediário do GT de Sociolinguística da ANPOLL. Porto Alegre, PUC-RS, 4-6 nov. 2015.

_____. O imperativo gramatical nas capitais do Nordeste: análise sociolinguística de dados do ALiB. In: LOPES, Norma da Silva; OLIVEIRA, Josane Moreira de; PARCERO, Lúcia Maria de Jesus. (Orgs.). *Estudos sobre o Português do Nordeste: língua, lugar e sociedade*. P. 27-44. São Paulo: Blucher, 2017. Disponível em <<https://openaccess.blucher.com.br/article-details/o-imperativo-gramatical-20412>>. Acesso em: 21 mar 2021.

PAIM, Marcela Moura Torres. *Tudo é diverso no universo*. Salvador: Quarteto, 2019.

PAIVA, Maria da Conceição A. de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno, pp. 131-151. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa; ARAÚJO, Aluiza Alves. Considerações acerca da variável escolaridade e sua influência sobre a variação verbo-sujeito na 3ª pessoa do plural no português brasileiro. In: *Percursos Linguísticos*, v. 6, nº 12, p. 27-43, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/12242>>. Acesso em: 15 abr 2022.

RABELLO, Maria Guadalupe Dourado; SILVA JR., Leônidas José. O papel da estatística e de métodos quantitativos aplicados à (socio)linguística. *E-book VII CONEDU (CONEDU em Casa)*, v. 03, p. 1507-1526. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/74283>>. Acesso em: 22 abr 2021.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo. Variações lexicais no ALiMA. *Revista do GELNE*, v. 4, n. 2, pp. 1-5, 2 mar. 2016. Disponível em <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9083>>. Acesso em: 07 novembro 2020.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo. [et al] (org.). *Estudos sociodialetais do estado do Maranhão*. São Luís: EDUFMA, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* Companhia das Letras, 2018.

RIVERO, Maria Luisa. Negation, imperatives and the Wackernagel effects. *Rivista di Linguistica* 6.1, pp. 39-66, 1994.

RIVERO, Maria Luisa; TERZI, Arhonto. Imperatives, V-movement and logical mood. *Journal of Linguistics* 31.2, pp. 301-332, 1995.

SAMPAIO, Dilcéia Almeida. *Modo imperativo: sua manifestação/expressão no português contemporâneo*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Linguística). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

SANTOS, Lanuza Lima. Evidências sociolinguísticas sobre o uso do imperativo no interior da Bahia. *Estudos linguísticos e literários*, nº 68, p. 238-324, Salvador, 2020. Disponível em <<https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/41967>>. Acesso em: 04 jul 2023.

_____. *Fala (você/tu) ~ Fale (você/tu): a expressão variável do imperativo gramatical no português popular da Bahia*. Tese (Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/28787>>. Acesso em: 30 jul 2022.

SÃO LUÍS. *A cidade*. Disponível em <<https://www.saoluis.ma.gov.br/saoluis/54/a-cidade>>. Acesso em: 06 mai 2023.

_____. *Breve histórico*. Disponível em <<https://www.saoluis.ma.gov.br/saoluis/55/breve-historico>>. Acesso em: 06 mai 2023.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. [et al]. Phonic parallelism: evidence from the imperative in Brazilian Portuguese. In: PARADIS, C. [et al] (Eds.). *Papers in Sociolinguistics. N.WAVE-26 à l'Université Laval*, p. 63-72. Québec: Nota Bene, 1998.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Paralelismo linguístico. *Revista Estudos Linguísticos*, vol. 7, nº 2, p. 29-59, jul./dez. Belo Horizonte, 1998.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. [et al]. Restrições sintáticas e fonológicas na expressão variável do imperativo no português do Brasil. *II Congresso Nacional da ABRALIN e XIV Instituto Lingüístico*, pp.1333-1347. Florianópolis: Taciro – Produção de Cds Multimídia, 2000.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; BRASIL, Eduardo. Norma e uso na variação do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. *I Encontro Nacional do GELCO (Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste)*. Campo Grande: UFMS, 2001.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Norma e uso na expressão do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. In: SILVA, Denize Elena Garcia da; LARA, Gláucia Muniz Proença; MENEGAZZO, Maria Adélia (orgs.). *Estudos de Linguagem – Inter-relações e Perspectivas*, p. 177-191. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003.

_____. Norma e uso – o imperativo no português brasileiro. In: DIETRICH, Wolf; NOLL, Volker. (Orgs.) *O Português do Brasil - Perspectivas da pesquisa atual*, p. 231-260. Linguística luso-brasileira: Vervuert/Iberoamericana, 2004.

_____. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo no português brasileiro. *Alfa*, 51 (1), pp. 189-222. São Paulo, 2007. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/26623379_Aspectos_sincronicos_e_diacronicos_d_o_imperativo_gramatical_no_portugues_brasileiro>. Acesso em: 02 set 2020.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. [et al]. Reflexões sobre o imperativo em português. *D.E.L.T.A.*, vol. 23, nº spe. São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502007000300010&script=sci_arttext>. Acesso em: 22 out 2020.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a [2005].

SCHERRE, Maria Marta Pereira.; ANDRADE, Carolina Queiroz; CATÃO, Rafael de Castro. Redesenhando o mapa dos pronomes tu/você/cê/ocê no português brasileiro falado. In:

Resumos expandidos das Comunicações Individuais do V Congresso Nacional de Estudos Linguísticos - CONEL. Vitória, 2019.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Um diálogo entre tradição, variação e preconceito: identidades silenciadas. In: PILATI, Alexandre; PILATI, Eloisa. (Orgs.). *Línguas, culturas e literaturas em diálogo: identidades silenciadas*, p. 9-50. São Paulo: Pontes, 2019.

_____. *Respeito linguístico: contribuições da Sociolinguística Variacionista*. Abralín ao Vivo – Linguists Online, 8 de julho de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=W4XqhsiB9IO>>. Acesso em: 10 jun 2021.

SILVA, Fabricio Brito [et al.]. Evidências de mudanças climáticas na região de transição Amazônia-Cerrado no estado do Maranhão. *Revista Brasileira de Metodologia*, v. 31, nº 3, 330-336, jul. 2016. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbmet/a/R6KJ69nmX3y9B9X6bRVMzhH/?lang=pt#>>. Acesso em: 03 ago 2023.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo, Ática, 2007.

TAVARES, Maria Alice. Mudança em dois períodos do século XX: inter-relacionando análises em tempo aparente. In: *Alfa*, 55 (2), p. 393-421, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/alfa/a/BqpQq5fLQSBWnbQP4qCx6Nb/?lang=pt>>. Acesso em: 25 abr 2022.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

APÊNDICE

APÊNDICE A – CODIFICAÇÃO DAS VARIANTES.

VARIÁVEL DEPENDENTE

Imperativo verdadeiro.....	V
Imperativo supletivo.....	I

VARIÁVEIS INDEPENDENTES EXTERNAS – Alternância

Sexo

Masculino	m
Feminino.....	f

Faixa etária

Faixa I.....	j
Faixa II.....	c

Localidade

São Luís	z
Alto Parnaíba.....	p
Bacabal.....	b
Caxias.....	k
Imperatriz.....	t

VARIÁVEIS INDEPENDENTES INTERNAS - Alternância

Presença/ausência do pronome no contexto discursivo

Pronome <i>Tu/te/teu</i> explícito.....	t
Pronome <i>Você</i> explícito	v
Ausência de pronome no contexto.....	q

Paralelismo linguístico (alternância)

Forma isolada..... **K**

Primeira da série.....**L**

Forma precedida de indicativo...**M**

Forma precedida de subjuntivo...**R**

Polaridade da sentença

Afirmativa.....**W**

Negativa.....**N**

Tipo de discurso

Semidirigido.....**H**

Livre.....**Y**